

MARGARETH CORNIANI MARQUES

**INTERAÇÃO NUMA COMUNIDADE VIRTUAL: IMPLICAÇÕES DA
COESÃO E DA COERÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas – Área de concentração: Estudos Linguísticos -, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Cristina L. Paniago Lopes.

TRÊS LAGOAS
2009

INTERAÇÃO NUMA COMUNIDADE VIRTUAL: IMPLICAÇÕES DA COESÃO E
DA COERÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas – Área de concentração: Estudos Linguísticos -, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

COMISSÃO JULGADORA

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Cristina L. Paniago Lopes

1º Examinador: Marlene Durigan

2º Examinador: Arlinda Cantero Dorsa

Três Lagoas, 28 de agosto 2009.

Aos meus pais, raízes sólidas:

Claudionete (cuja ausência está sempre presente em
nossas vidas) e

Maria, que sempre acreditou em mim.

Ao Itamar, meu esposo, o presente.

Às minhas doces filhas, Mariana, Tamara e Marina,
o futuro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, companheiro de todas as horas.

À administração superior da UFMS, pela oportunidade.

À FUNDECT, pelo apoio financeiro.

Ao meu orientador, Professor Doutor Dercir Pedro de Oliveira, pela dedicação, segurança e competência ao conduzir a orientação.

A minha coorientadora, Doutora Maria Cristina Lima Paniago Lopes, pela valiosa orientação na elaboração desta dissertação. A sua paciência, compreensão, carinho, incentivo e atenção foram imprescindíveis.

Aos professores do Mestrado em Letras do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do sul, pela competência para mostrar o caminho do conhecimento.

Aos integrantes do grupo de Pesquisa – GETED.

Às professoras doutoras Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento e Marlene Durigan, pelas valiosas sugestões e contribuições apontadas no exame de qualificação.

À professora Doutora Arlinda Dorsa, por apresentar presteza em contribuir na banca de defesa.

Em especial, às amigas Beá, Eva e Denise, pelos momentos de apreensão e alegrias.

MARQUES, Margareth Corniani. *Interação numa comunidade virtual: implicações da coesão e da coerência*. Três Lagoas: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009. 127 f. (Dissertação de Mestrado)

RESUMO

Este estudo integra a linha de pesquisa “Estudos Linguísticos” e tem como objetivo descrever e interpretar o processo de interação em uma comunidade virtual e algumas implicações em relação à coesão e coerência textuais. No âmbito mais específico, os objetivos são: identificar quais são os conectores, sua função e frequência, evidenciados nas trocas entre os participantes de uma comunidade virtual e analisar a relação entre o uso dos conectores e a intencionalidade. Participou deste estudo a comunidade virtual intitulada “Grupo de Pesquisas e Estudos em Tecnologia Educacional e Educação a Distância”, tendo como componentes professores, alunos e pesquisadores que utilizam o ambiente virtual de aprendizagem *moodle* e sua ferramenta de comunicação e informação fórum. Os dados foram coletados em textos produzidos em situações interativas ocorridas no período de fevereiro a julho de 2008. Quanto à metodologia de investigação, trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, com delineamento descritivo-explicativo, e teve como suporte teórico, os estudos da linguística textual e do funcionalismo. A análise dos dados demonstrou a presença marcante dos conectores sequenciais de adição e finalidade nas interações entre os participantes da comunidade. Os articuladores mais utilizados - “adição” e “finalidade” - foram decisivos para dar sentido ao texto, como também para as intenções ou finalidades dos atos comunicativos. O uso dos conectores evidencia a intencionalidade de quem escreve, ou seja, o objetivo de informar e argumentar durante as trocas. Portanto o uso dos articuladores e a intencionalidade mostraram-se intimamente ligados no processo de interação, no que diz respeito à promoção, participação, envolvimento e comprometimento do grupo. Os participantes da comunidade, por meio da interação, conseguiram construir discursos coesos e coerentes, tornando possível promover a participação e o senso de pertencimento, visando à troca de informação e conhecimento mútuo.

Palavras-chave: comunidade virtual; texto; conectores; interação.

ABSTRACT

This study follows the “Linguistic Studies” line of research and has as its aim describing and interpreting the process of interaction in a virtual community and some implications in relation to textual cohesion and coherence. Specifically, the aims are: identify the connectors, their function and frequency, which become evident in the exchanges among the participants of a virtual community and analyze the relationship between the use of the connectors and the intention of the user. In this study, the virtual community entitled “Research and Study Group in Educational Technology and Distance Teaching”, had as components, teachers, students and researchers who utilize the *moodle* virtual ambient of learning, its communication tool and the information forum. The data were collected from texts produced in interactive situations that occurred from February to July in 2008. As to the investigation methodology used, qualiquantative research was employed with an outline of descriptive-explicative methodology, and as theoretical support, studies of the textual linguistics and functionalism. The analysis of the data showed the marked presence of sequential connectors of addition and finality in the interactions among the participants of the community. The articulators most used – “addition” and “finality” were decisive for giving meaning to the text, as well as for the intentions or finalities of the communicative acts. The use of connectors made evident the intentionality of who was writing, or rather, the aim of informing and arguing during the exchanges. However, the use of the articulators and intentionality were seen to be intimately linked in the interaction process as to promotion, participation, involvement and commitment of the group. The participants in the community, through interaction, managed to construct cohesive and coherent discourses, making it possible to promote participation and the sense of belonging, envisioning the mutual exchange of information and knowledge.

Key words: virtual community; text connectors; interaction.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Perfil da comunidade.....	17
Quadro 2 -	Comparação conceitual entre aprendizagem colaborativa e cooperativa	44
Quadro 3 -	Total das ocorrências dos articuladores	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
I. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
1.1 Local da pesquisa: metodologia da coleta de dados	14
II. A LINGUÍSTICA TEXTUAL E OS PRINCÍPIOS DE COESÃO E COERÊNCIA....	18
2.1 Linguística textual	18
2.2 Texto: o que é?.....	21
2.3 Texto: espaço de interação	24
2.4 Coesão e coerência textual	26
2.4.1 Elementos coesivos	29
2.4.2 Fatores de contextualização	33
III. COMUNIDADES: ORIGENS E CARACTERÍSTICAS	37
3.1 Comunidades virtuais	37
3.2 Recursos tecnológicos de comunicação	41
3.3 Colaboração e cooperação	43
3.4 Interação	45
3.5 Máximas conversacionais de Grice	47
IV. DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS ARTICULADORES	49
4.1 Conectores: relação com a intencionalidade	49
CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
ANEXO 1.....	82
ANEXO 2	126

INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a linguagem é o meio pelo qual a comunicação humana se estabelece e, portanto, constitui-se como fonte de ação e de interação humana, pois toda interação comunicativa ocorre a partir da produção de sentidos entre os interlocutores. (KOCH, 2002).

Com o advento da internet em nossa sociedade, houve uma mudança acentuada no modo de vida das pessoas, especialmente nos últimos quinze anos. Com a globalização e as ferramentas de comunicação e informação disponíveis, surgem novos tipos de comunidades, fazendo que o homem não se sinta mais isolado.

Segundo Lévy (1999), a internet trouxe à história do homem uma nova estrutura de comunicação e transformou a cultura de seus usuários viabilizando uma comunicação global em diferentes áreas e assuntos, bem como uma possibilidade de mudança e transformação na linguagem.

Surgem, nesse novo contexto, as comunidades virtuais, grupos de pessoas que têm algum interesse comum, seja religioso, científico, político ou cultural, e que buscam, em conjunto, atingir objetivos semelhantes. Para Lévy (1999, p. 47), comunidade virtual é “[...] toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesmo presa a um lugar ou tempo em particular”. Em outras palavras, o fundamental para definir o virtual é que ele “existe sem estar presente”.

Participando de uma comunidade denominada Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Tecnologia Educacional e Educação a Distância (GETED), criado em 2006, constituído por professores, alunos e pesquisadores que utilizam o ambiente virtual de aprendizagem para compartilhar conhecimentos na área de pesquisa, informações e experiências acadêmicas, nasceu o interesse em descrever o papel dos articuladores na construção da coesão e coerência e interpretar os efeitos no processo da interação em uma comunidade virtual.

A escolha do Grupo de Pesquisa e da Instituição deu-se, especialmente, pelo seu reconhecimento na comunidade quanto à tradição de pesquisa e ensino com qualidade na região Centro-Oeste.

O trabalho tem como objetivo descrever e interpretar o processo de interação em uma comunidade virtual e algumas implicações em relação à coesão e coerência textuais. No âmbito mais específico, os objetivos são: identificar quais são os conectores, sua função e frequência, evidenciados nas trocas entre os participantes de uma comunidade virtual e analisar a relação entre o uso dos conectores e a intencionalidade.

Sendo assim, a análise dos dados deverá responder às seguintes questões:

Qual o papel dos articuladores na construção da coesão e da coerência e seus efeitos no processo da interação da comunidade virtual?

No âmbito mais específico:

Quais são os conectores, sua função e frequência, evidenciados nas trocas e entre os participantes de uma comunidade virtual?

Qual a relação entre o uso dos conectores e a intencionalidade nas trocas evidenciadas entre os participantes da comunidade em foco?

Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, com delineamento descritivo-explicativo, que teve como suporte teórico os estudos de linguística textual de Koch (1991, 2004) e Antunes (2005) e as contribuições de natureza funcionalista de Neves (2000).

É importante destacar alguns trabalhos que investigam tecnologia, linguagem e educação. Komesu (2005) investigou os *blogs* e as práticas de escrita sobre si na internet, com o objetivo de apontar características dessas práticas e suas diferenças de uma prática de escrita tradicional. Em seu trabalho, a pesquisadora discutiu a importância das tecnologias digitais nos vários domínios de produção do saber.

Paiva e Rodrigues-Júnior (2007) investigaram o *footing* do moderador em fóruns educacionais, trazendo alguns apontamentos sobre a relação entre ensino e tecnologia, concluindo que as ferramentas têm um papel fundamental para assegurar a rigidez ou a flexibilidade das interações. No caso da ferramenta fórum, concluíram que se presta mais à função argumentativa e isso é facilitado não só pela assincronia, mas também pela facilidade de se recuperar a discussão, que acontece de forma não linear, e de nela se inserirem, a qualquer tempo, sem interromper, outros temas em curso.

Araújo (2007), em sua pesquisa sobre gêneros digitais, levanta a hipótese de que o *chat* é um gênero do discurso formado pela transmutação do diálogo cotidiano para a *web* e conclui que consiste em um gênero de natureza híbrida, pois funde oralidade e escrita em um mesmo suporte, a tela do computador, e em um mesmo evento sociointeracional. O pesquisador mostra aspectos da comunicação mediada pelo computador, decisivos para compreender não só como ocorre essa interação social, mas também como essas práticas de linguagem podem ser estudadas e transformadas em estratégias de ensino-aprendizagem de línguas e linguagens.

Figueiredo (2006) investigou a interação e a colaboração, como formas de favorecer a aprendizagem de línguas no meio virtual, colaborando para a formação de professores de línguas e afirma que, nas atividades colaborativas em línguas, os alunos tornam-se mais reflexivos, favorecendo o desenvolvimento das habilidades intelectuais e afetivas, além de promoverem a interação e a autonomia.

Campos (2008) discorreu sobre as estratégias de interação em ambiente virtual de aprendizagem, visando, por meio da análise do discurso do professor em fórum de discussão, verificar as estratégias interacionais presentes em algumas ações linguísticas. Tais estratégias podem gerar, no discurso do aprendiz, tendo em vista o estabelecimento de uma interação cooperativa, o emprego de diversas estratégias interacionais que, em uma cena interativa, podem produzir efeitos de cortesia, polidez, dialogicidade e comprometimento, estabelecendo entre os interactantes uma relação afetiva e propiciando, dessa forma, uma interação colaborativa.

Na área de Educação a Distância, destaca-se a pesquisa de Lopes (2005), intitulada “Formação tecnológica de professores e multiplicadores em ambiente digital”, que discute as questões relacionadas à formação tecnológica de professores e multiplicadores em ambiente digital. A pesquisadora evidenciou algumas características essenciais para a inclusão e o uso do computador no contexto educacional, como o senso crítico, familiaridade com a ferramenta e definição do papel do professor.

Outro trabalho na área é o de Santos (2008), que analisa o processo de colaboração na Educação *online*, a interação mediada pelas tecnologias de informação e comunicação entre professor, alunos e monitor, mediadas pelas interfaces fórum e *chat*. Segundo a autora, o uso desses meios de interação apresenta alguns resultados, como a importância de planejar, desenvolver atividades ou tarefas em que os alunos se tornam agentes de sua aprendizagem, exercendo um papel participativo. Isso ocorre porque eles têm oportunidades de discutir, argumentar, apresentar os seus pontos de vista e ouvir o

dos colegas, de modo que, por meio de interações e reflexões, é possível construir a autonomia.

Cariaga (2008), em seu trabalho “Desvendando segredos do hipertexto”, analisou o processo de construção dos hipertextos escritos por professores de escolas estaduais e municipais, mediante o uso de recursos informáticos, e concluiu que há um rompimento nas identidades tradicionais de autor e escritor, bem como que a coesão e a coerência obedecem a mecanismos de referência típicos de textos impressos, com destaque à reiteração do mesmo item lexical e à anáfora indireta. Enfim, isso traz à tona, mais uma vez, que a língua é um código, formado por palavras e leis combinatórias, por meio do qual pessoas se comunicam e interagem. É bom entender que a tecnologia, em suas mais diferentes manifestações associadas à linguagem, esteja favorecendo a constituição de um novo objeto linguístico e também contribuindo para novas formas de uso da língua enquanto prática interativa.

Todo o processo aqui descrito, assim como a discussão dos dados coletados e analisados visam contribuir um pouco mais para que as pessoas que participam de comunidades virtuais ou mesmo aqueles que utilizam a linguagem nos meios digitais entendam-na e usufruam-na de uma maneira mais significativa.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, é descrito o percurso metodológico da pesquisa, justificando e fundamentando a abordagem adotada. O segundo capítulo traz uma fundamentação teórica acerca da linguística textual, além de alguns conceitos sobre texto. É apresentada a relação entre coesão e coerência, além dos elementos coesivos e os fatores de textualização. O terceiro capítulo é constituído pelo estudo sobre comunidades, destacando as comunidades virtuais, os recursos tecnológicos de comunicação, colaboração, cooperação, interação. No quarto capítulo, é feita a análise linguística, com foco na coesão e coerência no processo de interação da comunidade estudada. Para isso, foram analisados os excertos produzidos pelos participantes da comunidade, mostrando qual o papel dos articuladores na construção da coesão e da coerência e seus efeitos no processo de interação na comunidade virtual.

I PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, tem-se a perspectiva e estratégia metodológica utilizada para o desenvolvimento do trabalho. Tratou-se de uma pesquisa quali-quantitativa, com delineamento descritivo-explicativo.

Para Moreira e Caleffe (2006, p. 73), a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição e gravação. A pesquisa quantitativa, por outro lado, explora as características e situações em que dados numéricos podem ser obtidos e faz uso da mensuração e estatísticas. Ambas podem ser usadas no mesmo estudo.

A abordagem quali-quantitativa não é oposta ou contraditória à pesquisa quantitativa ou à qualitativa, mas de necessária predominância ao se considerar a relação dinâmica entre o mundo virtual, os sujeitos e a pesquisa.

Quanto aos objetivos, Gil (2007) classifica as pesquisas em três grupos: exploratórias, descritivas e explicativas. As pesquisas exploratórias têm como principal objetivo o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, com sua metodologia assumindo muitas vezes a forma de pesquisa bibliográfica ou estudo de caso.

As pesquisas descritivas, segundo Gil (2007, p. 42), “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” e envolvem o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões e atitudes de um determinado grupo.

As pesquisas explicativas preocupam-se em explicar a razão, o porquê das coisas, constituindo-se, assim, no tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, segundo Gil (2007).

A abordagem qualitativa, segundo Gil (2007, p. 133), depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. A análise qualitativa contempla o local onde a pesquisa foi realizada, a fonte do material de pesquisa, os dados referentes à pesquisa e a elaboração da descrição do método usado.

O procedimento adotado para a coleta de dados é elemento determinante na classificação de uma pesquisa quanto ao seu delineamento. Gil (2007) define dois grupos: aqueles que se valem de fontes impressas (pesquisa bibliográfica e pesquisa documental) e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas (pesquisa experimental, pesquisa *ex-post facto*, levantamento, estudo de caso, estudo de campo pesquisa ação e pesquisa participante). Nesta pesquisa, foram coletados textos escritos por participantes de uma comunidade virtual.

A análise dos dados foi realizada com base nas orientações de Gil (2007, p. 133), que descreve a análise qualitativa como sendo uma sequência de atividades a serem elaboradas e que envolve a categorização e a organização desses dados, a fim de que o pesquisador interprete-os e também com base em Creswell (1994, p.5), sobre a pesquisa quantitativa que tem como características a realidade objetiva e singular, o processo dedutivo que leva à previsão, explicação e compreensão por meio da validade e confiabilidade.

A coleta de dados ocorreu entre o período de fevereiro a julho de 2008, utilizando para isso uma interface fórum disponível no ambiente virtual. Todos os textos de análise foram colhidos em situações interativas que ocorreram na comunidade virtual. As trocas foram observadas, registradas e selecionadas por ordem cronológica das postagens, totalizando 50 excertos. Os conectores foram selecionados e separados por categorias, a fim de que se tornassem fontes para análise. Os nomes dos participantes são fictícios, para manter o anonimato dos integrantes da comunidade virtual.

O corpus é composto de textos extraídos do fórum a partir das trocas entre os participantes da comunidade virtual (GETED) e espaço onde os participantes pesquisam, estudam, socializam, debatem, refletem criticamente temas relacionados à tecnologia educacional e à educação a distância.

1.1 Local da pesquisa: metodologia da coleta de dados

O grupo escolhido para a coleta de dados pertence a uma instituição de ensino superior privada, localizada na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Foi criada em 1962 e ganhou o status de universidade em 1993. No ensino presencial,

oferece mais de 40 cursos em três unidades, uma em Campo Grande e duas no interior do Estado.

Dentro de sua estrutura organizacional, um dos seus objetivos é fortalecer a Educação a Distância com vistas à realização de cursos de extensão, graduação e pós-graduação em áreas prioritárias do conhecimento para o desenvolvimento da comunidade.

Para a elaboração da pesquisa, foi utilizado o material obtido durante as postagens dos participantes de uma comunidade virtual disponibilizadas em um ambiente virtual de aprendizagem, especificamente na ferramenta fórum. Essa comunidade é intitulada “Grupo de Pesquisas e Estudos sobre Tecnologia Educacional e Educação a Distância”-GETED e tem como componentes professores, alunos, pesquisadores. Eram postados pelos participantes textos a serem lidos, bem como orientações para a participação em fóruns e atividades ou tarefas a serem cumpridas.

As atividades do grupo foram desenvolvidas em um ambiente virtual *online*, o *Moodle*, que provê um conjunto de ferramentas de comunicação e acompanhamento do percurso dos participantes. As ferramentas oferecidas pelo ambiente virtual são: atividades e materiais; fórum; chat; *webmail*; calendário de eventos; mural de notícias e quadro de notas.

A solicitação de autorização para esta pesquisa foi feita à líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Tecnologia Educacional e Educação a Distância, a qual autorizou por escrito (ver anexo).

1.2 Perfil da comunidade virtual

O grupo virtual foi criado em 2006 e é constituído por um conjunto de pessoas interessadas em compartilhar conhecimentos na área de pesquisa, além de compartilharem os recursos físicos e operacionais, informações e experiências acadêmicas. As interações na comunidade realizam-se, predominantemente, entre interlocutores que não se conhecem, inicialmente, mas, a partir do convite para participarem na comunidade, iniciam as trocas entre os interlocutores.

O objetivo do grupo é propiciar uma formação continuada aos seus participantes para pesquisar, estudar, socializar, debater, refletir criticamente os temas relacionados à tecnologia educacional e à educação a distância.

Conforme informação disponibilizada no portal do CNPq, o grupo é constituído por um líder e um vice-líder, além de pesquisadores internos e externos à instituição, estudantes e técnicos.

Vale ressaltar que, no grupo, combinam-se atividades individuais e interações, possibilitando a colaboração entre todos os participantes. Moran *et al* (2000, p. 53) reforça a ideia de que a interação bem-sucedida aumenta a aprendizagem, possibilitando construir conhecimento significativo com os outros, colegas, professores, transformando em grandes resultados individuais e coletivos de aprendizagem.

Alguns *softwares* para desenvolvimento de cursos *online* encontram-se disponíveis no mercado e apresentam-se como soluções corporativas compostas por interfaces integradas, com praticamente todas as funcionalidades necessárias para atender a empresas ou grupos em consórcio com universidades ou, ainda, são interfaces *freeware*, oferecendo flexibilidade de apresentação e organização dos conteúdos, interfaces de comunicação e avaliação.

Dentre eles, destacam-se sistemas de autoria para cursos a distância usando tecnologias de internet, como *MOODLE*, o *LearningSpace* e o *WebCT*, mais conhecidos e divulgados na comunidade educacional mundial, e alguns nacionais, desses sistemas de autoria, tais como *Teleduc*, o *AulaNet*, e *e-ProInfo*, que priorizam a interatividade.

O ambiente virtual utilizado no contexto dessa pesquisa é o *moodle* e o que diferencia o *moodle* de outras plataformas é a possibilidade de se adaptar aos usuários e instituições que usufruem desse ambiente.

Dentre as interfaces disponibilizadas nesse ambiente virtual, o fórum foi o escolhido como ferramenta de interação e comunicação, por ser o mais compatível com os objetivos da pesquisa e o mais propício ao trabalho de coleta de dados.

Quanto ao perfil da comunidade pesquisada, no período da coleta dos dados era assim constituído:

Quadro I – Perfil da comunidade

Profissionais envolvidos	
masculinos	04
femininos	15
Total	19
Status profissional	
Doutores	03
Mestres	02
Alunos de graduação	04
Alunos de mestrado	07
Alunos de doutorado	02
Técnico	01
Total	19
Idade	
18 – 30 anos	05
31 – 40	04
41 - 58	10
Total	19

Quadro elaborado pela autora, 2009.

A comunidade coloca-se hoje como uma possibilidade e uma alternativa para refletir sobre e discutir a relação entre as diferentes linguagens utilizadas no contexto de comunicação e informação digital, juntamente com as questões de colaboração, interação, participação, envolvimento, reflexão e comprometimento de seus participantes. Todos esses pontos relacionam-se ao processo de comunicação em uma sociedade tecnológica. O ponto central da comunidade é propiciar uma formação continuada aos seus participantes, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem no contexto da política educacional.

II A LINGUÍSTICA TEXTUAL E OS PRINCÍPIOS DE COESÃO E COERÊNCIA

As pessoas usam e partilham a língua tão bem precisamente porque ela é um sistema em constante interação com seus conhecimentos partilhados sobre o seu mundo e sua sociedade. (BEAUGRANDE, 1977, p. 11).

Neste capítulo, são tratados aspectos referentes à revisão da bibliografia sobre nosso objeto de estudo. Inicialmente, será considerada a Linguística Textual, fazendo uma rápida retrospectiva sobre seus aspectos históricos, abordando o objeto principal de estudo dessa ciência, que é o texto. Finalizando, são tratados os aspectos sobre coerência, coesão, conexão e os conectores sequenciais.

2.1 Linguística Textual

Costuma-se localizar o nascimento da linguística nos fins do século XVIII, início duma reflexão sistemática sobre as mudanças das línguas feita sob os parâmetros da ciência moderna (FARACO, 1991).

No início do século XX, Ferdinand de Saussure contribuiu para uma nova abordagem da língua, o conceito hegemônico de língua como sistema abstrato de signos. Identificou o pesquisador, a descrição da língua como o estudo dos aspectos morfofonológicos de um texto, sem qualquer consideração ao uso que os falantes faziam desses aspectos. Nesse período, a unidade de análise e ensino de língua era a palavra.

Na década de 1950, os conceitos desenvolvidos pelo teórico Roman Jakobson deram origem à Teoria da Informação, que identificou no sistema emissor/receptor/mensagem/canal/código, as categorias que realizam a comunicação.

Já nos anos 1960, William Labov introduziu teorias importantes ligadas ao estudo da oralidade e da variação linguística, a concepção de língua como um fenômeno que revela a variação sociocultural e econômica de seus falantes.

No entanto, nesse ínterim, a linguística textual começou a desenvolver-se na Europa como ciência responsável pelo estudo da estrutura e do funcionamento dos textos (FÁVERO; KOCH, 1998).

As mesmas autoras destacam que a origem do termo “linguística textual”, no sentido que lhe é atribuído atualmente, terá sido empregado pela primeira vez por Weinrich (1966, 1967) e foi encontrado em Coseriu (1955).

As autoras afirmam que as principais causas do surgimento das gramáticas textuais são as lacunas das gramáticas de frase no tratamento de fenômenos tais como a correferência, a pronominalização, a seleção dos artigos (definido ou indefinido), a ordem das palavras no enunciado, a relação tópico-comentário, a entoação, as relações entre sentenças não ligadas por conjunções, a correlação dos tempos verbais.

Ainda nos anos 1960, os linguistas, preocupados com a insuficiência da linguística da frase para resolver certos fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados e sequências de enunciados, começaram a estudar as relações transfrásticas e os processos e mecanismos de organização textual (FÁVERO; KOCH, 1998), surgindo assim os primeiros estudos sobre relações transfrásticas e sobre os processos e mecanismos de organização textual que inseriam textos em determinados contextos sociais, históricos e culturais. Era o momento da “análise transfrástica”.

Passa-se, assim, a outro momento, de particular importância no tratamento dos textos no seu contexto pragmático: o âmbito de investigação se estende do texto ao contexto, entendido, em geral, como conjunto de condições – externas ao texto. (FARACO, 1991, p. 15)

Não se pode deixar de registrar o surgimento de uma forma de análise do discurso e do texto que reconhecia o papel da linguagem na estruturação de relações de poder na sociedade. Os trabalhos de van Dijk (1998), na análise do discurso, demonstravam seu interesse nos textos e nos discursos como unidades básicas e como práticas sociais. Como outros teóricos da linguística, ele traça as origens do interesse por unidades linguísticas maiores que a sentença e de como os significados dependem do texto-contexto.

Quanto ao desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil, Koch (1999) aponta a influência das perspectivas teóricas de autores alemães como Weinrich, Dressler, Beaugrande e outros; holandeses, como Van Dijk; franceses, como Charolles, Combettes, Adam, Vigner, Coste; ingleses, como Halliday e Hasan, Kleiber, Mondada, Dubois e outros.

Já na década de 70, ressalta Koch (1999) três principais momentos quanto ao desenvolvimento da linguística textual no Brasil: o primeiro, em que os pesquisadores brasileiros, baseados em autores estrangeiros, dão especial destaque à

coerência; o segundo, caracterizado pela classificação dos mecanismos de coesão com base na função textual; o último ou atual, voltado para uma perspectiva sociointeracional no tratamento da linguagem.

A partir da década de 80, chegaram ao Brasil os primeiros estudos da Linguística Textual que propunham analisar o texto como sequências linguísticas coerentes em si. Os trabalhos foram baseados em Halliday e Hasan (1976), no que se refere à coesão, e em Beaugrande e Dressler, sobre os padrões de textualidade. O diferencial dessa fase foi o destaque à coerência, considerada por alguns autores brasileiros como um fator decisivo da textualidade.

Para Koch (1991, p. 58):

A Linguística do Texto é constituída de princípios e/ou modelos cujo objetivo não é predizer a boa ou má-formação dos textos, mas permitir representar os processos e mecanismos de tratamento dos dados textuais que os usuários põem em ação quando buscam compreender e interpretar uma sequência linguística, estabelecendo o seu sentido e, portanto, calculando sua coerência.

Nesse sentido, Marcuschi (1983, p. 12-13) apresenta uma definição provisória de Linguística Textual:

Proponho que se veja a Linguística do texto, mesmo que provisória e genericamente, como estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos e orais.

Esses estudos buscaram analisar o texto como uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas, e, segundo Koch (2005, p. 9), o texto passou a ser visto como um construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado, do qual a interação pela linguagem passa a ser atividade constitutiva, e, pois, envolve as questões da língua e do sujeito em uma situação de interação.

Assim, compreende-se que a Linguística Textual trouxe uma real contribuição, uma vez que a forma de se abordar o texto sofreu uma substancial mudança, deixando de ser considerado um fim em si mesmo, como algo estanque, para ser um processo dinâmico sob a ótica da interação social. O texto passa a ser definido levando-se em consideração suas condições de produção e seu aspecto estrutural, razão que nos leva a adotar o texto numa visão dialógica e interativa, suporte que leva em conta o processo de produção dos textos em suas múltiplas facetas.

2.2 Texto: o que é?

O objeto de estudo da Linguística Textual é o texto, um polo de investigação linguística contemporânea (MARCUSCHI, 1983), pois é ele a unidade básica de manifestação da linguagem.

Nas duas últimas décadas, pesquisadores na área de Linguística Textual têm-se dedicado à investigação do texto como unidade de análise da linguagem. Sua concepção variou passando a ser estudada não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por ser a forma específica de manifestação da linguagem (cf FÁVERO e KOCH, 1998).

Entretanto, segundo Bentes (2001), nessa fase que abrange a elaboração de uma teoria do texto, há uma outra definição de texto que leva em conta que a produção textual é uma *atividade verbal* (os falantes, ao produzirem um texto, estão praticando ações, atos de fala); *consciente* (atividade intencional, ou seja, o falante sabe o que faz, como faz e com que propósito faz) e *atividade interacional* (os interlocutores estão envolvidos nos processos de construção e compreensão de um texto).

Para Koch (2005), na concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como um produto – lógico – do pensamento do autor, e o leitor / ouvinte é passivo; na concepção de língua como código e de sujeito determinado pelo sistema, o texto é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor / ouvinte (passivo); já na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação, e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos.

Entre outras acepções, o termo texto pode ser considerado como uma passagem falada ou escrita que forma um todo unificado. (HALLIDAY; HASAN, 1976). Assim, o texto é reconhecido como uma unidade de análise que pode ser interpretada como uma unidade de linguagem em uso, podendo ser também definido como uma unidade semântica, ou seja, uma unidade de sentido.

O texto não é visto como um artefato linguístico, mas sim um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos. Em toda situação

de comunicação que acontece em um contexto sócio-histórico e ideológico, o papel da linguagem é significativo, pois toda interação comunicativa ocorre a partir da produção de sentidos entre os interlocutores.

Uma ocorrência linguística, para ser texto, precisa ser percebida pelo receptor como um todo significativo, sendo a coerência o fator responsável pelo sentido do texto, de que vai decorrer sua propriedade básica: a unidade semântica.

O texto caracteriza-se também por sua unidade formal, material. Seus constituintes devem mostrar-se reconhecivelmente integrados, de modo que seja percebido como um todo coeso.

Marcuschi chama a atenção para o fato de que texto e discurso não devem ser encarados como iguais. Considera o texto “*como uma entidade concreta, realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual*”, enquanto discurso é “aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva”. Assim, o “discurso se realiza nos textos” (MARCUSCHI, 2002, p. 24, grifos do autor).

Buscando esclarecer a terminologia, Bronckart (1999, p. 75-76) faz as seguintes distinções:

Chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação). Na medida em que todo texto se inscreve, necessariamente, em um conjunto de textos ou em um gênero, adotamos a expressão de gênero de texto em vez de gênero de discurso. Enquanto, devido a sua relação de interdependência com as atividades humanas, os gêneros são múltiplos, e até mesmo em número infinito, os segmentos que entram em sua composição (segmentos de relato, de argumentação, de diálogo, etc.) são em número finito, podendo, ao menos parcialmente, ser identificados por suas características linguísticas específicas [...] Na medida em que apresentam fortes regularidades de estruturação linguística, consideraremos que pertencem ao domínio dos tipos, portanto, utilizaremos a expressão tipo de discurso para designá-los, em vez da expressão tipo textual.

É importante destacar, de acordo com as ideias de Marcuschi (2002, p. 29), que as teorias de tipos textuais estão voltadas para as estruturas e formas linguísticas de diversos níveis e que as abordagens dos gêneros textuais os encaram como uma “forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”.

Segundo Marcuschi (2008, p. 155), gêneros textuais são:

[...] os textos que encontramos em nossa vida e que apresentam padrões sócio-comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...] os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas constituindo em princípios listagens abertas.

Assim, a noção de gênero textual está ligada a uma das teses centrais de que é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

O conceito de gênero é frequentemente confundido com tipo textual. Marcuschi (2002, p. 25) faz essa distinção. Para ele, gêneros de texto são realizações linguísticas concretas, que cumprem funções em situações comunicativas. Formam um conjunto aberto, ao contrário de tipos textuais, que se restringem a descrição, narração, exposição, argumentação e injunção. Observa-se que essas noções, consideradas como gêneros de texto, constituem, na verdade, tipos textuais, ou seja, construtos teóricos definidos por sua natureza linguística. Estes aparecem no interior dos gêneros, e “um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo)”. O assunto não será aprofundado por não ser o foco da pesquisa.

Beaugrande e Dressler (1981) argumentam que uma ciência de textos deve ser capaz de descrever ou explicar características comuns e distintivas entre textos. Texto, para esses autores, é uma ocorrência comunicativa que preenche sete princípios constitutivos da textualidade: coerência, coesão – centrados no texto – e, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade – centrados no usuário. Esses critérios focalizam o texto sob a ótica da comunicação textual (processo) e a ausência deles pode acarretar o rompimento da comunicação.

Numa definição bem anterior, Isenberg (1970, *apud* FÁVERO; KOCH 1998, p. 53) dizia que texto é uma “sequência coerente de enunciados”, e que seu principal objetivo é o de estudar os tipos de relação que se podem estabelecer entre os diversos enunciados que compõem uma sequência significativa. O texto caracteriza-se, segundo Costa Val (1999, p.4), como uma unidade formal, material. Seus constituintes linguísticos devem mostrar-se reconhecivelmente integrados, de modo que lhe permitam ser percebido como um todo coeso. Complementa a autora:

Texto é toda [...] ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Antes

de mais nada, um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa (COSTA VAL, 1999, p. 3).

Texto também pode ser “[...] um enunciado qualquer, oral e escrito, longo ou breve, antigo ou moderno” (GUIMARÃES, 1997, p. 14); dessa forma, pode ser uma frase ou até mesmo uma palavra, desde que haja sentido linguístico e comunicativo dentro do contexto.

Segundo Fiorin e Savioli (2000, p. 14), texto “não é um amontoado de frases”; nesse caso, as frases não estão simplesmente expostas, elas se relacionam entre si, fazendo que o sentido de uma frase dependa da outra. Por isso, seria importante adequar o texto a outras questões, sobretudo no que diz respeito à interação.

2.3 Texto: espaço de interação

Segundo Bernárdez (1982, p. 85), o texto sempre denota um caráter social, pois se trata de uma atividade humana. Relaciona-se, também, à preocupação com o objetivo comunicativo que é atingido a partir da intenção do falante em criar um texto significativo e interativo. Nesse contexto, acrescenta Lévy (1996, p. 36):

As passagens do texto estabelecem virtualmente uma correspondência, quase uma atividade epistolar que nós, bem ou mal, atualizamos, seguindo ou não, aliás, as instruções do autor. Produtores do texto, viajamos de um lado a outro do espaço de sentido, apoiando-nos no sistema de referência e de pontos, os quais o autor, o editor, o tipógrafo balizaram. Podemos, entretanto, desobedecer às instruções, tomar caminhos transversais, produzir dobras interditas, nós de redes secretos, clandestinos, fazer emergir outras geografias semânticas.

Essa abordagem salienta a importância do texto como evento comunicativo, adicionando ao caráter social do texto uma visão interativa, como o faz Koch (2005, p. 25):

[...] um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Essa concepção de texto permite postular que “o sentido não está no texto”, seja ele oral ou escrito, “mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação”,

portanto passa a ser visto como um lugar de interação. Ou seja: é o resultado de uma atividade verbal de cada indivíduo, para viver dentro de uma sociedade, que muitas vezes realiza a atividade verbal com o intuito de alcançar um fim social.

O trabalho de Koch (1997) ressalta que o texto deixa de ser entendido como uma estrutura acabada (produto), passando a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção. Nessa abordagem, Koch (1997) afirma que o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana e que são postos em ação em situações concretas de interação social.

Na visão de Charolles (1988, p.48), a base do texto é de natureza lógico-semântica. As regras de coerência agem sobre a constituição dessa cadeia e, com essas regras, as gramáticas de texto ultrapassam o simples âmbito do texto para abordar o plano do discurso.

Todo texto é produzido por alguém, que se utiliza de diversos recursos, em um determinado tempo e lugar, transformando o discurso para a concretização de fins determinados. Ou seja, a produção textual requer uma série de elementos de diversas ordens, que são responsáveis pelas relações da comunicação entre os usuários da língua, incluindo-se o aspecto social.

Muitos são os aspectos envolvidos na definição de texto. De certo modo, todo texto parte de uma intenção comunicativa que, para se realizar de forma adequada, precisa estar de acordo com a situação geral em que vai ocorrer, os interlocutores, a relação social entre eles, em que local ocorre, entre outros fatores, acrescentando-se a esses elementos situacionais uma estratégia textual que atinja, da maneira mais adequada possível, a finalidade do texto.

Dessa forma, o processamento do texto, como produção ou interpretação, depende da interação entre produtor e interpretador. Como diz Geraldi (1993, p.10):

Se falar fosse simplesmente apropriar-se de um sistema de expressão pronto, entendendo-se a língua como um código disponível, não haveria construção de sentidos (e por isso seriam desnecessários fenômenos linguísticos empiricamente tão constantes como a paráfrase, as retomadas, as delimitações de sentido, etc.); se a cada fala construíssemos um sistema de expressões, não haveria história.

Para Koch (1997, p. 7), “o processo de produção textual, no quadro das teorias sociointeracionais da linguagem, é concebido como atividade interacional de

sujeitos sociais tendo em vista a realização de determinados fins”. Assim, para que o texto alcance sua intenção sociocomunicativa, outros elementos essenciais, como a coerência e a coesão, deverão ser considerados. Por essa razão, converge-se o eixo teórico desta pesquisa para esses dois fatores decisivos para a tessitura e a interpretação de textos.

2.4 Coesão e coerência textual

A relação entre coesão e coerência tem sido evidenciada por estudiosos dos textos, que apontam as influências dessa relação no processo de produção e compreensão.

Enquanto a coesão se estabelece no plano superficial do texto, revelado por marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e é responsável pela organização linear do texto, a coerência é subjacente à superfície textual (estrutura profunda) e se manifesta em grande parte macrotextualmente. Nesse sentido, Koch e Travaglia (1991, p. 42) afirmam:

A relação entre coesão e coerência é um processo de mão dupla: na produção do texto se vai da coerência (profunda), a partir da intenção comunicativa, do pragmático até o sintático, ao superficial e linear da coesão e na compreensão do texto se percorre o caminho inverso das pistas linguísticas na superfície do texto à coerência profunda.

Segundo Costa Val (1999, p. 6), coesão pode ser “[...] manifestação linguística da coerência; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual”. Assim, a coesão auxilia no estabelecimento da coerência, mas não garante sozinha a obtenção de um texto coerente.

Koch e Travaglia (1991) enfatizam que a coerência teria a ver com a “boa formação” do texto, mas num sentido que não tem nada a ver com a ideia de gramaticalidade usada no nível da frase, sendo mais ligada, talvez, a uma boa formação no âmbito da interlocução comunicativa entre os dois usuários. É a coerência que faz que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser vista, pois, como um princípio de interpretabilidade do texto numa situação de comunicação, a que se vincula a capacidade que o receptor do texto (que o interpreta para compreendê-lo) tem para calcular-lhe o sentido. A coerência seria a possibilidade de estabelecer, no texto, alguma forma de unidade ou relação. Essa unidade é sempre apresentada como uma unidade de

sentido, o que caracteriza a coerência como global, isto é, referente ao texto como um todo.

Denomina-se coesão “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos” (KOCH, 1997, p. 35). Trata-se, pois, de elementos linguísticos semanticamente interdependentes, observáveis na superfície textual, responsáveis pelas relações intrassentenciais e intersentenciais, que estabelecem entre as partes do texto relações de sentido. A coesão é claramente revelada por marcas linguísticas, índices formais que estão na estrutura superficial da sequência linguística.

Quanto à coesão sequencial, verifica-se que há elementos textuais que fazem o texto progredir. São os responsáveis por esse tipo de coesão os conectores, que estabelecem na progressão textual uma relação semântica implicando uma causa, uma finalidade, uma conclusão, uma justificativa, com vistas a estabelecer relações de sentido. (KOCH, 1991).

Antunes (2005) considera a coesão como função muito importante para indicar a relação semântica que pretende estabelecer entre as orações, períodos, parágrafos, como, por exemplo, a de causalidade, de temporalidade, de oposição, entre outras.

Dentre os estudos que abrangem a coesão, Koch (1999, p. 19), conclui: “O conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”.

Já Charolles (1987, *apud* KOCH; TRAVAGLIA, 1991) acredita que as sequências de frases não são coerentes ou incoerentes em si, mas dependem dos usuários e da situação. Assim, todos os textos seriam, em princípio, aceitáveis, todavia admite-se um tipo de incoerência local, que é resultado do uso incorreto de elementos linguísticos, transgredindo seu valor e função; e ainda é considerado incoerente o texto cujo produtor não sabe adequá-lo à situação comunicativa.

Conforme postula Koch (2004, p. 35):

Costumou-se designar por coesão a forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um “tecido” (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamente.

Coesão, segundo Antunes (2005, p. 47), é uma “propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática”. Perceber que um texto é coeso é reconhecer que há harmonia entre suas partes (palavras, parágrafos), não estando soltas, mas ligadas, unidas de forma adequada a fim de permitir a continuidade do texto. Há, portanto, uma conexão interna entre os vários enunciados presentes no texto. Ainda de acordo com a autora, a coesão tem como função, no texto, criar, estabelecer e sinalizar os laços que deixam os vários segmentos do texto ligados, articulados, encadeados, reconhecendo, então, suas partes, das palavras aos parágrafos, não como soltas, fragmentadas, mas sim ligadas, unidas entre si, enfim preservando sua continuidade, para que se efetive a unidade do sentido e das interações verbais (ANTUNES, 2005, p. 49).

Fiorin e Savioli (2003) postulam que a conexão entre os vários enunciados não se dá por acaso, mas das relações de sentido que existem entre eles, manifesta sobretudo, por certa categoria de palavras, as quais chamamos de conectivos ou elementos de coesão.

Antunes (2005) apresenta uma visão diferenciada da coesão pela conexão. Trata a conexão como responsável pela função de promover a sequencialização de diferentes porções do texto, que só acontece em determinados pontos e na dependência de certas condições sintáticas. A conexão, segundo a autora, corresponde ao tipo de relação semântica que acontece especificamente entre as orações e, por vezes, entre períodos, parágrafos ou blocos supraparagráficos.

Neves (2000), nesse mesmo prisma de reflexão, denomina de conectores ou juntores algumas palavras ou expressões da língua que têm a função de inter-relacionar partes de um texto, estabelecendo entre essas partes relações de sentido. Segundo Neves (2000, p. 601), essas palavras que:

Pertencem à esfera semântica das relações e processos atuam especificamente na junção dos elementos do discurso, isto é, ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam as porções que se sucedem.

Segundo Neves (2000), os conectores são elementos linguísticos que ligam diferentes partes de um texto, estabelecendo relações de sentido, podendo atuar, inclusive, como organizadores globais de uma superfície textual.

Os conectores são, portanto, recursos de coesão textual que estabelecem as relações coesivas denominadas por Antunes (2005) de conexão, cuja função é promover a sequencialização de diferentes porções do texto. Mais do que ligar partes de um texto, esses elementos podem explicitar as relações de sentido entre as porções textuais que conectam e podem, também assinalar a orientação discursivo-argumentativa de um texto, indicando, por exemplo, que determinada parte do texto opõe-se semanticamente a outra que lhe é anterior, ou que determinada parte textual apresenta as causas do conteúdo informacional exposto noutra bloco do mesmo texto, de modo que embase a conclusão pretendida.

O conceito de coesão, de acordo com Halliday e Hasan (1976), é um conceito semântico e refere-se às relações de sentido que ocorrem no interior do texto e que se organizam superficial e linearmente no texto, reconhecível na sua superfície por meio de recursos semânticos, tais como marcas linguísticas, índices formais e conectivos. Esses elos que encadeiam o texto e permitem a construção do sentido global possibilitam a concatenação das partes do texto por marcas linguísticas. Nesse sentido, a coesão estabelece o sentido do texto por meio da unidade linguística, sendo assim responsável por uma sequência lógica e composição de ideias interligadas.

Em face do exposto, a coesão pode ser concebida como “[...] relações de sentido”; esse sentido que se manifesta, sobretudo por palavras, conhecidas como elementos de coesão ou conectivos. Seu papel no texto é colocar em evidência as várias relações de sentido que existem entre os enunciados. (FIORIN; SAVIOLI, 2003, p. 271).

2.4.1 Elementos coesivos

Fávero (1991, p.10) considera que “a coesão, manifestada no nível micro textual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma sequência”, e essa relação é constituída por esses elementos, auxiliando a construção de um texto.

De acordo com Costa Val (1999, p. 6), coesão também pode ser “[...] manifestação linguística da coerência” e advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual, sendo, assim, responsável pela unidade formal do texto, constituída pelos conectivos.

Para Fávero (1991, p. 17-33), a coesão pode ser:

- a) coesão referencial é a que “[...] constitui um primeiro grau de abstração, o leitor/alocutário relaciona determinado signo a um objeto tal como ele o percebe dentro da cultura em que vive”. Dessa forma, um item referente, analisado isoladamente tem um significado vazio, ou seja, tem que se analisar dentro de um contexto para que se tenha sentido.
- b) coesão recorrencial é a que “[...] se dá quando, apesar de haver retomada de estruturas, itens ou sentenças, o fluxo informacional caminha, progride; tem, então, por função levar adiante o discurso”, sendo um elemento essencial para articular novas informações.
- c) coesão sequencial “são os mecanismos, que têm por função, da mesma forma que os de recorrência, fazer progredir o texto, fazer caminhar o fluxo informacional”. A coesão sequencial é diferente da coesão recorrencial, por não ter a retomada de itens, sentenças ou estrutura.

Será abordada com mais profundidade a coesão sequencial, por ser o foco da pesquisa.

A sequencialização por conexão é marcada por operações que têm a função de estruturar os textos por meio de encadeamentos, que são os operadores do tipo lógico, discursivos ou pausas, que ajudam na compreensão, orientando o sentido em dada direção.

Além da progressão temática, a coesão sequencial propicia a unidade semântica entre as partes do texto e o todo. Também tem por função fazer progredir o texto, estabelecendo relações entre os períodos ou parágrafos que compõem o texto e entre as partes do texto como um todo. Como diz Weinrich (1964 *apud* FÁVERO; KOCH, 1998), o texto é uma “estrutura determinativa” cujas partes são interdependentes, sendo cada uma necessária para a compreensão das demais. Essa interdependência é devida, em parte, aos diversos mecanismos de sequenciação existentes na língua.

De acordo com Antunes (2005, p. 47), a coesão tem como função “criar, estabelecer e sinalizar os laços que deixam os vários segmentos do texto ligados articulados, encadeados”. A autora enfatiza a importância do componente semântico para o estabelecimento das ligações coesivas:

É natural que tais ligações não vão acontecendo simplesmente na superfície da sequência textual. Na verdade, elas sinalizam as ligações conceituais que estão subjacentes a essa superfície. Ou seja, concomitantes aos encadeamentos identificáveis na superfície do texto, vão acontecendo aqueles outros no nível semântico. Melhor dizendo, se há ligações na superfície é porque elas existem no âmbito do sentido e das intenções pretendidas. (ANTUNES, 2005, p. 48)

Para Antunes (2005), a continuidade observada nos textos é proveniente da continuidade semântica estabelecida entre os vários segmentos. Como a coesão resulta dessa rede de relações, a autora chamou-as de relações textuais. Tais relações são semânticas e diferem quanto à natureza do nexos que estabelecem. São de três tipos: por reiteração, por associação e por conexão.

Antunes (2005, p. 52) explica que a reiteração “é a relação pela qual os elementos do texto vão de algum modo sendo retomados, criando-se um movimento constante de volta aos seguimentos prévios”. A associação “é o tipo de relação que se cria no texto graças à ligação de sentido entre as diversas palavras presentes. Palavras de um mesmo campo semântico ou de campos semânticos afins criam e sinalizam esse tipo de relação” (ANTUNES, 2005, p. 54). Já a conexão diz respeito às relações semânticas estabelecidas entre diferentes segmentos textuais, isto é, entre orações, períodos, parágrafos ou blocos supraparagráficos.

Tais relações são realizadas por alguns procedimentos. A relação de reiteração é obtida por meio da repetição e da substituição; a relação de associação é dada pela seleção lexical; e a relação de conexão é alcançada pelo estabelecimento de relações sintático-semânticas entre os segmentos textuais. Os quatro procedimentos são operações concretas intrinsecamente relacionadas às especificidades semânticas e pragmáticas de um determinado texto. Dentre os recursos que concretizam a repetição, estão a paráfrase, o paralelismo e a repetição. Os recursos da substituição são a substituição gramatical, a substituição lexical e a elipse. O recurso da seleção lexical é a seleção de palavras semanticamente próximas. O recurso do estabelecimento de relações sintático-semânticas entre os segmentos textuais é o uso de diferentes conectores.

De acordo com Koch (1999), há duas grandes modalidades dentro da coesão: a coesão referencial e a coesão sequencial. A coesão referencial é aquela em que um elemento faz referência a outro do texto. Tal remissão pode ser feita para trás e para frente, ou seja, constituir uma anáfora ou uma catáfora, respectivamente. Já a coesão sequencial está relacionada a segmentos do texto, partes do enunciado e outros elementos que fazem que o texto progrida.

Alguns conectivos atuam fundamentalmente na coesão sequenciadora. Koch (1984) classifica alguns conectivos responsáveis pela coesão do texto como *operadores argumentativos*, fundamentada na tese – defendida por Ducrot, Anscombre e Vogt – de

que algumas instruções codificadas, de natureza gramatical, levam ao reconhecimento de um valor retórico (argumentativo) da própria gramática.

Segundo Koch (2005), a coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes dos enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir. Segundo a autora, a progressão textual pode fazer-se com ou sem elementos recorrentes, podendo ser em sequenciação frástica (sem procedimentos de recorrência estrita) e em sequenciação parafrástica (com procedimentos de recorrência).

Segundo Antunes (2005), em um texto podem-se encontrar os seguintes elementos de coesão sequencial (articuladores/nexos oracionais):

1. **Causalidade:** porque, uma vez que, visto que, já que, dado que, tanto que, como;
2. **Condicionalidade:** se, caso, desde que, contanto que, a menos que, sem que, salvo se, exceto se;
3. **Temporalidade:** quando, enquanto, apenas, mal, antes que, depois que, logo que, assim que, sempre que, até que, desde que, todas as vezes que, cada vez que;
4. **Finalidade:** para que, a fim de que;
5. **Alternância:** ou;
6. **Conformidade:** como, conforme, segundo, consoante;
7. **Complementação:** que, se, como;
8. **Adição:** e, nem, também, ainda, não só...mas também, além de, além do mais;
9. **Oposição/adversidade:** mas, embora, por um lado [...] por outro lado, porém, entretanto, contudo, no entanto;
10. **Concessão:** embora, mesmo que, apesar de que, ainda que, conquanto, se bem que, posto que, nem que, a despeito de;
11. **Justificação/explicação:** isto é, quer dizer, ou seja, pois;
12. **Conclusão:** logo, portanto, pois, por conseguinte, então, assim;
13. **Comparação:** como, mais [...] do que, menos [...] do que, tanto [...] quanto, entre outras;

Ampliando-se os limites de como funcionam os mecanismos de coesão para além de uma mera presença desses mecanismos no texto a garantir a textura, é preciso delinear outros elementos que são necessários e que dizem respeito ao contexto.

2.4.2 Fatores de contextualização

O processo de contextualização é um dos fatores determinantes para a constituição do sentido em um texto, portanto é muito importante no estabelecimento da coerência, pois relaciona o texto a uma situação comunicativa determinada, ajudando o receptor a decodificar a sua mensagem.

Koch e Travaglia (1991) consideram que a coerência seria, ainda, compreendida como uma continuidade de sentidos perceptível no texto, o que resultaria numa conexão conceitual cognitiva entre os seus elementos. Essa conexão não seria somente de tipo lógico, mas dependeria de fatores socioculturais diversos, sendo vista como resultante de fatores cognitivos e interpessoais. Complementam Koch; Travaglia (2003) que a presença de elementos de coesão auxilia o estabelecimento da coerência, mas não é a garantia de se obter um texto coerente. Reforçando essa ideia, os autores destacam um pensamento de Charolles (1987, *apud* KOCH; TRAVAGLIA, 2003, p. 23):

os elementos linguísticos da coesão não são nem necessários nem suficientes para que a coerência seja estabelecida. Haverá sempre necessidade de recurso a conhecimentos exteriores ao texto (conhecimento de mundo, dos interlocutores, da situação, de normas sociais)

A coesão, portanto, torna-se mais saliente para a significação textual, o que não ocorre com a coerência. Quando se pretende que um texto seja coeso, é preciso que seja preservada sua continuidade.

Conforme já demonstrado pela Linguística Textual, é possível construir uma sequência de frases, conectada com elementos coesivos adequados, mas isso não é garantia de que se terá construído a coerência (KOCH; MARCUSCHI, 1998; KOCH; TRAVAGLIA, 2003; KOCH, 1991). Ao contrário, é muito comum encontrarmos textos com coerência, mas sem marcas linguísticas de coesão.

Chama-se textualidade ao conjunto de características que fazem que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases.

Beaugrande e Dressler (1981) consideram que a coesão não é decisiva por si e que a textualidade completa-se pela interação entre este e os outros fatores essenciais numa construção linguística para que um texto se defina como um

acontecimento comunicativo. Além da coesão e coerência, Beaugrande e Dressler apontam outros cinco critérios responsáveis para identificar as características dos textos, como intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade.

Para eles, a coerência é considerada o fator fundamental da textualidade, por ser responsável pelo sentido do texto. É um fenômeno que está ligado à interpretação do texto por parte do interlocutor, ou seja, está ligado diretamente à interlocução.

Um outro fenômeno ligado à interpretação do texto, segundo Charolles e Franck (*apud* KOCH; TRAVAGLIA, 2003, p. 49), é o princípio da cooperação, por meio do qual “os usuários sempre se assumem mutuamente como cooperativos e, portanto, crêem que a sequência linguística a ser interpretada foi produzida para ser um texto coerente”.

Todo texto tem um plano, uma meta, um objetivo de comunicação. Beaugrande e Dressler (1981) denominam esse propósito comunicativo de intencionalidade, que diz respeito ao preenchimento das intenções e o empenho do produtor em construir um texto coerente, capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa.

Segundo Koch e Travaglia (2003, p. 79), citando Beaugrande e Dressler, a aceitabilidade diz respeito à atitude “de aceitarem a manifestação linguística como um texto coesivo e coerente, que tenha para eles alguma utilidade ou relevância”. Para eles, a aceitabilidade diz respeito à contribuição do leitor/ouvinte para o estabelecimento de sentidos; tem que haver um jogo de fatores que envolvem esta questão e esses fatores têm a ver com o contexto da situação de receptividade do texto, que carece de relevância para um perfeito encaixe de intencionalidade e aceitabilidade.

A aceitabilidade concerne à expectativa do recebedor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor. As noções de intencionalidade e a aceitabilidade em sentido amplo têm a ver com a argumentação. A intencionalidade abrange as maneiras como os emissores usam os textos para realizar suas intenções comunicativas, enquanto a aceitabilidade diz respeito à disposição ativa de participar do discurso e compartilhar um propósito comunicativo.

Para Beaugrande e Dressler (*apud* COSTA VAL, 1999, p. 14), a informatividade é um dos fatores textuais que concede textualidade ao discurso e é considerada “a medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não,

conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal”. O texto será tanto menos informativo quanto maior a previsibilidade; e tanto mais informativo quanto menor a previsibilidade. Um discurso menos previsível é mais informativo, porque a sua recepção, embora mais trabalhosa, resulta mais interessante.

A situacionalidade compõe também o grupo dos fatores que esses autores consideram importantes para o estabelecimento da coerência: está interligada à adequação do texto à situação comunicativa. O efeito do contexto em que o texto se apresenta decide a pertinência contextual. Assim, um texto deve ter conexão com o contexto em que é apresentado para que sua coerência não seja comprometida. Lembram os autores que, no oral, a coerência depende muito mais do contexto situacional do que no escrito, porque, no oral, os elementos da situação cooperam no estabelecimento das relações entre os elementos do texto em mais alto grau do que no escrito. Há, porém, casos de escritos muito dependentes da situação, como placas indicativas de direção, de silêncio em hospitais, indicativas de salas e seções em instituições diversas e que foram chamadas, pela teoria linguística tradicional, de frases de situação (KOCH; TRAVAGLIA, 2003).

A mediação é entendida pelos autores como a extensão em que as pessoas introduzem, em seu modelo da situação comunicativa (do “mundo real”), suas crenças, convicções, objetivos, perspectivas. Assim, o texto não pode ser considerado espelho do mundo real, pois, nele, a situação acaba sendo recriada por meio dessa mediação.

A intertextualidade diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto por parte de seus usuários dependente do conhecimento prévio de um ou mais textos, e é, de forma geral, responsável pela evolução de tipos de textos, como classes de textos com padrões típicos de características. A intertextualidade é, portanto, concernente aos fatores que fazem a produção e a recepção de um texto depender do conhecimento de outros textos.

No parecer de Costa Val (1999), a coerência, a coesão e a informatividade são dependentes dos conhecimentos partilhados pelos interlocutores, isto é, a textualidade de uma produção linguística qualquer depende do receptor e do contexto.

Postulam Beaugrande e Dressler três princípios reguladores que funcionam integradamente com os padrões da textualidade, que são a eficiência, a eficácia e a adequação. A eficiência requer que os usuários de um texto o utilizem com o menor esforço possível. A eficácia tem a ver com o alcance dos objetivos propostos pelo

produtor e a adequação diz respeito ao contexto interacional, em que estão inseridas a pertinência e a relevância, que constituem a textualidade.

Apesar de os estudos sobre coerência e coesão apontarem para pontos de vista diferentes, entende-se que esses dois fatores são ponto vital na construção de um texto. Como será isso em uma comunidade virtual?

III COMUNIDADES: ORIGENS E CARACTERÍSTICAS

Neste capítulo, são apresentados conceitos sobre comunidades, tradicional e virtual, suas origens e características. Em seguida, são trabalhadas as diferenças entre colaboração e cooperação, encerrando o capítulo com o conceito de interação.

3.1 Comunidades virtuais

A moderna denominação “comunidade virtual” faz referência ao fato de essas comunidades estarem presentes no ciberespaço, nas quais as categorias de tempo e espaço estão redimensionadas.

Uma comunidade caracteriza-se pela aglutinação de um grupo de pessoas que tem algum interesse em comum (religioso, científico, político, cultural) e essas relações são construídas por meio de interação mútua (PRIMO, 1998) entre indivíduos, em um período de tempo, tendo a permanência, entendida como espaço temporal contínuo de relacionamento, entre seus requisitos fundamentais (PALACIOS, 1998).

Os elementos que caracterizam a comunidade, segundo Palacios (1998), são: “o sentimento de pertencimento, a territorialidade, a permanência, a ligação entre o sentimento de comunidade, caráter corporativo e emergência de um projeto comum e a existência de suas formas próprias de comunicação”. O sentimento de pertencimento, ou “pertença”, seria a noção de que o indivíduo é parte do todo, coopera para uma finalidade comum com os demais membros (caráter corporativo, sentimento de comunidade e projeto comum); a territorialidade, o lócus da comunidade; a permanência, condição essencial para o estabelecimento das relações sociais.

Segundo Shaffer e Anundsen (*apud* PAIVA, 2008), a comunidade é um grupo de pessoas que compartilham práticas comuns, identificam-se com algo maior que a soma de suas relações individuais, fazem um compromisso de longo prazo com o bem estar (seu próprio, um do outro do grupo) e tomam decisões em conjunto.

Hoje, esse conceito já abrange outro significado: comunidades que trazem a união dos seus participantes não por localização geográfica, mas pela conexão com a rede. São comunidades que se caracterizam por possuir objetivos comuns, além de promover a integração, colaboração e cooperação entre os seres humanos. São elas que

fazem que as proximidades intelectuais passem a ser mais importantes do que proximidades físicas.

Segundo Recuero (2007), Howard Rheingold foi um dos primeiros pesquisadores a estudar o tema e também a usar o nome “comunidades virtuais”, afirma que “a comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, mas é existente apenas enquanto as pessoas realizam trocas e estabelecem laços sociais”, e que elas, as comunidades:

São agregados sociais que surgem da rede [internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço].

Para Rheingold (*apud* RECUERO, 2007), o ciberespaço é onde se conversa e discute, onde se engajam intercursos intelectuais e se realizam ações comerciais, troca de conhecimento, compartilhamento de emoções, onde se fazem planos e fofocas, se trazem ideias, brigas; é lugar de se apaixonar, de encontrar ou perder amigos, de jogar, de flertar e de criar arte e desfiar “conversa fiada”. Nele se faz tudo que fazem as pessoas quando se encontram, mas com palavras e na tela do computador, deixando os corpos para trás. Milhões de pessoas já construíram comunidades nas quais as identidades se misturam e interagem eletronicamente, independente do tempo e do local.

Nessa nova sociabilidade digital, qualquer pessoa pode ser um emissor e receptor de informações em tempo real para qualquer lugar do mundo, desde que esteja conectada à rede. Essa possibilidade de interconectividade faz da cibercultura um universo sem totalidade (LÉVY, 1999).

Comunidades virtuais são como organismos vivos e em constante mutação e a tendência à dispersão é grande, requerendo uma atitude atenta dos planejadores e moderadores, repetindo o que diz Simon (2000), quando se refere à prática de comunidades em rede: “basicamente todas as atividades na rede se desenvolvem em torno de alguma comunidade virtual”.

Em artigo na *web*, Harasim (*apud* PAIVA, 2008) ressalta que comunicação e comunidade têm a mesma raiz: *communicare*, que significa compartilhar. Segundo a autora, compartilhar é a chave da civilização humana, e as comunidades são a base da sobrevivência e do desenvolvimento humano. Acrescenta a pesquisadora que:

A invenção das redes de computadores no final da década de 60 (especialmente a invenção do e-mail e a reunião por computador no início dos anos 70) causou um impacto profundo, transformando não apenas as oportunidades tecnológicas como também as possibilidades sociais, dessa forma revolucionando nosso conceito sobre a habilidade de forjar novas comunidades. Comunidades virtuais estão proliferando globalmente em setores intelectuais, sociais, recreativos, e, especialmente, no educacional. A “Rede”, além disso, causou uma mudança no paradigma educacional, ao dar prioridade à interação social, à aprendizagem colaborativa e às comunidades de aprendizagem. (HARASIM, 2004, *apud* PAIVA, 2008).

Azevedo (2008) parte da ideia de que, na sociologia, a distinção entre comunidade e sociedade foi um fator fundamental até para o avanço das ciências sociais. O autor destaca que se está voltando ao conceito de comunidade quando se fala de comunidades virtuais de aprendizagem e que as comunidades virtuais de aprendizagem colaborativa funcionam na base da colaboração. A regra básica é a reciprocidade e todos ensinam a todos, todos aprendem com todos. Essa proposição apoia-se na ideia de que essa diferenciação primordial (TÖTO, 1995) possibilita que um grupo, agregado por interesses semelhantes, usando uma ferramenta de comunicação, evolua para a formação de comunidades e passe a apresentar as características dessa forma de organização social.

Afirmam Marcuschi e Xavier (2005, p. 11), na discussão sobre a comunidade na Internet: é “um espaço de grande plasticidade com recursos infindáveis para novas formas de interação pela escrita e por isso mesmo um desafio muito mais promissor do que assustador. É o tipo de ruptura que constrói e não corrói”. Em consequência dessas novas formas de interação, ela vem como possibilidade de buscar outras formas de ensino.

As comunidades virtuais surgem como um novo espaço de comunicação e uma nova e diferente possibilidade de ensino. Com a expansão das novas tecnologias, muitas mudanças ocorreram na forma de ensinar e de aprender. O contato cotidiano com as mais diferentes mídias levou a sociedade a interagir em ambientes virtuais de forma rápida, ampliando assim o acesso às informações. Com as tecnologias de informação a serviço da sociedade, ampliou-se o envolvimento das pessoas no processo de aprendizagem, e o que mais vem-se destacando na atualidade é o da modalidade a distância.

Na aprendizagem em educação a distância, o que antes era uma atividade solitária e exigia autodisciplina, agora com as redes continua como uma atividade

individual, mas combinada com a possibilidade de comunicação instantânea, de criar grupos de aprendizagem, integrando a aprendizagem pessoal com a grupal.

Lévy (1999) afirma que, nas comunidades virtuais de aprendizagem, as relações *on-line* estão muito longe de serem frias; elas não excluem as emoções. Entre os participantes de comunidades virtuais também se desenvolve um forte conceito de moral social, uma espécie de código de conduta, um conjunto de leis não escritas, que governam suas relações, especialmente com relação à pertinência das informações que circulam na comunidade. Ou seja: não é necessário impor o que pode e o que não pode em uma comunidade; ela mesma se autorregula e se organiza; se não for assim, não é uma comunidade.

No entendimento de Almeida e Almeida (2005), os desenvolvedores de plataformas para ambientes virtuais de aprendizagem devem deixar espaço suficiente para que seus participantes se sintam livres para expressar ideias, dialogar, interagir com informações, recursos e pessoas e produzir conhecimento, sem se sentirem perdidos ou confusos, pois o envolvimento pessoal tem papel fundamental no processo de aprendizagem de qualquer indivíduo.

Segundo Ferreira (2001, p. 4), essa interação não significa, contudo, apenas apertar teclas ou escolher opções de navegação. A interação deve ultrapassar isso, integrando o objeto de estudo à realidade do sujeito, dentro de suas condições, de forma a estimulá-lo e a desafiá-lo, ao mesmo tempo permitindo que novas situações criadas possam ser adaptadas às estruturas cognitivas existentes, propiciando o seu desenvolvimento. A interação deve abranger não só o universo aluno e computador, mas, preferencialmente, também o aluno e professor, com ou sem o computador. Ele sugere que é possível explorar mais profundamente o papel das interações com os outros, parceiros e tutores, na construção de ambientes ricos de aprendizagem. Os indivíduos não aprendem apenas explorando o ambiente, mas também dialogando, recebendo instruções, vendo o que os outros fazem e ouvindo o que dizem.

Dessa forma, segundo Santos (2006, p. 16), no processo de aprendizagem mediado por Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA):

Precisamos desenvolver estratégias e atividades que potencializem a construção do conhecimento em rede, valorizando a singularidade de cada participante ao mesmo tempo em que este deve produzir e dialogar com a pluralidade emergente pela diferença do grupo. Neste sentido, devemos agregar dispositivos que permitam mapear o processo de construção singular de cada aprendente e permitir que este socialize em rede seus sentidos com

todo o grupo. É na interação com o “outro” que podemos socializar a nossa aprendizagem.

Afirma ainda a autora que só é possível negociar, trabalhar e discutir se tiver a possibilidade de interagir com outras inteligências.

Azevedo (2008) não considera que o aluno deva descobrir sozinho as respostas para seus problemas, mas sim que a aprendizagem seja resultado de uma atividade basicamente interpessoal. Também existem diferenças individuais de amadurecimento de determinados conceitos entre os alunos. O professor é o agente mediador do processo de aprendizagem, propondo situações problemáticas aos alunos e ajudando-os a resolvê-las, facilitando a negociação de significados em comum. Não apenas o professor ajuda todos os alunos em determinadas situações, como também os alunos mais adiantados naquele assunto ajudam os mais atrasados. Para que esse processo se fortaleça, o diálogo deve permanecer constante durante o processo de aprendizagem.

3.2 Recursos tecnológicos de comunicação

Muitos são os recursos tecnológicos disponíveis para apoio em comunidades virtuais, que oferecem muitos recursos e disponibilizam várias ferramentas, permitindo, assim, a troca de informações e comunicação, criando um espaço de interação.

Dentre as ferramentas de comunicação, Primo (2001, p. 127-149) apresenta o *chat* e o fórum e aponta suas principais características.

Os *chats* oferecem um ambiente para a livre discussão em tempo real, isto é, de forma síncrona. A ferramenta comum desse serviço permite ao participante saber quem são as outras pessoas (ou pelo menos o apelido ou *nick* adotado) que estão conectadas e interagindo naquele momento. Além de enviar mensagens que serão mostradas na janela principal de todos participantes, o *chat* é uma das interfaces mais poderosas para a interação, pois, em face da velocidade de intercâmbio de mensagens textuais (com ou sem imagens anexadas), oferece um palco para diálogos de alta intensidade e para a aproximação de interagentes sem qualquer proximidade física. Frequentemente, pessoas que se conhecem em salas de bate-papo, passam a se corresponder por intermédio de seus e-mails pessoais e, assim, vão criando entre si uma relação de crescente proximidade, mesmo que separados geograficamente.

Conforme afirma Franco (1997, p. 48): “O *chat* aponta para aquilo que chamamos de realidade virtual, um lugar alternativo ao mundo concreto onde as pessoas podem estabelecer uma vida digital”.

O *chat* traz uma mistura entre linguagem falada e escrita, e a sincronia dessa comunicação permite interações que antes eram apenas atribuídas às relações face a face.

Martins *et al* (2006, p. 492) conceituam o *chat* como uma ferramenta de grande potencial para incentivar o diálogo, um recurso de conversa em tempo real no qual as pessoas trocam mensagens de reflexão.

O fórum, por sua vez, é uma ferramenta por meio da qual os membros discutem um assunto proposto em cada tópico e também criam outro, e é onde fica a maior parte do conteúdo. No fórum, as discussões são assíncronas, sendo as mensagens postadas num quadro, classificadas de acordo com o assunto discutido em ordem cronológica e hierárquica. Dessa maneira, qualquer membro da comunidade poderá acessar as mensagens e identificar a sequência das discussões e também escolher em qual ou quais discussões deseja intervir nas mensagens já postadas.

Percebe-se que o fórum, além de ser um instrumento como um espaço, possui também a função comunicacional, com um repositório de informações, e permite que as mensagens sejam postadas em seu espaço interno. Seus ícones e funções devem possibilitar as operações dos sujeitos e a execução das tarefas de modo perfeito, portanto o seu principal papel deve ser o de servir como um mediador, componente de um meio em que ocorrem as interações entre os participantes, um meio onde as interações realizadas permitem que o objetivo ou o conhecimento seja alcançado por aqueles que o buscam.

Os fóruns também servem de interface tanto para interações mútuas quanto reativas, dependendo de seu uso e objetivo. São muito usados na *web* para que os visitantes de um *site*, por exemplo, deixem suas opiniões e sugestões sobre as páginas visitadas. Cada texto enviado é ordenado em sequência cronológica. O serviço é normalmente usado para registro linear de opiniões, motivando o intercâmbio de ideias. Por outro lado, pode servir de ambiente para debate de certos temas propostos. Alguns preferem o uso de fóruns por seu ordenamento de todas as mensagens enviadas em uma ou mais *web-pages*. Dessa forma, qualquer pessoa que visite o *site* pode recuperar a evolução da discussão.

Martins *et al* (2006, p. 491 - 492) conceituam o fórum como “uma interface que possibilita a disponibilização de um tema para debate, que pode ser aberta, quando o aluno disponibiliza o tema para discussão, ou fechada, quando for o professor.”

O fórum pode ser visto como uma ferramenta tecnológica que favorece a interação e permite a argumentação entre diferentes pessoas a respeito de um determinado tema, favorecendo, portanto, a aprendizagem colaborativa, tendo em vista que permite a comunicação entre membros de um grupo de pessoas que buscam objetivos similares e sua participação ativa na discussão.

Em um ambiente de aprendizagem na *web*, a comunicação processa-se em múltiplas direções, e isto só é possível porque as relações passam a ser mediadas por comunicação via *chats*, fóruns e outras interfaces disponíveis para a produção, recepção e significação do conhecimento.

A tecnologia, em suas diferentes manifestações, associadas à linguagem, transforma a rede humana comunicante em um espaço de interação entre pessoas, sem limitações de tempo e espaço.

3.3 Colaboração e cooperação

Colaborar ou cooperar? Qual destas ações está sendo tentada na escrita da comunidade virtual? Para elucidar um pouco mais os conceitos de “colaborar” e “cooperar”, foram selecionados alguns recortes.

Para Dillembourg e Larocque (*apud* TORRES *et al*, 2004, p. 4), o termo “colaboração” pode ser traduzido pelo modo como é organizada a tarefa pelo grupo. Todos trabalham em conjunto, sem distinções hierárquicas, em um esforço coordenado, a fim de alcançar o objetivo que se propuseram, ao passo que, na cooperação, a estrutura hierárquica prevalece e cada um dos membros da equipe é responsável por parte da tarefa.

Na bibliografia atual, muitos autores definem a aprendizagem cooperativa como uma aprendizagem mais estruturada, com técnicas de sala de aula mais prescritivas e com regras mais definidas de como deve se processar a interação entre os alunos, se comparada com a aprendizagem colaborativa (TORRES *et al*, 2004, p. 3), definem a aprendizagem cooperativa como:

Uma atividade de aprendizagem em grupo organizada de tal maneira que a aprendizagem seja dependente da troca de informações estruturada entre os alunos em grupos e na qual cada aluno é responsável por sua própria aprendizagem e é motivado a contribuir com a aprendizagem dos outros.

De acordo com Panitz (1996 *apud* FIGUEIREDO, 2006, p. 4): “A colaboração é uma filosofia de interação e um estilo de vida pessoal, enquanto que a cooperação é uma estrutura de interação projetada para facilitar a realização de um objetivo ou produto final”. Para o autor (*apud* FIGUEIREDO, 2006), a aprendizagem cooperativa é mais diretiva e controlada pelo professor; isto é, este estipula uma tarefa, e os papéis desempenhados pelos alunos na realização de tal tarefa são, geralmente, atribuídos por ele. Numa perspectiva colaborativa, os alunos escolhem os seus papéis, decidem como e o que irão realizar. Assim, a aprendizagem colaborativa é uma filosofia de ensino.

O quadro apresentado a seguir apresenta algumas diferenças e semelhanças entre as aprendizagens colaborativa e cooperativa.

Quadro 2 - Diferenças e semelhanças entre as aprendizagens colaborativa e cooperativa

Aprendizagem colaborativa	Aprendizagem cooperativa
Diferenças	
O foco é no processo.	O foco é no produto.
As atividades dos membros do grupo são geralmente não-estruturadas: os seus papéis são definidos à medida que a atividade se desenvolve.	As atividades dos membros do grupo são geralmente estruturadas: os seus papéis são definidos a priori, sendo resguardada a possibilidade de renegociação desses papéis.
Com relação ao gerenciamento das atividades, a abordagem é centrada no aluno.	Com relação ao gerenciamento das atividades, a abordagem é centrada no professor.
O professor não dá instruções aos alunos sobre como realizar as atividades em grupo.	O professor dá instruções aos alunos sobre como realizar as atividades em grupo.
Semelhanças	
Os alunos tornam-se mais ativos no processo de aprendizagem, já que não recebem passivamente informações do professor.	
O ensino e aprendizagem tornam-se experiências compartilhadas entre os alunos e o professor.	
A participação em pequenos grupos favorece o desenvolvimento das habilidades intelectuais e sociais.	

Fonte: Figueiredo (2006, p 19-20)

Tomando como base as ideias apresentadas no quadro comparativo, na aprendizagem cooperativa os indivíduos são responsáveis pelo grupo e vice-versa; o professor facilita, mas o grupo é primordial. Por outro lado, na aprendizagem colaborativa são os alunos que estruturam o processo para o desenvolvimento das atividades; eles se engajam em atividades com outros companheiros em busca de novas fontes promovendo a aculturação dos alunos nas comunidades de conhecimento. Nesse

caso, o professor avaliaria a evolução do grupo e forneceria sugestões sobre a fase de desenvolvimento de suas atividades. A aprendizagem colaborativa é baseada em conceitos mais profundos, que englobam questões teóricas, políticas e filosóficas tais como a natureza do conhecimento como uma construção social e o papel da autoridade na sala de aula (MATTHEWS *et al*, 2008, *apud* TORRES, 2004).

Observa-se, portanto, que os termos “cooperação” e “colaboração” designam atividades de grupo que pretendem um objetivo comum. Apesar de suas diferenciações teóricas e práticas, ambos os conceitos derivam de dois objetivos principais: de um lado, da rejeição ao autoritarismo, à condução pedagógica com motivação hierárquica; de outro, trata-se de concretizar uma socialização não só pela aprendizagem, mas especialmente na aprendizagem.

O aprender em um processo colaborativo é planejar, desenvolver ações, receber, selecionar e enviar informações, estabelecer conexões e refletir sobre o processo em desenvolvimento em conjunto com os pares. Portanto, conforme as análises que serão apresentadas no próximo capítulo fica evidenciado que esta comunidade trabalha em colaboração e é autora e condutora do processo de interação e criação.

3.4 Interação

A comunidade que trabalha em colaboração é condutora do processo de interação e criação. Cada membro do grupo é responsável pela própria aprendizagem e corresponsável pelo desenvolvimento do grupo.

Interação é um conceito utilizado nas mais variadas ciências como “as relações e influências mútuas entre dois ou mais fatores, entes, etc. Isto é, cada fator altera o outro, a si próprio e também a relação existente entre eles” (PRIMO; CASSOL, 1999). Essas relações, no âmbito das comunicações, podem se dar de diversas maneiras, seja na forma de difusão unilateral, como é o caso da TV e da imprensa, seja na forma de diálogo ou reciprocidade, como é caso da troca de correspondência, postal ou eletrônica.

A interação é considerada de fundamental importância no contexto educacional e também amplia as possibilidades no contexto da comunicação. Complementam Lopes e Salvago (2005, p. 74):

Acreditamos que não basta dispor das novas tecnologias para garantir a interatividade e sim de disposição em engajar-se nas atividades propostas,

espírito aberto às discussões e envolvimento no curso como um todo. Além do comprometimento, os participantes de um curso a distância precisam querer partilhar suas experiências com o objetivo de enriquecer as trocas e de buscar novas formas de produzir conhecimento.

Para Primo (1997), a interação é uma “ação entre” os participantes do encontro. Nesse sentido, o foco se volta para a relação estabelecida entre os interagentes, e não nas partes que compõem o sistema global.

Conclui-se que interação entre os participantes de um curso *on-line* é uma das principais condições para que haja construção do conhecimento, embora as formas de se criarem tais condições possam ser diferentes, ou mesmo contraditórias.

Rosa (2007) complementa essa ideia dizendo que a eficácia dos recursos tecnológicos depende muito mais da concepção do curso e das estratégias do que das potencialidades das ferramentas.

São realizadas atividades assíncronas em algumas dessas situações e estas se constituem numa comunicação entre os sujeitos em espaço e tempo diferentes da ação comunicativa. Em alguns casos, o espaço poderá ser o mesmo, mas o tempo será sempre diferente. Se a interação ocorrer ao mesmo tempo, então a atividade é síncrona. Exemplo de ambientes que favorecem atividades assíncronas: e-mail, fórum *on-line*, lista de discussões *on-line*, *blog* e outros. Em alguns momentos, nesses ambientes podem ocorrer tanto atividades síncronas, quanto assíncronas, entretanto o *chat* é essencialmente síncrono.

O que se percebe é que as atividades assíncronas são as preferidas de alguns especialistas para a construção do conhecimento e intercâmbio de informações:

O que se observa é que situações de interação entre os participantes fazem parte do planejamento de um curso *on-line* que visa à construção do conhecimento, pois é a interação que gera a comunicação e o intercâmbio de informações. Uma das formas encontradas pelos especialistas em educação à distância *on-line* para garantir a interação é o trabalho em grupo. Utilizando-se atividades assíncronas como fóruns, listas, ou correio eletrônico (ROSA, 2005, p. 1).

Dessa forma, qualquer pessoa que visite um *site* ou participe de uma comunidade pode recuperar a evolução da discussão, causa de sua capacidade interativa.

Nessa perspectiva, a interação pode ser considerada uma solução para o sucesso das atividades em grupo, como também um elemento incentivador para a construção do conhecimento numa relação de diálogo, negociação, intercâmbio, debate,

discussão, colaboração, ou seja, numa situação de produção dos participantes dispostos no mesmo ambiente: a comunidade virtual.

3.5 Máximas conversacionais de Grice

Dentro de uma comunidade virtual, Paiva (2008) considera hoje viver duas instâncias de uso da linguagem, a “real” e a “virtual”, nas quais muitas das atividades são mediadas pela linguagem em interação face a face ou mediadas por papel. Os participantes, em algumas vezes, buscam entender uma dada expressão, compreendendo mais do que as expressões significam e por que um participante prefere dizer alguma coisa de maneira indireta a manifestá-la de forma direta. Nesse sentido, pode-se considerar a linguagem como ação, como forma de atuação sobre o real, em diferentes contextos e em várias situações.

As máximas de conversação propostas por Grice (1982) são baseadas no princípio da cooperação (ou princípio cooperativo): no diálogo, as pessoas fazem esforços cooperativos no intuito de tornarem essa comunicação efetiva, reconhecendo nela um ou mais propósitos comuns. Durante a evolução desse diálogo, alguns movimentos conversacionais seriam eliminados, sob a alegação de não serem adequados ou apropriados a uma determinada situação. A partir desse pressuposto, Grice estabelece um princípio geral, a ser observado pelos participantes desse diálogo, que é o de fazer “sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (GRICE, 1982, p. 86).

Esse princípio é explicitado por quatro categorias gerais, que constituem as máximas conversacionais, definidas, conforme Fiorin (2002, p. 177), da seguinte forma:

Máxima de quantidade

- Que a sua informação contenha o tanto de informação exigida.
- Que sua contribuição não contenha mais informação do que é exigido.

Máxima de qualidade (da verdade)

- Que a sua contribuição seja verídica.
- Não afirme o que você pensa que é falso.
- Não afirme coisa de que você não tem provas.

Máxima da relação

- Fale o que é concernente ao assunto tratado (seja pertinente).

Máxima de modo/maneira

- Seja claro.

- Evite exprimir-se de maneira obscura.
- Evite ser ambíguo.
- Seja breve (evite a prolixidade inútil).
- Fale de maneira ordenada.

Em outras palavras, na conversação, se se falar de modo obscuro, ambíguo ou confuso, se se fornecer mais ou menos informação do que é necessário, se se disser algo que se sabe ou acredita estar errado, se se disser algo que é irrelevante, isso se constitui num comportamento não cooperativo.

A violação de uma máxima depende do contexto, podendo, inclusive, ser necessária, num espaço de interação, dentro de uma comunidade virtual.

Assim concebidas, as comunidades virtuais revelam-se como um espaço ainda inexplorado pelos estudiosos do texto e da textualidade. Um espaço bastante profícuo para a exploração dos conceitos que discutimos no capítulo anterior: Quais são os conectores, sua função e frequência, evidenciados nas trocas entre os participantes de uma comunidade virtual? Qual a relação entre o uso dos conectores e a intencionalidade?

É o que procuramos demonstrar no capítulo que segue.

IV: DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS ARTICULADORES

Neste capítulo, são apresentados os dados provenientes da coleta descrita no capítulo dois, trazendo para a discussão os autores utilizados como subsídios à fundamentação teórica, com o intuito de atender aos objetivos específicos determinados para a pesquisa desenvolvida.

Para análise, foram consideradas as escritas postadas no fórum no período de 28 de fevereiro a 27 de junho de 2008, totalizando 50 excertos. Dos excertos selecionados, foram recortados 250 fragmentos.

O estudo do uso dos mecanismos de coesão e coerência na interação de uma comunidade virtual poderá nortear e ampliar sua aplicabilidade em contextos relevantes ao universo sociocultural, bem como suscitar pesquisas acerca de fatores interpessoais, como o relacionamento entre participantes e os papéis que desempenham no processo de interação social.

A análise dos dados da interface fórum foi realizada com base nas orientações de Gil (2007, p. 133) e Creswell (1994) acerca dos paradigmas qualitativo e quantitativo de pesquisa, aqui escolhidos por terem, como foco da atenção, uma realidade subjetiva, objetiva, múltipla, próxima do pesquisador e por guiar-se por valores intencionais. Ademais, as categorias foram identificadas durante o processo de investigação.

Dentre os mecanismos de coesão identificados, assumem particular relevo os conectores da coesão sequencial.

4.1 Conectores: relação com a intencionalidade

Segundo Fávero (1991), “para se obter a coesão, é importante a escolha de conectivo adequado para expressar as diversas relações semânticas; o mesmo conectivo pode expressar relações semânticas diferentes: é, pois, preciso saber reconhecê-las”.

Seguindo a classificação de Antunes (2005) sobre os elementos de coesão do texto, pode-se considerar que exercem a função de “sinalizadores”, uma espécie de

ordenadores que orientam o ouvinte ou o leitor no espaço do texto, para facilitar o processamento global dos sentidos em questão.

Em toda situação de comunicação que ocorre em um contexto sócio-histórico e ideológico, o papel da linguagem é significado, pois a interação comunicativa ocorre a partir da produção de sentidos entre os interlocutores. Nesse aspecto, Marcuschi (2001, p. 9) aponta para a necessidade de o produtor de texto - no caso o participante da comunidade virtual - ter a intenção de informar, de comunicar algo a um outro participante:

[...] é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina.

Para Barbosa (1992, p. 94), “a análise é um instrumento importantíssimo nos processos de conhecimento da realidade, assim como nos processos de organização de nosso pensamento e nossa linguagem – portanto, de nossos textos”.

A seguir, apresenta-se um quadro com o objetivo de proporcionar uma melhor visualização dos articuladores identificados nos excertos selecionados neste estudo. O quadro 3 mostra o total das ocorrências dos articuladores de acordo com a relação que estabelecem e por ordem ascendente de ocorrência.

Quadro 3 – Total das ocorrências dos articuladores

Tipos de articuladores	total	%
Concessivos	03	0,6
Conformidade	05	1,0
Condicionalidade	09	1,8
Comparação	11	2,2
Alternância	13	2,6
Justificação/explicação	15	3,0
Temporalidade	18	3,0
Causalidade	19	3,1
Conclusão	28	5,7
Oposição	45	9,0
Finalidade	70	16,0
Adição	255	51,0
Total	491	100,0

Quadro elaborado pela pesquisadora, 2009.

a) Articuladores de adição: *e, também, ainda, nem, além de*. São articuladores que servem para ligar dois termos ou duas orações de mesmo valor sintático, estabelecendo entre eles uma ideia de adição ou continuadora de uma explicação.

01) [...] PS: Todas as reuniões serão transmitidas virtualmente, mesmo as que acontecerem **também** presencialmente e em todas as reuniões faremos discussão teórica (no primeiro momento) e discussão das pesquisas em andamento (no segundo momento). [...] (Excerto 02)

02) [...] Olá, Geted. Quais foram as suas impressões em relação ao nosso encontro presencial e virtual do dia 28 de fevereiro? Pontos positivos, negativos, sugestões, propostas. Houve algo que tenha sido bastante significativo para você? Como você se sentiu em relação aos outros participantes, ao ambiente (virtual e presencial), à comunicação, à discussão? A sua participação foi satisfatória? Enfim, relate aqui neste espaço suas considerações no sentido de enriquecer e otimizar o que buscamos: estudar e pesquisar as TICs e a EAD. Obrigada (Excerto 06)

03) [...] Para enriquecer o grupo, acredito que cada integrante, tem o potencial mesmo à distância e com os recursos que dispõe buscar meios de despertar o interesse de todos para uma participação ativa no GETED. [...] (Excerto 06)

No cópuz foram identificados 491 articuladores, dos quais 251 foram de adição (51%). Dentre os 251 articuladores de adição, foram registradas 215 ocorrências do articulador “e” e 36 para os demais.

No fragmento 01, o uso do articulador “e” produz um efeito de acúmulo e expressões que assinalam continuação da sequência temporal relativa aos fatos, com a discussão teórica, no primeiro momento, e discussão das pesquisas em andamento no segundo.

O emprego do “e” no fragmento 02 obedece a uma característica de adição, um acréscimo de informações, em forma de interrogação. O primeiro “e” faz uma construção simétrica num enunciado de modalidade interrogativa. O segundo e o terceiro “e” encontrados referem-se ao complemento do pedido de adição de informações, solicitadas por parte da locutora sobre as opiniões da reunião do dia 28 de fevereiro.

O articulador “e” com valor puramente aditivo pode ser evidenciado no excerto 03 em que produz um efeito de soma, em que as asserções são coorientadas para a mesma conclusão.

No fragmento 01, o articulador “também” parece funcionar como um elemento relacional entre dois enunciados, de tal modo que acentua, ou, pelo menos, orienta a atitude da locutora relativamente ao enunciado anterior. Isso permite afirmar que o articulador “também” funciona como um marcador de inclusão; liga dois atos de asserção em que acresce as reuniões virtuais às que também aconteceram presencialmente.

04) [...] Juliana, fico pensando a necessidade de refletirmos alguns pontos elencados em sua apresentação. Até que medida sabemos equilibrar questões relativas às competências do professor, sua capacitação, seu envolvimento na preparação e na execução das atividades na ead? **E** mais **ainda**, a questão do lucro e da qualidade. [...] (excerto 28)

Observe-se que, no segundo período do fragmento 04, o emprego do “e” insere-se em uma adição interrogativa reflexiva quanto às competências do professor, sua capacitação, seu envolvimento na preparação e na execução das atividades da educação a distância. No terceiro período, há uma intensificação do “e” e um acréscimo de outro articulador aditivo reforçativo - “ainda” - para reflexão quanto à questão do lucro e da qualidade na educação a distância.

Oliveira (1996) considera que “há contextos em que o **E** de certo modo substitui outros conectores, adquirindo os matizes semânticos de *conclusão, consequência, tempo simultâneo, contraste, sucessividade (=tempo posterior), reforço argumentativo e restrição (= E adversativo)*”.

O uso do “e” numa relação de sucessividade ocorre em:

05) [...] Vocês precisam entrar no www.ead.ecd.br/moodle e entrar em ambiente AMBIENTE COOPERATIVO, e em seguida em GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM TECNOLOGIA EDUCACIONAL E EAD. Bom Trabalho. (excerto 03)

06) [...] PAUTA: discutiremos as características de comunidade virtual e, em seguida, cada membro participante falará sobre sua pesquisa (trabalho, interesses, etc.). Obrigada. (excerto 04)

07) Os slides sobre CV estão disponíveis. Entre em ARQUIVOS (do lado esquerdo da tela, na página principal do GETED), em seguida ARTIGOS e depois em COMUNIDADE VIRTUAL (SLIDES) para encontrar os slides. (excerto 05)

08) [...] 1. Entrar no site. 2. No topo da página inicial, clicar em CREATE ACCOUNT e se cadastrar. 3. ACEITAR o convite, acessar novamente o site, logar e explorar o conteúdo.[...] (excerto 43)

Nos fragmentos 05, 06, 07 e 08 verifica-se uma relação de sucessividade de fatos, acentuados pelas expressões “em seguida” e “novamente”: no fragmento 05, “entrar em ambientes cooperativos e em seguida em grupos de estudos”; no fragmento 06, discussão de características de comunidade virtual e em seguida os membros falarão sobre sua pesquisa; no fragmento 08, entrar, clicar, informar, aceitar, acessar, logar e explorar, são ações sucessivas para acessar uma determinada ferramenta da internet.

A soma de informações pode ser observada nos fragmentos 09, 10, 11 e 12, a seguir:

09) [...] Realmente é complicado fazer com que a interação e interatividade aconteçam realmente. (excerto 08)

10) [...] O mais importante é ver que há um grupo preocupado em aprender coeso em alcançar o objetivo comum de pesquisar e estudar a educação nesta era tecnológica a qual estamos vivendo. (excerto 15)

11) [...] Gostei das participações dos integrantes do GETED, agregando em suas interações no decorrer do *chat* estratégias de colaboração e negociação. (excerto 06)

12) [...] Foi interessante ver e ouvir os colegas reunidos. Percebi que houve sempre a preocupação de olhar o *chat* para ver se nós (os internautas) tínhamos escrito algo, estávamos querendo falar alguma coisa. (excerto 06)

São relações de soma, que fazem parte do próprio tipo e do próprio gênero. São informações que fazem parte do diálogo, de quem pergunta e de quem responde (quem responde está para explicitar) percebidas no fragmento 09, interação e interatividade; no fragmento 10, estudar e pesquisar; no fragmento 11, colaboração e negociação; no fragmento 12, ver e ouvir; o “e” liga termos da mesma classe gramatical e mesma função sintática. Uma outra particularidade encontrada no “e” aditivo pode ser notada nos exemplos que seguem:

13) [...] Abraços e boa leitura. [...] (excerto 09)

14) [...] Abraços e obrigada pela atenção [...] (excerto 22)

15) [...] Obrigada pelas suas contribuições e seja bem-vinda ao grupo. [...] (excerto 40).

Nos três enunciados, com as mesmas características discursivas – o fecho cordial típico do gênero carta informal, o “e” não liga termos de igual valor sintático, contrapondo-se, sob certos aspectos, ao conceito já consagrado nas gramáticas da língua portuguesa. Esse “e”, nos três excertos, expressa a afetividade para garantir a interação e colaboração entre os participantes do grupo. A sintaxe está comprometida, porém produz-se um efeito de sucessividade.

O articulador “e” também é observado no cópús em contextos nos quais, mesmo ligando antônimos ou formas de sentido reconstruído pelo prefixo re-, exerce a relação de soma, como se pode ver nos exemplos a seguir:

16) [...] Há verdades e inverdades nos documentos escritos. No *Wiki* também haverá, com certeza. (excerto 43)

17) [...] Essas questões filosóficas sobre o bem e o mal do *Wiki* ainda vão (e precisam) render muito debate. (excerto 43)

18) [...] construção de significações e re-significações no processo de aprendizagem. Sem este conjunto de fatores, a tecnologia, por si só, não basta. [...] (excerto 50)

Entretanto, pode-se verificar que o uso do articulador “e”, em 19, não possui valor aditivo. Neste, o articulador estabelece uma relação de adversidade, de contraposição ao enunciado anterior, ou, no mínimo, de alternância:

19) [...] Ward Cunningham, o criador do *Wiki* nos alerta de que o *Wiki* pode funcionar e pode não funcionar. (excerto 43)

Koch (1996) considera que, se houver dois ou mais argumentos orientados no mesmo sentido, esses elementos podem ser encadeados por meio do articulador “além de”. No fragmento 20, verifica-se que este é responsável pelo acréscimo de mais um argumento, que passa a ser decisivo a orientar para a determinada conclusão; sua função é dar um golpe final, destina-se a acentuar a força argumentativa do enunciado. É dessa forma que ele dá ao texto uma direção argumentativa, auxilia e encaminha o leitor a uma dada direção:

20) [...] Ao todo são 8 filmes que mostram os melhores momentos do evento, entre eles as sessões de comunicação, exposição de pôsteres, **além das** conferências dos professores [...] (excerto 01)

Como se observa, o articulador “além das” é responsável, em parte, pela força expressiva que se quer dar ao enunciado: o articulador “além das” incita o participante a assistir às conferências: há 08 filmes, há os melhores momentos, há sessões de comunicação, há exposição de pôsteres, porém, dentre todas as atividades, há uma mais importante. O artifício usado para chamar a atenção é deixar, como argumento final e decisivo, a frase “além das conferências dos professores”.

21) Eu **nem** estranharia se qualquer dia desses, a implantação de chips no corpo humano se tornasse corriqueira. (excerto 43)

Uma outra relação de adição é constatada na utilização do coesivo “nem”, no fragmento 21. Segundo Neves (2000, p. 754), essa relação pode adicionar segmentos negativos ou privativos. O elemento “nem” tem o significado básico de “e também não”. Para a autora, “trata-se, pois, de um significado denso, marcado (acréscimo, inclusão e privação), o que favorece o emprego de palavras de reforço”. Importa considerar que a relação de adição é feita em relação a elementos ausentes do enunciado, posto que menos relevantes, comunicativamente, do que o argumento mencionado.

Embora não necessariamente aditivo, merece destaque também o emprego do “aliás”:

22) [...] Algumas mudanças já são bastante consensuais dentro do nosso próprio grupo: a interatividade da Internet e a ação cooperativa. **Aliás**, Pierre Lévy, já há tempos vem ressaltando a nova inteligência coletiva da espécie humana [...] (excerto 43)

O uso do articulador “aliás”, no fragmento 22, introduz uma informação adicional. Koch (1996) salienta que esse marcador introduz, de maneira “sub reptícia um argumento decisivo”; ele é apresentado como se fosse desnecessário, como se se tratasse de simples “lambuja”, quando, na verdade, é por meio dele que se apresenta o argumento irrefutável, contundente, com o qual se dá o “golpe final”, resumindo ou englobando todos os demais argumentos. O que ocorre nesse fragmento é que há um consenso dentro do grupo de que ocorreram algumas mudanças decorrentes da

interatividade e da ação cooperativa, deixando claro o argumento de que a nova inteligência coletiva da espécie humana já vem sendo estudada.

A alta presença dos articuladores de adição “e”, “também” e “ainda”, especialmente o “e”, o mais utilizado, concorre para a construção do efeito de que, no espaço acadêmico, muito se pode fazer. Por se este um conector dotado de baixíssima força argumentativa, poderíamos afirmar, em um primeiro momento, que, acima da função de somar informações, esse articulador assume um papel de sequenciador no contexto em que é usado.

Dentre as estratégias que se referem à necessidade de cooperação entre os interlocutores, foram observadas através dos conectores, conforme postula Grice (1982), a quantidade (informatividade) suficiente, a qualidade (autenticidade), pertinência e relevância das informações, bem como essas informações foram apresentadas e percebidas nas conversações entre os membros (precisão, clareza, ordenação).

Segundo Neves (2000, p. 742), há, no entanto, nas relações de adição, aspectos especiais marcados pelo uso do “e”, podendo indicar “adição de unidades do sistema de informação”, que, além de marcar, especialmente na narrativa, as ações, ou os discursos das personagens, permite estabelecer alguns efeitos em relação a sequência, encadeamento, permitindo, assim, conseqüentemente a progressão temática durante as interações. Parece-nos ser esta a função dos operadores de adição no fórum.

Com foco na segunda pergunta de pesquisa, o uso dos articuladores sequenciais de adição está relacionado com a intencionalidade de quem escreve, ou seja, com o objetivo de informar, impressionar e argumentar durante as trocas. Portanto, o uso dos articuladores e a intencionalidade se mostraram intimamente ligados no processo de interação, no que diz respeito à promoção, participação, sentimento, envolvimento e comprometimento do grupo, acreditando-se que os participantes do grupo conheçam a proposta das reuniões e seu comprometimento no processo de interação.

b) Articuladores de finalidade: *para, para que, a fim de que, no sentido de, com o objetivo de, de modo a:* são os que manifestam relações de finalidade ou também quando um dos segmentos explicita o objetivo pretendido:

23)[...] Os vídeos estão disponíveis **para** visualização no endereço eletrônico do NEHTE [...] (excerto 01)

24) [...] Percebi que houve sempre a preocupação de olhar o *chat* **para** ver se nós (os internautas) tínhamos escrito algo, estávamos querendo olhar alguma coisa. [...] (excerto 06)

25) [...] Mas, pesquisar e estudar o que e **para que**? Pesquisar e estudar as temáticas da EAD e da tecnologia educacional **para que** o grupo como um todo possa desenvolver-se individualmente e coletivamente em todos os âmbitos de suas vidas. [...] (excerto 19)

Em segundo lugar na frequência de uso, os articuladores mais utilizados foram os de “finalidade” (16%). Observa-se, nos excertos de 23 a 25, a utilização dos articuladores “para” e “para que”, que produzem efeito de finalidade, explicitando o propósito ou o objetivo pretendido e expresso pelo outro. Nesses excertos, o articulador “para” funciona também como introdutor de argumentos. Segundo Neves (2000, p. 98), o “para” introduz apenas argumentos objetivos. Além do conector “para” e suas variantes, outras expressões são empregadas para a produção do efeito de finalidade:

26) [...] A reunião foi participativa e houve interesse em explorarmos cada vez mais a temática proposta. Por outro lado, a ferramenta *wiziq* utilizada para o encontro beneficiou alguns (som, imagem, sentimento de presencialidade) e excluiu outros (com tecnologia não tão adequada para aquele uso, cortes na fala e problemas de conexão). De qualquer maneira, tudo é interessante **no sentido de** vivenciarmos tais experiências e nos posicionarmos como nossos alunos. Obrigada. [...] (excerto 19)

27) Estou desenvolvendo a dissertação de mestrado **com o objetivo de** analisar a aprendizagem colaborativa na Educação a Distância sob a perspectiva do aluno. (excerto 50)

Percebe-se que os articuladores de finalidade aparecem como marcas que fortalecem a direção argumentativa do texto, porque tudo é “para quê”, tudo tem que ter um objetivo, um propósito ou uma realização para um fim específico, ou seja, os participantes expressam suas intenções para alcançarem um objetivo ou conhecimento durante as interações, ratificando os princípios do processo colaborativo.

No excerto 26, a participante tem a intencionalidade de explicar ao grupo sobre a importância da utilização da ferramenta *wiziq* disponibilizada para a reunião. A sua utilização trouxe benefícios e desvantagens, mas conclui-se que foi interessante no intuito de vivenciar experiências, de familiarizar com as ferramentas de comunicação e informação no sentido de poder também utilizá-las de maneira crítica com os alunos.

A participante no excerto 27 tem a intencionalidade de informar que está estudando, desenvolvendo sua dissertação de mestrado com fim específico de analisar a aprendizagem colaborativa na educação a distância. A intencionalidade fica evidenciada, pois quem escreve consegue produzir os efeitos desejados, assim, explicitar sua intenção e finalidade durante a conversação: de participar aos colegas seu foco de pesquisa e conseqüentemente compartilhar ao grupo, podendo haver troca de teorias, referências, experiências relacionadas à temática em foco.

Percebe-se que os operadores de finalidade orientam as falas entre os participantes da comunidade e garantem a sequenciação do texto, a manutenção e progressão temática, contribuindo assim para um todo coerente e também para a promoção da interação entre os membros da comunidade.

c) Articuladores de alternância: *ou*. Articulador que ora introduz um efeito de inclusão, ora um efeito de exclusão ou de alternância propriamente dita:

28) [...] Vamos tentar fazer por vídeo conferência **ou** nós (Campo Grande) nos reunimos presencialmente e transmitimos pelo msn as discussões (como fizemos com a apresentação do Rodrigo. [...]) (excerto 02)

29) [...] Todas essas mudanças nos fazem refletir sobre como nossos alunos se sentem frente às tecnologias, principalmente aqueles que não tem uma câmera **ou** microfone. [...] (excerto 15)

30) Sobre o cronograma para as reuniões do segundo semestre, estou de acordo com as datas e com quaisquer dos períodos: de manhã **ou** a tarde. [...] (excerto 48)

Esses articuladores foram encontrados com baixa frequência nas interações, num total de 13 ocorrências (2,6%). No fragmento 28, o articulador sugere uma alternativa, em que os elementos se excluem: fazer vídeo conferência ou fazer uma reunião presencial (os elementos se excluem). Em 29, constata-se alternância entre duas possibilidades (câmera ou microfone) inclusivas e, em 30, pela alternância, também inclusiva, pois as reuniões poderão ser realizadas, indiferentemente, no período da manhã ou da tarde.

O papel desse articulador é o de combinar proposições cujos sentidos se alternam, podendo contrapor-se quando o sentido das proposições traz elementos incompatíveis ou valores opostos. Nesse caso, os articuladores de alternância têm orientações discursivas diferentes, resultantes de dois atos de fala distintos; a relação

entre ambos pode ser inclusiva ou exclusiva. O efeito comunicativo pode ser diferente, a partir da seleção da posição de um ou de outro no sentido da informação, garantindo liberdade ou autonomia do participante.

O fato de serem colocadas entre os enunciados duas possibilidades ligadas por “ou” por si só pode marcar uma intencionalidade de que cada participante do grupo possui uma voz, um papel de protagonista no processo de tomada de decisão, de que as ações a partir das possibilidades oferecidas serão tomadas pelos próprios membros da comunidade. Indica-se uma ideia de que todos são importantes no grupo.

d) Articuladores de causalidade: *porque, uma vez que, visto que, já que, por essa razão, devido, por.* São elementos que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao segmento anterior. Os fragmentos a seguir exemplificam essa relação:

31) Obrigada professora, de alguma maneira, **por** ter feito parte de nossas vidas. [...] (excerto 10)

32) Acredito até que estamos ver a nascer a geração cognitivamente “mutante”, **visto que** a expansão das potencialidades humanas já estão incorporando (no sentido literal das palavras) as novas tecnologias.

33) Se o conhecimento coletivo produzido nesse *wiki* é um conhecimento positivo, **por que** não é válido cientificamente?

Constatou-se nas interações a baixa frequência dos articuladores de “causalidade”, num total de apenas 19 (dezenove) ocorrências (3,1%).

Quanto ao articulador “por”, encontrado no fragmento 31, equivale ao articulador “porque”, estabelecendo uma causa que motivou um ato declarativo: agradecimento.

No fragmento 32, o articulador “visto que” tem forte valor argumentativo: funciona como articulador de causa-efeito, embora o conjunto de relações sintagmáticas remeta a uma relação de mera explicação.

No fragmento 33, o operador “por que” ocorre em um ato de fala interrogativo. O interlocutor provoca o participante a refletir por que o conhecimento produzido por essa ferramenta não é válido cientificamente.

As relações marcadas pelos articuladores de “causalidade” nos textos, explicitam uma relação de causa/consequência.

“Ao produzir um discurso, o locutor manifesta suas intenções e sua atitude perante os enunciados que produz através de sucessivos atos ilocucionários que se

atualizam por meio dos diversos modos de lexicalização que a língua oferece” (KOCH, 1996, p. 86). Seja qual for a intenção, o locutor recorre aos marcadores discursivos, deixando ao alocutário a decisão de aceitar ou não os argumentos apresentados. Os articuladores ressaltam uma consequência, encaminhando à conclusão para a qual o enunciado aponta, tendo-se, assim, um efeito persuasivo.

As relações de causalidade encontradas nas interações revelam a intencionalidade da participante na organização do seu discurso, focalizando sua intenção nas questões ligadas à distribuição de informação e à orientação argumentativa.

A intencionalidade demonstrada pela participante no excerto 31 (ato declarativo) está relacionada à emotividade, demonstrando que uns se preocupam com os outros, que cada um tem seu “papel”, não só em questões acadêmicas, mas também em relação à valorização do outro como pessoa, como ser humano e de que cada um dentro da comunidade pode fazer diferença na vida do outro e da própria comunidade.

No excerto 32, a participante tem a intenção de expressar que os usuários (nova geração) se apropriam das características dessa ferramenta e as utilizam espontaneamente. Isto os torna diferentes em linguagem e estratégias de expressão.

Já no excerto 33 a intencionalidade da participante é de tentar fazer que os participantes da comunidade reflitam sobre o que é considerado válido cientificamente e argumentar a favor da produção do conhecimento de maneira coletiva.

e) Articuladores de oposição: *mas, mesmo, entretanto, contudo, no entanto*. São elementos que podem indicar relações que vão desde uma simples desigualdade pouco caracterizada até a rejeição, passando pelo contraste, pela contrariedade, pela oposição, pela negação e pela anulação (NEVES, 2000, p. 756). Exemplos:

34) [...] Recebi o convite em dezembro, mas somente agora recebi email para acessar o ambiente (login, senha). (excerto 08)

35) Oi Bruna, estou tentando cadastrar-me no *WIZIQ*, **mas** não estou conseguindo, ficamos de fazer um teste hoje, lembra? (excerto 13)

Em 34, o uso do articulador “mas” marca simplesmente um contraste de situação, entre ter recebido o convite em dezembro, porém somente agora recebeu o *email* para acessar o ambiente.

No fragmento 35, há uma contraposição com eliminação, ou seja, uma negação explícita que se refere ao que está subentendido no anterior: tenta cadastrar-se, mas não consegue.

Dos 45 articuladores de “oposição” encontrados (3% em frequência), 25 foram “mas”.

Segundo Neves (2000, p. 757), nas relações de desigualdade há aspectos especiais marcados pelo uso do “mas”. A desigualdade é utilizada para a organização da informação e para a estruturação da argumentação.

Desse modo, o uso do articulador, mais do que ligar orações, sinaliza, em geral, uma direção argumentativa contrária àquela que vinha sendo apresentada, funcionando como “marcadores”, eles sinalizam a relação semântica criada, tornando-os fundamentais para que haja compreensão durante as interações (ANTUNES, 2005, p. 144).

Quanto ao excerto 34, a participante tem a intenção no diálogo de justificar sua não participação anterior, em face da impossibilidade de acesso e não por falta de vontade ou de comprometimento; exibe uma intenção de aliviar um olhar negativo em relação ao não engajamento à comunidade assim que recebeu o convite para participar.

No excerto 35, a intencionalidade da autora é de justificar ou sua falta de conhecimento técnico em relação à ferramenta, ou a sua falta de familiaridade, ou de pedido de socorro e de ajuda. Há também uma intenção de cobrança, pois já se havia agendado um teste da ferramenta e que parece não ter sido concretizado.

f) Articuladores concessivos: *embora, mesmo que*. São elementos que podem indicar um fato contrário ao expresso anteriormente, porém insuficiente para anulá-lo:

36) **Embora** haja opinião de que o *Wiki* não se presta à arte literária (já que esta é, por essência, uma expressão individual), há campos que, a meu ver, se prestam maravilhosamente para a autoria coletiva: a História [...] excerto (43)

Quanto aos articuladores “concessivos”, foram encontrados apenas 3 (três). No caso do fragmento 36, o articulador “embora” expressa uma relação concessiva: aquilo que dela se pode esperar é negado na oração principal (NEVES, 2000). A interlocutora primeiro faz a sua asseveração, depois utiliza-se dos argumentos para expressar seu ponto de vista.

Pode-se afirmar que toda concessão tem um valor de réplica; o fato de se incorporarem ao discurso às objeções (argumentos possíveis) do adversário real ou

virtual confere às próprias teses uma seriedade e uma imparcialidade que não teriam se apresentadas de maneira peremptória (KOCH, 1996).

A intencionalidade da participante, no excerto 36, é de justificar seu ponto de vista em relação ao *wiki*, argumentando com sua construção coletiva, característica típica de áreas como a história, por exemplo. Registra também uma objeção, uma ideia contrária, expressada anteriormente. A participante tem a intenção de mostrar que, apesar da crítica referente ao uso da ferramenta *wiki*, de que a mesma não é adequada à expressão individual, ainda assim, acredita que há outras vantagens no seu uso, principalmente no que se refere à autoria colaborativa.

g) Articuladores de temporalidade: *quando, enquanto, apenas, hoje, ontem, mal, ao*. São elementos que indicam o momento, a época, o tempo de ocorrência do fato expresso.

37) [...] **Quando** estamos interagindo em um *chat*, estamos todos em nível de igualdade de comunicação.[...] (excerto 06)

38) [...] Gostei muito do trabalho e, **enquanto** o analisava lembrei-me de um estudo exploratório que li recentemente. [...] (excerto 23)

39) **Ao** ler o texto, me indagava sobre as questões relativas ao controle no *wiki*, à segurança e veracidade das ideias. [...] (excerto 43)

No corpúsculo analisado, verificou-se baixa frequência dos articuladores de temporalidade: 18 (dezoito) ocorrências (3%). No caso do fragmento 37, o articulador “quando” expressa a ordem temporal do acontecimento, ou seja, o momento da interação.

No fragmento 38, o “enquanto” expressa a relação temporal caracterizada pela simultaneidade, o que implica dois estados de coisas: enquanto analisava, lembrei-me do estudo.

No fragmento 39, o articulador “ao” tem a mesma característica do fragmento 39; a indicação de simultaneidade entre dois estados de coisas.

Percebe-se que os articuladores de temporalidade aparecem como marcas de encadeamento que podem expressar a ordem em que a interlocutora percebeu os acontecimentos, favorecendo uma interpretação de um período de tempo em que as coisas vão aparecer durante as interações.

Essas marcas podem destacar os fatos da realidade, conforme a ordem que foi percebida, como também a coerência entre os textos. Eles também funcionam como “sinalizadores”, que orientam o interlocutor no processamento, facilitando o entendimento global dos sentidos. Por meio dessas marcas foi possível perceber a sua importância para dar sentido na construção do conhecimento, permitindo discussões e trocas de ideias, por exemplo.

No caso do excerto 37, a intencionalidade é mostrar que no momento da utilização da ferramenta (*chat*), estabelece-se um “nível igualdade de comunicação”. Isto evidencia que a ferramenta *chat* pode aproximar alunos e professor em um diálogo mais igualitário, em que todos têm vez e voz.

A participante no excerto 38 tem a intencionalidade de destacar a relação entre o trabalho apresentado no grupo e o estudo exploratório que a participante leu. Isto pode significar a relevância e a pertinência do tema discutido no grupo.

Quanto ao excerto 39, a participante tem a intenção de destacar o processo simultâneo de leitura e reflexão sobre questões fundamentais como: “segurança e veracidade das ideias” e que a leitura pode provocar simultaneamente a reflexão.

h) Articuladores de conclusão: *assim, pois, logo, portanto, então, enfim, finalmente*. São elementos que introduzem uma conclusão que se obteve a partir de fatos ou conceitos expressos no segmento anterior (ANTUNES, 2005).

40) [...] Para isso é importante o cadastro no <http://wiziq.com>. **Assim** facilitará o acesso na sessão (excerto 12)

41) [...] Vocês pontuam que *wikis* públicos como o *wikipédia* dispensam maiores medidas de segurança, **então**, como garantir a veracidade das informações ali citadas? (excerto 43)

No cópuz utilizado, foram registradas 28 (vinte e oito) ocorrências de articuladores de “conclusão” (5,7). Esses elementos utilizados nos fragmentos 40 e 41 são responsáveis pela orientação da conclusão que se quer dar à interação.

Em 40, enfatiza-se a importância do cadastro e conclui-se que facilitará o acesso à sessão, o que leva à conclusão de que, se não cadastrar, não conseguirá o acesso na sessão.

Com efeito, o fragmento 41 pode ser interpretado do seguinte modo: se vocês pontuam que *wikis* públicos dispensam maiores medidas de segurança, qual seria

a solução para garantir a veracidade das informações? Esta pergunta não impede que o enunciado se constitua em um argumento no sentido de uma conclusão.

Por meio dos articuladores conclusivos, introduz-se um enunciado de valor conclusivo em relação a dois (ou mais) atos da fala anteriores que contêm as premissas, uma das quais, geralmente, permanece implícita, por tratar-se de algo que é voz geral, de consenso em dada cultura, ou, então, verdade universalmente aceita (KOCH, 1991, p. 67).

A intencionalidade evidenciada no excerto 40 é de ratificar a assertividade da ação anterior, qual seja, a importância da inserção do cadastro, a intenção em “fazer crer” na importância do cadastro.

No excerto 41, a intencionalidade é questionar a coerência do pressuposto (dispensam medidas de segurança) adotado na afirmação anterior, demonstrando assim o participante, a intenção de “fazer crer” durante a interação.

Embora tenhamos selecionado apenas dois enunciados conclusivos, de um universo de 28 ocorrências, constatamos que o papel desses tipos de articuladores está estreitamente vinculado ao contexto, à situação de uso, do mesmo modo que os explicativos e causais: se o propósito da comunidade é refletir sobre ou discutir questões acadêmicas, incitam o raciocínio lógico, as operações de indução e dedução, cuja representação linguística geralmente se apresenta sob a forma de enunciados conclusivo-explicativos.

i) Articuladores de justificação ou exemplificação: *como, pois, ou seja*. São elementos que têm por finalidade justificar, explicar ou esclarecer um segmento anterior. Por vezes, esses articuladores também introduzem reformulações ou correções de algo dito anteriormente.

42) A reunião foi muito proveitosa, **pois** discutimos a ferramenta *wiki* [...] (excerto 19)

43) [...] Infelizmente, nem todos estão acostumados a buscar a informação, **ou seja**, muitos estavam perdidos [...] (excerto 15)

Ainda, em relação à coesão textual, vale considerar os articuladores de justificação ou exemplificação que aparecem no corpus, 15 (quinze) ocorrências, um baixo índice de ocorrência.

No fragmento 42, o elemento “pois” constitui um ato de exemplificação relativo ao ato da linguagem praticado anteriormente, a reunião proveitosa.

Quanto ao fragmento 43, o articulador “ou seja” expressa uma relação explicativa dentro do contexto da interação.

Apesar de esses articuladores serem frequentes em textos expositivos ou explicativos, sobretudo aqueles com finalidade didática, nota-se que não foi grande sua frequência na comunidade virtual, mesmo sendo uma comunidade de pesquisadores que se utiliza de uma linguagem mais formal (linguagem acadêmica). Justifica-se a baixa frequência desses sequenciadores talvez pelo fato de a comunidade virtual ter, acima da finalidade didática, o objetivo de estabelecer, entre seus participantes, relações de colaboração e de incentivo à criatividade, a busca de conhecimento e à negociação, visando um objetivo comum, que se dá através do consenso do grupo.

Percebe-se a intencionalidade da participante no fragmento 42 é de explicar e aprovar a ação anterior: reunião proveitosa.

No excerto 43 a participante tem a intenção de explicar a informação anterior: não existência do hábito de pesquisa.

É interessante notar que a participante, ao utilizar esses elementos durante as interações, particulariza uma intencionalidade para justificar ou explicar um fato anterior apresentado.

j) Articuladores de conformidade: *como, conforme, segundo*. São elementos que estabelecem uma ideia de concordância, de conformidade entre um fato enunciado e outro expresso na oração principal:

44) [...] **Como** a Carla disse, muitos problemas se deram porque não temos a cultura de “ler o manual”. [...] (excerto 16)

45) [...] Estaremos discutindo essas questões no próximo *chat* dia 13/03 através do *WIZIQ* **conforme** instruções da Bruna neste fórum. [...] (excerto 08)

Foram encontradas no corpúsculo apenas 5 (cinco) ocorrências de articuladores de “conformidade”.

No fragmento 44 o elemento “como” indica um fato que se dá em conformidade com o que a falante disse (Carla).

No fragmento 45, o conector “conforme” expressa a relação conformativa com o que foi expresso no enunciado anterior: a falante diz que estará discutindo no

próximo *chat* dia 13/03 através do *wiziq*, em conformidade com as instruções da Bruna no fórum.

A intenção da participante no fragmento 44 é de fazer com que os membros reflitam sobre sua participação na comunidade por meio de leitura das mensagens postadas que, algumas vezes, não são lidas e prejudicam o desenvolvimento das atividades.

Já no excerto 45, a participante tem a intenção de evidenciar que as questões a serem discutidas no próximo *chat* já foram pontuadas no fórum, ou seja, aqueles que leram, se interessaram do assunto. Mais uma vez, a participante evidencia a necessidade do envolvimento dos membros da comunidade em tudo que é expresso no ambiente.

A relação de conformidade é expressa pelo fato que a falante diz em conformidade com a possibilidade existente. Isto significa que, durante as interações na comunidade virtual, há sempre a preocupação de estar em sintonia com o outro e com as regras definidas, para o uso da ferramenta e do domínio discursivo.

k) Articuladores de condicionalidade: *se, caso, desde que*. São elementos que expressam uma hipótese ou condição para que ocorra o fato expresso na oração principal.

46) Pessoal, acabei de enviar alguns trabalhos apresentados em congressos, em 2007 – dos quais participei – pois, talvez, possam trazer alguma contribuição. Alguém poderia me comunicar **se**, de fato, chegarem? [...] (excerto 40)

47) [...] Entretanto, não sei como é a realidade dos integrantes deste grupo de pesquisa, mas tenho afazeres nos três períodos. Desta forma, gostaria, **caso** seja possível, de solicitar que sejamos avisados, antecipadamente [...] (excerto 22)

No *cópus* selecionado para esse estudo, foram encontrados 9 (nove) articuladores de condição.

No caso do fragmento 46, antes de iniciar a construção condicional, a falante informa um fato e faz uma construção condicional.

No fragmento 47, o articulador “caso” expressa uma relação de condição, um conjunto de fatos que criam uma situação. Na primeira parte, a falante apresenta os fatos, seus afazeres. Na segunda faz uma construção condicional: caso seja possível, avisar antecipadamente, funcionando como uma ressalva.

Esses articuladores que se constituem em marcas importantes na organização da informação: a falante apresenta informações que ela considera não serem novas, o que, segundo Neves (2000, p. 833), é observável nos significados de determinadas interações e que podem ser pensadas como explicativas. Isso vem reforçar novamente marcas de intencionalidade da interlocutora em informar, interagindo com o grupo de forma a esclarecer ou confirmar algum ato.

Quanto ao fragmento 46, a participante tem a intencionalidade de checar se de fato anterior ocorreu: recebimento do material. Isso evidencia uma certa insegurança em relação à eficácia das ferramentas de comunicação e informação, se realmente as informações, mensagens, comunicados são enviados e recebidos. Também se pode inferir que a participante queira, de alguma forma, materializar a participação dos membros da comunidade com mensagens que expressem que receberam material e que estão acessando o ambiente.

No excerto 47, a intencionalidade da participante é de solicitar uma ajuda, mas não é tão essencial: caso seja possível. A participante evidencia a importância que dá à organização de um calendário para que haja participação dos membros da comunidade em suas ações propostas.

Em ambos os casos dos excertos 46 e 47, tratam-se de pedidos importantes, mesmo que sejam apenas possibilidades.

l) Articuladores comparativos: *como, tanto (...) que*. São elementos que pressupõem uma relação de comparação.

Segundo Neves (2000), toda construção comparativa é uma reunião entre iguais (comparação de igualdade) ou entre diferentes (comparação de desigualdade).

48) [...] Acho que precisamos abrir um canal de comunicação de voz (e até de imagem) entre os internautas e as pessoas reunidas presencialmente (isso, é claro, implica em investimento tecnológico) ou usar uma ferramenta comum a todos, **como** por exemplo o *chat*. [...] (excerto 06)

49) [...] Vou aguardar, portanto, outros “olhares” **tão** argutos **quanto** o seu, inclusive para minha própria reflexão. [...] (excerto 43)

Encontradas e registradas 11 (onze) ocorrências (2,2%) no corpús.

No fragmento 48, observa-se uma construção comparativa que se dá entre duas possibilidades de uso de ferramentas: abrir um canal de comunicação de voz e até de imagem ou usar uma ferramenta comum a todos, como o *chat*. Observa-se, na

utilização desses articuladores que a interlocutora tem a intencionalidade de mostrar as diferenças ou semelhanças nas informações transmitidas.

No fragmento 49, a construção é comparativa de igualdade.

A intencionalidade da participante, no excerto 48, é a de apresentar uma alternativa ao problema por ele apresentado anteriormente. A participante evidencia a necessidade de aprimorar as tecnologias utilizadas, nas reuniões, no sentido de familiarizá-las ao grupo como um todo. Também é enfatizada a importância de materializar a imagem e a voz dos participantes para poder diminuir a distância física e aproximar os membros da comunidade.

No excerto 49, a intencionalidade do participante é valorizar o ponto de vista de seu interlocutor e aguardar outras contribuições semelhantes. A participante quer evidenciar que ela acredita ser importante a voz do outro que valoriza o “olhar” de seus pares para desenvolver reflexões sobre determinados assuntos discutidos na comunidade.

Para interpretar a relação entre o uso desses conectores com a interação, a participante precisa entender a intenção transmitida, interpretando a mensagem a partir do contexto. Isso porque o sentido, nas trocas entre os participantes, é construído não só no nível semântico, pela significação das palavras e dos enunciados, mas também pela intenção comunicativa, que precisa estar de acordo com a situação geral em que vai ocorrer (situacionalidade). Não há discurso neutro, objetivo, imparcial.

Isso leva Perelman (*apud* KOCH, 1996, p. 125) a afirmar que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um instrumento de ação sobre os espíritos, isto é, um meio de persuasão. E que

nada é mais arbitrário que as distinções escolares entre discurso factual, neutro, descritivo e discurso sentimental, emotivo: estas distinções só têm interesse na medida em que atraem a atenção do estudante sobre a introdução manifesta de julgamentos de valor na argumentação, mas são nefastas na medida em que fazem subentender que existem maneiras de se exprimir que seriam descritivas em si mesmas, discursos em que intervêm somente os fatos e sua objetividade indiscutível.

Há, no entanto, outros elementos linguísticos nas interações, tais como o contexto situacional, conhecimentos exteriores ao texto, como conhecimento de mundo, dos interlocutores, conhecimento partilhado, experiências cotidianas, inferências *online* que possibilitam interpretar sua relação com a coerência. Observa-se, que o princípio de cooperação, proposto por Grice (1975), contribuiu para orientar a conversação dos

participantes, obedecendo a várias máximas a ela ligadas – Qualidade, Quantidade, Relevância ou Pertinência e Modo. A máxima de relevância parece ser imprescindível para que a troca entre os participantes se realize de forma coerente. A pertinência implica na verdade do que se diz dentro do contexto. As máximas de Qualidade, quando a fala: foi verdadeira, verdadeira e fundamentada. A quantidade refere-se à quantidade de informação fornecida para fins da troca linguística, contribuição suficiente informativa. As máximas de Modo se referem à forma que se diz durante a conversação, não obscuro, não ambíguo e organizada.

Segundo Beaugrande e Dressler (1981), além da coesão e coerência outros fatores como intencionalidade, situacionalidade, informatividade, aceitabilidade e intertextualidade são responsáveis pela organização de ideias, atitudes dos usuários relativas aos padrões de textualidade, que possibilitam uma perfeita comunicação nas interações.

Nos excertos analisados houve marcas de interação, colaboração e a intencionalidade de quem promovia a troca de informações, conseguindo atrair, sugerir, sensibilizar, participar e transmitir conhecimentos ou informações, ou seja, a intenção de “fazer alguém saber”, “fazer alguém querer”, “fazer alguém crer” e “fazer alguém fazer”. As intenções comunicativas demonstradas pelos participantes da comunidade, por meio da interação, manifestaram-se explicitamente, atingindo os objetivos dos participantes da comunidade virtual.

Importa aqui evocar a “teoria” de Grice (1982): o produtor, ao apresentar um texto, não desrespeita nenhuma das máximas conversacionais, que seriam estratégias normalmente adotadas para alcançar a aceitabilidade do receptor, no sentido de o produtor responder aos interesses de seu interlocutor.

A informatividade é um dos fatores textuais que concede textualidade ao discurso, “a medida nas quais as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal” (*apud* COSTA VAL, 1999, p.14). Foi possível perceber esta dimensão por meio das informações postadas no fórum:

50) Próxima reunião GETED
por Bruna – terça, 4 março 2008, 00:50

 Interação_aprendizagem_EAD.pdf

Olá, pessoal. Artigo para leitura com o objetivo de tornar o aprendizado mais rico por meio da troca de experiências no *chat*, agendado para o dia (13/03/2008) às 14h.

A sua participação é importante.

Aguardo vocês.

Bruna (excerto 08)

51) Especial Biblioteca do Professor
por Rodrigo – sexta, 7 março 2008, 00:38
Olha eu aqui de novo!

Dessa vez para falar sobre uma coleção especial da Revista Educação chamada “Biblioteca do Professor”, onde os maiores especialistas da área de Educação discutem as contribuições de pensadores de destaque na área.

Já foram lançados os seguintes volumes:

Freud, Nietzsche, Foucault, Hannah Arendt, Bourdieu e Deleuze [...] (excerto 11)

Para Beaugrande e Dressler (1981 *apud* KOCH; TRAVAGLIA, 2003, p. 80) na medida em que a informação contida no texto é esperada e previsível, a informatividade exerce importante papel na seleção e arranjo de alternativas no texto, podendo facilitar o estabelecimento da coerência.

Observa-se, nos excertos, a preocupação com o planejamento textual ao passar informações aos outros participantes da comunidade, característica que facilita a compreensão do texto.

A aceitabilidade pode ser percebida nas respostas postadas, da receptividade entre os participantes, que, às vezes, acrescentavam opiniões ou sugeriam outros textos e assuntos. Observe-se o exemplo:

52) [...] Bem, li o texto e uma coisa me chamou a atenção. Que penso ser significativo discutirmos. No final do texto a autora aponta uma questão frágil na EaD. A interação. [...] (excerto 08)

53) Olá. Obrigada por compartilhar informações. (excerto 11)

Nota-se, nos excertos, que as atitudes e o modo como os participantes usam o texto realizam suas intenções, produzindo para tanto textos adequados à obtenção dos efeitos desejados. É por essa razão que o texto passa a ser útil e relevante, portanto, coeso e coerente nas interações, portanto, neste contexto leva-se em consideração a máxima de Grice: “seja pertinente”.

Quando se fala em situacionalidade pensa-se, primeiramente, na situação de recepção do texto, ou melhor, na adequação do texto à situação de comunicação. A interação aconteceu em um ambiente virtual, onde os participantes discutiram os assuntos abordados, portanto foi adequado à situação de comunicação.

Beaugrande e Dressler (*apud* KOCH; TRAVAGLIA, 2003, p. 78) lembram que a relação texto-situação se estabelece em dois sentidos: da situação para o texto e do

texto para a situação. Isto significa que se, por um lado, a situação comunicativa interfere na maneira como o texto é constituído, o texto, por sua vez, tem reflexos sobre a situação.

Algumas vezes, na interação, aconteceu a intertextualidade explícita: a participante postou um material para discussão ou de referência para reflexão do grupo.

54) Vejam o artigo da Kenski disponível em [...] (excerto 07)

55) [...] informo que poderão aceder às gravações da sessão através do seguinte link: [...] (excerto 19)

No decorrer desse estudo, verificou-se que há certos marcadores discursivos orais, que serviram para demonstrar uma aproximação e envolvimento entre os interlocutores:

56) [...] Olá pessoal! [...] (excerto 7)

57) [...] Olá, vou fazer a leitura do texto e nos encontramos no dia 13/03. Abs. (excerto 08)

58) [...] Oi, Carla: Sobre o cronograma para as reuniões do segundo semestre [...] (excerto 48)

Foi possível perceber, por meio dos registros, a importância da interação entre os participantes da comunidade para a construção do conhecimento, permitindo discussões e trocas de ideias. Observem-se os relatos:

59) [...] Que bom compartilhar os seus conhecimentos com o grupo, estou curiosa para saber os recursos que o *Wiki*, oferece [...] (excerto 18)

60) [...] vamos utilizar uma nova ferramenta para interagir [...] (excerto 13)

61) [...] Obrigada pelas suas contribuições e seja bem-vinda ao grupo. Espero que possa participar de nossas discussões e colaborar nessa caminhada que estamos trilhando. Abraços. (excerto 40)

Os articuladores têm, ainda, uma enorme contribuição a oferecer ao estudo da linguagem. Na medida em que a linguagem humana possui diferentes

funções e estruturas eles são ricos e diversificados. Desse modo, são importantes, pois estão estreitamente vinculados ao padrão intencionalidade na estruturação do discurso.

CONCLUSÃO

Este estudo buscou descrever e interpretar o processo de interação em uma comunidade virtual e algumas implicações da coesão e da coerência na construção dos enunciados.

Por intermédio da análise dos dados, foram identificados os articuladores sequenciais (coesão) evidenciados nas trocas mediadas pela interface de comunicação e informação fórum e interpretada a intencionalidade evidenciada nas trocas entre os participantes da comunidade em foco.

O uso dos conectores sequenciais no processo de interação pode exercer, na maioria das vezes, a função de indicar a orientação discursiva que o participante pretende pôr à disposição dos outros membros da comunidade; muitos desses conectores assumem mais de um valor semântico nas interações dessa comunidade virtual.

Por meio das trocas, identificou-se a presença marcante dos conectores sequenciais de adição e finalidade nas interações entre os participantes da comunidade virtual, marcando, de um lado, a progressão das discussões; de outro, a própria constituição da comunidade: com uma finalidade.

Dentre os sequenciadores de adição mais recorrentes, o mais utilizado foi o “e”, que estabelece a relação de ligar e adicionar frases ou palavras. Por ser este um conector dotado de baixíssima força argumentativa, seria adequado afirmar que, acima da função de somar informações, assume um papel de sequenciador e encadeador produzindo o efeito de que o processo de conhecimento é um processo em constante construção.

Em segundo lugar, na frequência de uso, os articuladores mais utilizados foram os de “finalidade”, que indicaram sempre, nas interações, uma intenção, um objetivo, um propósito ou uma realização para um fim específico, orientando as falas entre participantes da comunidade e garantindo a sequenciação do texto, a manutenção e progressão temática, contribuindo para um todo coerente.

Acredita-se, também, que os articuladores mais utilizados foram decisivos para dar sentido ao texto, como também para contribuir com as intenções e finalidade dos atos comunicativos.

Marcuschi (2001, p. 9) aponta para a necessidade de o produtor - no caso o participante - ter a intenção de informar, de comunicar algo a um outro participante:

[...] é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina.

Nesse contexto, no qual culmina a prática da interação, o uso dos articuladores coesivos contribuiu de certa forma para indicar as intenções e decisões que foram tomadas colaborativamente entre os participantes da comunidade.

Nos diálogos, os participantes realizaram esforços colaborativos, interativos e participativos, não desrespeitando as máximas conversacionais de Grice (1982), tornando a comunicação mais efetiva, mais adequada e apropriada dentro da comunidade virtual.

A análise das postagens que compõem o corpúsculo aponta algumas características observadas nessa comunidade; dentre essas particularidades, destacam-se:

- as interações na comunidade realizam-se, predominantemente, entre interlocutores que não se conhecem, inicialmente, mas, a partir do convite para participarem na comunidade, iniciam as trocas entre si;
- o participante tem sempre uma intenção comunicativa;
- o sentimento de pertencimento dos participantes transparece nas postagens;
- o planejamento textual é praticado de acordo com a produção discursiva;
- a escolha do registro mais formal (linguagem acadêmica) e a proximidade com alguns marcadores discursivos orais.

Outro aspecto importante foi que o uso dos conectores sequenciais e a intencionalidade se mostraram intimamente ligados no processo de interação, acreditando-se que seja resultante da situação e do contexto da comunidade.

Diante dos resultados, comprova-se que a interação entre os participantes é aspecto essencial para os processos de construção, reconstrução do conhecimento e crescimento pessoal.

Por meio do processo de interação é possível a reflexão, a coordenação, a organização de ideias para atingir um novo estágio de equilíbrio, ampliando a autonomia tanto individual como coletiva.

Percebe-se que os participantes da comunidade virtual expressaram um forte conceito de moral social, aquele em que todos se organizam, se autoregulam durante as interações. Com isso, conseguiram construir discursos coesos e coerentes, ou seja, tornaram possível informar e argumentar durante as trocas, pois tiveram uma intencionalidade centrada na mensagem, visando à troca de informação e conhecimento mútuo.

Foi possível perceber que, na comunidade, as relações de colaboração criam confiança - uso de alguns marcadores discursivos (linguagem informal), mensagens complementares, pedido de informações - um ingrediente essencial para o intercâmbio e desenvolvimento de ideias. Por meio da colaboração negocia-se e orienta-se a interação, visando a um objetivo comum, que se dá pelo consenso.

Parece que a aprendizagem ocorre a partir do momento em que os integrantes participavam ativamente do processo de interação, como parceiros, caminhando em busca de uma aprendizagem compartilhada, visível especialmente nas construções conclusivas e explicativas, bem como nas condicionais.

Conclui-se, assim, após essa trajetória de pesquisas e aprendizagem, que, em face desse contexto tão rico e sempre mutante de informações, as gerações serão capazes de ser ativas, críticas e criativas, além de utilizarem as novas tecnologias de comunicação de forma interativa, colaborativa, visando a uma sociedade mais humanizada.

Para finalizar, acredita-se que a análise tenha mostrado que a escolha dos marcadores discursivos está vinculada não só à intencionalidade, mas também à falta de liberdade de quem precisa “salvar a face” e saber o que pode e o que não pode ser dito, exigindo o uso dos princípios de coesão e coerência e da norma culta.

Com isso, espera-se ter contribuído de alguma forma para outros pesquisadores que participam de comunidades virtuais ou mesmo aqueles que utilizam a linguagem nos meios digitais, a fim de entendê-la e usufruí-la de uma maneira mais significativa.

Afinal, as comunidades virtuais são ainda muito recentes e uma tendência irreversível, em âmbito mundial. Assim, a busca permanente da compreensão dos

fenômenos linguísticos que delas emergem e nelas ocorrem apresentam-se com uma demanda emergente, legítima e socialmente relevante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Fernando de; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Avaliação em meio digital: novos espaços e outros tempos. In: *Avaliação Educacional em Debate: experiências no Brasil e na França*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

ANTUNES, Irandé Costa. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ARAÚJO, Júlio César. A conversa na *Web*: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI Luiz. Antônio. & Xavier, Antônio Carlos dos Santos (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. (Org.). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

AZEVEDO, Wilton. *Comunidades Virtuais precisam de Animadores da Inteligência Coletiva*. Disponível: <<http://www.aquifolium.com.br/educacional/artigos/entruvb.html>>. Acesso em: jun 2008.

BARBOSA, Severino A. M.; AMARAL, Emília (colab.). *Redação: escrever é desvendar o mundo*. 8. ed. Campinas: Papyrus, 1992.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. *Introduction to text linguistics*. London. New York: Longman, 1981.

BENTES, Anna Christina. Linguística textual. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

BERNÁRDEZ, Enrique. *Introduction al linguística del texto*. Madri: Espasa Calpe, 1982.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

CAMPOS, Karlene da Rocha. Estratégias de interação em ambiente virtual de aprendizagem: o fórum educacional. In: MARQUESI, Sueli Cristina; ELIAS, Vanda Maria da Silva; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. (Orgs). *Interações virtuais: perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa a distância*. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 93-104.

CARIAGA, Santa Nunes. *(Des)ve(n)dando segredos do hipertexto*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, de Três Lagoas, 2008, 104 p.

CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVES, C. *O texto: leitura e escritura*. Campinas: Pontes, 1988.

COSTA VAL, Maria da G. *Redação e textualidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CRESWELL, John W. *Research design: qualitative and quantitative approaches*. London/New Deslhi: SAGE Publications, 1994.

DIJK, T.A. van. Semântica do discurso e ideologia. In: PEDRO, Emília R. (org.). *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual: uma introdução*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

FERREIRA, Jairo. *Discurso e cognição em dispositivos de comunicação: uma aproximação epistemológica*. 7 Simpósio da Pesquisa em Comunicação da Região Sul, 2001. Publicado em: *Discurso e cognição em dispositivos de comunicação: uma aproximação epistemológica*. Biblioteca *On-Line* de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/>>.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. *A aprendizagem colaborativa de línguas*. 1. ed. Goiânia: Editora da UFG, 2006.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: Leitura e Redação*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Para entender o texto: Leitura e redação*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2003.

FRANCO, Marcelo Araújo. *Ensaio sobre as tecnologias digitais da inteligência*. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1997.

GERALDI, João. W. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. – 9. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2007, 171 p.

GRICE, H. Paul. Lógica e Conversação. In DASCAL, Marcelo (Org). *Pragmática – problemas, críticas, perspectivas da linguística – bibliografia*. Campinas: edição do autor, 1982.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1997.

HALLIDAY, Michael A.K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. *A coesão textual*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. *Argumentação e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *O desenvolvimento da linguística textual no Brasil*. In: DELTA. Vol. 15, especial, São Paulo: EDUC, PUC/SP, 1999.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedora G. Villaça; TRAVAGLIA Luiz Carlos. *A coerência textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOMESU, Fabiana C. *Blogs e as práticas de escritas sobre si na Internet*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 110-119.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34. 1996.

_____. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LOPES, Maria Cristina Lima Paniago. *Formação tecnológica de professores e multiplicadores em ambientes digitais*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, 2005, 160 p.

LOPES, Maria Cristina Lima Paniago; SALVAGO, Blanca Martin. *Uma experiência de interatividade em um curso de formação tecnológica na modalidade EAD*. Ideação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, PR: Edunioeste, v. 7, 2005, p. 71-83.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife. Vol. 1. UFPE. 1983. Série Documentos.

_____. *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, Â. *et al. Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio.; XAVIER, Antônio Carlos S. (org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 110-190.

MARTINS, Janae Gonçalves; OLIVEIRA, Jeane Cristina de; CASSOL, Marlei Pereira; SPANHOL, Fernando José. Usando interfaces on-line na avaliação de disciplinas semipresenciais no ensino superior. In: Marco Silva; Edméa Santos; DPQ;. (Org.). *avaliação da aprendizagem em educação online*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 485 - 509.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2000.

MOREIRA, Herivelto ; CALLEFE, Luiz Gonzaga . *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NEVES, Maria. H. de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de Oliveira. Conectores da conjunção. In: SANTOS, Leonor Werneck dos (org.). *Discurso, coesão, argumentação*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Disponível em: <http://www.letramagna.com/entrevistavera.htm>. Acesso em 02/03/2008.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e.; RODRIGUES-JÚNIOR, Adail Sebastião. O *Footing* do Moderador em Fóruns Educacionais. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.). *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 144-164.

PALACIOS, Marcos. *Cotidiano e Sociabilidade no Cyberespaço: Apontamentos para discussão*. Disponível: <http://facom/ufba/br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html>. Acesso em 19/11/1998.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. *Seria a multimídia realmente interativa?* Revista da FAMECOS, n.6, maio 1997, p. 92-95.

_____. *Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo*. In: Intercom 1998 – XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1998, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro.

_____. *Ferramentas de Interação na Web: travestindo o ensino tradicional ou potencializando a educação através da cooperação?* Revista da Educação: Comunicação e Informática na Educação. Porto Alegre, n. 44, p. 127-149, agosto 2001.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; CASSOL, Márcio Borges Fortes. *Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias*. 1999. Disponível em: <<http://usr.psico.ufrgs.br/>>. Acesso em 25/5/2007.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Comunidades virtuais: uma abordagem teórica*. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_texto.php?html2>. Acesso em 10/10/2007.

ROSA, Iara. S. *Soluções para EAD online numa perspectiva construtivista*. Disponível em: <<http://universiabrasil.net/ead/>> Acesso em 25/06/2007.

SANTOS, Edméa (Org.). *Avaliação da aprendizagem on-line*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 79-89.

SANTOS, Leonor W. dos (org.). *Discurso, coesão, argumentação*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

SANTOS, Rosimeire Martins Régis dos. *O processo de colaboração na educação online: interação mediada pelas tecnologias de informação e comunicação*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2008, 174 p.

SIMON, I. O Impacto das redes: estudos de Informação e Comunicação (EdIC). Arquivo capturado em 20 de dezembro de 2000. Disponível em: <<http://www.usp.br/iea/infocom.html>>. Acesso em 20/12/2000.

TORRES, Patrícia Lupion; ALCANTARA, Paulo R.; IRALA, Esrom Adriano Freitas. *Grupos de Consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem*. Revista Diálogo Educacional. Curitiba, v. 4, n. 13, 2004, p. 129-145.

TÔTO, P. F. T. Um racionalista romântico. In: MIRANDA, Orlando. *Para Ler Ferdinand Tönies*. Edusp. São Paulo, 1995.

ANEXO 1

CÓRPUS

TEXTOS COLETADOS DO FÓRUM

Excerto 01

vídeos sobre hipertexto

por Prof.(a). Gláucia - quarta, 6 fevereiro 2008, 21:13

Ola colegas!!

Antes de mais nada um 2008 repleto de "pesquisas e bons artigos"!!!!

Gostaria de compartilhar com vocês os vídeos do Congresso que participei em Fortaleza sobre Hipertexto.

Eis a mensagem assim como o endereço eletrônico. Vale a pena assistir!

Já está no ar a série de vídeos do II Encontro Nacional sobre Hipertexto. A segunda edição do evento aconteceu na cidade de Fortaleza, entre os dias 25 e 27 de outubro, no campus da Universidade Federal do Ceará (UFC). O material é uma produção do Núcleo de Estudos sobre Hipertexto e Tecnologias na Educação da Universidade Federal de Pernambuco (Nehte/ufpe).

Ao todo são 8 filmes que mostram os melhores momentos do evento, entre eles as sessões de comunicação, exposição de pôsteres, além das conferências dos professores Antônio Carlos Xavier (NEHTE/UFPE), Vera Meneses (UFMG), Sírio Possenti (UNICAMP) e Denise Braga (UNICAMP).

O destaque da série de vídeos deste ano foi o registro audiovisual do lançamento da Associação Brasileira de Estudos de Hipertexto e Tecnologia Educacional (ABEHTE).

Os vídeos estão disponíveis para visualização no endereço eletrônico do NEHTE, <http://www.ufpe.br/nehte/videos.htm> ou no canal do núcleo de estudos no YouTube, onde também estão disponíveis os vídeos do I Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, realizado em 2006 na UFPE. O link do canal é <http://www.youtube.com/user/nehteufpe>.

Karla Vidal - Divulgação NE

=Re: vídeos sobre hipertexto

por Prof.(a).Carla - sexta, 8 fevereiro 2008, 16:48

Muito interessantes os vídeos, até sugiro que discutamos alguns aqui, o que acham?

Carla

Excerto 02

calendário 2008A
por Prof.(a).Carla - segunda, 17 dezembro 2007, 15:49
Olá, GETED.

Seguem as datas das próximas reuniões do GETED;

Fevereiro: 28 (todos apresentarão suas pesquisas e tb discutiremos sobre as características dos participantes de uma comunidade)

Março: 13 (Bruna - aprendizagem virtual - interação) e 27 (Juliana- trabalho docente)

Abril: 10 (Marina- *wikis*) e 24 (Kátia e Davi - aprender e ensinar na EAD)

Maior: 8 e 22 (em aberto ainda - voluntários?)

Junho: 5 e 19 (em aberto ainda - voluntários?)

PS: Todas as reuniões serão transmitidas virtualmente, mesmo as que acontecerem também presencialmente e em todas as reuniões faremos discussão teórica (no primeiro momento) e discussão das pesquisas em andamento (no segundo momento). Por favor, pronunciem-se em relação à permanência ou afastamento no grupo. Obrigada.

Re: calendário 2008A
por Prof.(a).Carla - sábado, 9 fevereiro 2008, 10:34
Ótimo, Gláucia.

Carla

Re: calendário 2008A
por Prof.(a).Carla - sábado, 9 fevereiro 2008, 10:33
Vamos tentar fazer por vídeo conferência ou então nós (Campo Grande) nos reunimos presencialmente e transmitimos pelo msn as discussões (como fizemos com a apresentação do Rodrigo).

Carla

Re: calendário 2008A
por Abadia - sexta, 8 fevereiro 2008, 19:26
O do dia 28 é presencial????

Re: calendário 2008A
por Prof.(a). Gláucia - quarta, 6 fevereiro 2008, 21:17
O dia 8/05 pode ficar sob minha responsabilidade para discutirmos "As funções e

níveis de linguagem nas ferramentas de comunicação" Combinado?

Gláucia

Excerto 03

acesso ao geted

por Prof(a).Carla - quarta, 27 fevereiro 2008, 08:28

Oi, pessoal. Não sei se perceberam, mas o acesso ao geted mudou. Vocês precisam entrar no www.ead.ucd.br/moodle

e entrar em ambiente AMBIENTE COOPERATIVO, e em seguida em GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM TECNOLOGIA EDUCACIONAL E EAD.

Bom trabalho.

Carla

Excerto 04

Reunião dia 28 de fevereiro

por Prof(a).Carla - segunda, 25 fevereiro 2008, 10:46

Olá, GETED. Temos reunião presencial no dia 28 de fevereiro de 2008, quinta-feira, às 14:00h, na diretoria de EAD, bloco administrativo, último andar. Àqueles que não puderem participar presencialmente, poderá participar virtualmente pelo ambiente moodle. Espero confirmação dos que poderão participar.

PAUTA: discutiremos as características de comunidade virtual e, em seguida, cada membro participante falará sobre sua pesquisa (trabalho, interesses, etc.).

Obrigada.

Carla

Re: Reunião dia 28 de fevereiro

por Rodrigo - quinta, 28 fevereiro 2008, 13:20

Olá,

Confirmo minha presença...

Abraços

Re: Reunião dia 28 de fevereiro

por Prof(a). Catarina - quinta, 28 fevereiro 2008, 11:03
Eu participarei esta tarde da reunião.

Catarina

Re: Reunião dia 28 de fevereiro
por Catarina - terça, 26 fevereiro 2008, 18:13
Carla, não poderei participar presencialmente.

Tentarei pelo Moodle.

Bjaum a todos...

Re: Reunião dia 28 de fevereiro
por Bruna - terça, 26 fevereiro 2008, 16:23
Olá, Carla. Vou participar virtualmente pelo ambiente moodle.

Até,

Bruna.

Re: Reunião dia 28 de fevereiro
por Juliana - terça, 26 fevereiro 2008, 10:17
Olá Carla,

vou participar pelo moodle.

Até quinta.

Juliana

Excerto 05

slides cv
por Prof(a).Carla - quinta, 28 fevereiro 2008, 19:12
Os slides sobre CV estão disponíveis. Entre em ARQUIVOS (do lado esquerdo da tela, na página principal do GETED), em seguida ARTIGOS e depois em COMUNIDADE VIRTUAL (SLIDES) para encontrar os slides.

Carla

Excerto 06

Impressões sobre a reunião do dia 28 de fevereiro
por Prof(a).Carla - quinta, 28 fevereiro 2008, 19:07

Olá, Geted. Quais foram as suas impressões em relação ao nosso encontro presencial e virtual do dia 28 de fevereiro? Pontos positivos, negativos, sugestões, propostas. Houve algo que tenha sido bastante significativo para você? Como você se sentiu em relação aos outros participantes, ao ambiente (virtual e presencial), à comunicação, à discussão? A sua participação foi satisfatória? Enfim, relate aqui neste espaço suas considerações no sentido de enriquecer e otimizar o que buscamos: estudar e pesquisar as TICs e a EAD.

Obrigada

Carla

Re: Impressões sobre a reunião do dia 28 de fevereiro
por Bruna - segunda, 3 março 2008, 10:34

Olá, Pessoal!

Por questões de configurações, instalação no computador que estava usando, não consegui ouvir claramente a transmissão do vídeo, ficando a desejar.

Gostei das participações dos integrantes do GETED, agregando em suas interações no decorrer do *chat* estratégias de colaboração e negociação.

Para enriquecer o grupo, acredito que cada integrante, tem o potencial mesmo à distância e com os recursos que dispõe buscar meios de despertar o interesse de todos para uma participação ativa no GETED.

Abraços,

Bruna.

Re: Impressões sobre a reunião do dia 28 de fevereiro
por Juliana - sexta, 29 fevereiro 2008, 08:57

Olá GETED!

É notável os avanços que as tecnologias têm nos possibilitado. Olhando para nossa reunião de ontem, podemos observar diferentes pessoas tentando superar os desafios tecnológicos e de distanciamento geográfico para se comunicarem. Isso mostra que temos um objetivo comum, que temos interesse nesta temática e que podemos crescer bastante como grupo à medida que partilhamos.

Quanto ao modelo utilizado e a participação: Foi interessante ver e ouvir os colegas reunidos. Percebi que houve sempre a preocupação de olhar o *chat* para ver se nós

(os internautas) tínhamos escrito algo, estávamos querendo falar alguma coisa.

Realmente, acho que esta foi uma grande dificuldade. Por vezes, me senti muda! Com vontade de falar, mas, quando meu texto chegasse lá o assunto já seria outro.

Quando estamos interagindo em um *chat*, estamos todos em nível de igualdade de comunicação. Já neste modelo que estamos utilizando, os internautas ficam marginais à discussão.

Acho que precisamos abrir um canal de comunicação de voz (e até de imagem) entre os internautas e as pessoas reunidas presencialmente (isso, é claro, implica em investimento tecnológico) ou usar uma ferramenta comum a todos, como por exemplo o *chat*.

Abraços,

Juliana

Excerto 07

Comunidade de aprendizagem

por Prof(a).Carla - segunda, 3 março 2008, 07:59

Olá, pessoal. Vejam o artigo da Kenski disponível em <http://firgoa.usc.es/drupal/node/23559> sobre comunidades de aprendizagem.

Boa leitura.

Carla

Re: Comunidade de aprendizagem

por Bruna - segunda, 3 março 2008, 14:01

Olá, Pessoal!

Refletindo o texto de Kenski.

O caminho é árduo e depende da vontade das instituições governamentais e educacionais em fornecer auxílio para a capacitação de professores e para a criação de verdadeiras redes comunitárias. Acredito que através de iniciativa de pequenos grupos de educadores como o GETED que estimula a troca de informações e experiências entre os seus participantes pode levar à frente projetos e propostas de comunidades virtuais de aprendizagem colaborativa, possibilitando inserção de várias pessoas.

Bruna.

Excerto 08

Próxima reunião GETED
por Bruna - terça, 4 março 2008, 00:50
 Interacao_aprendizagem_EAD.pdf

Olá, pessoal. Artigo para leitura com o objetivo de tornar o aprendizado mais rico por meio da troca de experiências no *chat*, agendado para o dia (13/03/2008) às 14h.

A sua participação é importante.

Aguardo vocês.

Bruna.

Re: Próxima reunião GETED
por Juliana - quinta, 6 março 2008, 23:11
Olá Vilma,
seja muito bem vinda!

Realmente é complicado fazer com que a interação e interatividade aconteçam realmente. Estaremos discutindo essas questões no próximo *chat* dia 13/03 às 14 horas através do *WIZIQ* conforme instruções da Bruna neste fórum.
Abraços
Juliana

Re: Próxima reunião GETED
por Vilma - quarta, 5 março 2008, 14:22
Ola!! estou entrando no grupo. Recebi o convite em dezembro mas somente agora recebi email para acessar o ambiente (login, senha).

Bem, li o texto e uma coisa me chamou a atenção. Que penso ser significativo discutirmos. No final do texto a autora aponta uma questão ainda frágil na EaD. A interação. O envolvimento, no processo, pelos alunos. Ok!! no texto a autora destaca o papel do professor mas...penso..vários artigos tem apontado isso. Como fazer para que a interação e interatividade aconteça nos parâmetros desejáveis? uma reflexão e dúvida. Pois isto me tem causado preocupações.

Re: Próxima reunião GETED
por Juliana - quarta, 5 março 2008, 08:34
Olá Bruna,
vou fazer a leitura do texto e nos encontramos no dia 13/03.
Abs

Juliana

Re: Próxima reunião GETED

por Prof(a).Carla - terça, 4 março 2008, 10:41

Olá, Bruna. Obrigada por disponibilizar o texto. Espero que possamos aproveitar bem a discussão que acontecerá no próximo encontro.

Bjs.

Carla

Excerto 09

Revista Ensino Superior

por Rodrigo - sexta, 7 março 2008, 00:32

Olá colegas,

Não sei se todos conhecem a revista Ensino Superior, especializada em assuntos relacionados à educação universitária. Na página oficial da publicação são disponibilizados artigos online das edições antigas. Li várias matérias sobre EAD e Tecnologias Educacionais.

Link: <http://www.revistaensinosuperior.com.br>

Também existe a Revista Educação, com artigos mais voltados para a Educação Básica: <http://www.revistaeducacao.com.br>

Abraços e boa leitura

Excerto 10

Notícia Triste

por Prof(a).Carla - sábado, 8 março 2008, 11:21

Olá, Geted. É com muito pesar que envio esta notícia. A professora Vilma (UFGD) que tinha acabado de ingressar no nosso grupo sofreu um acidente e faleceu. Ela e mais 3 professores estavam em Campo Grande para um encontro de Matemática e no retorno para Dourados, sofreram um acidente fatal. Infelizmente, não deu tempo para conhecê-la, mas o pouco tempo em que ela esteve aqui no ambiente, fez a sua contribuição significativa. Obrigada Professora, de alguma maneira, por ter feito parte de nossas vidas.

Carla

Excerto 11

Especial Biblioteca do Professor
por Rodrigo - sexta, 7 março 2008, 00:38
Olha eu aqui de novo!

Dessa vez para falar sobre uma coleção especial da Revista Educação chamada "**Biblioteca do Professor**", onde os maiores especialistas da área de Educação discutem as contribuições de pensadores de destaque na área. Já foram lançados os seguintes volumes:

Freud, Nietzsche, Foucault, Hannah Arendt, Bourdieu e Deleuze.

Eu fiz o pedido de todos os números já lançados. Podemos providenciar cópias e deixá-las na EAD-UCDB depois.

Abraços

Re: Especial Biblioteca do Professor
por Prof(a).Carla - sábado, 8 março 2008, 11:27
Muito bom, Rodrigo. Podemos pensar em fazer uma biblioteca para o grupo, o que acham?

Carla

Re: Especial Biblioteca do Professor
por Bruna - sexta, 7 março 2008, 08:40
Olá. Obrigada por compartilhar informações.

Bruna.

Excerto 12

Reunião_GETED
por Bruna - quarta, 12 março 2008, 10:25
Olá, GETED. Amanhã (quinta-feira) as 14h está agendada a nossa próxima reunião. Para isso é importante o cadastro no <http://www.wiziq.com>. Assim facilitará o acesso na sessão.

As informações para o cadastro estão postadas passo a passo, desde o dia 06 de março de 2008 no fórum.

Dúvidas entre em contato:

e-mail Bruna@bol.com.br

MSN Bruna@bol.com.br

Excerto 13

Orientações para reunião13_03
por Bruna - quarta, 12 março 2008, 19:31

Orientacoes_Wiziq.doc

Olá, GETED. No dia 13/03/2008 às 14h, vamos utilizar uma nova ferramenta para interagir (*WIZIQ*), para o cadastro é necessário acessar o endereço:

<http://www.wiziq.com/Register.aspx>. Anexas orientações de como proceder.

Abraços,

Bruna.

Re: Orientações para reunião13_03
por Fabiana - quinta, 13 março 2008, 09:05

Oi Bruna, estou tentando cadastrar-me no *WIZIQ*, mas não estou conseguindo, ficamos de fazer um teste hoje, lembra? a professora Carla combinou com você ontem. Sou nova neste sistema e iniciante no mestrado. Ao digitar o E-mail e senha, não está liberando, o que será que está faltando. Obrigado. Gláucia.

Re: Orientações para reunião13_03
por Bruna - quarta, 12 março 2008, 21:55

Olá, professora. Obrigada pela informação, aguardamos vc no próximo.

Abraços,

Bruna.

Re: Orientações para reunião13_03
por Prof(a). Catarina - quarta, 12 março 2008, 20:36

Bruna, amanhã eu estarei em São Paulo e não poderei participar do encontro.

Bom encontro para vocês.

Catarina

Re: Orientações para reunião13_03

por Prof(a).Carla - sábado, 8 março 2008, 11:23

Bruna, que eficiência. Parabéns pelas suas informações para o registro no *wiziq*. Obrigada.

Carla

Re: Orientações para reunião13_03

por Juliana - sexta, 7 março 2008, 12:18

Olá Bruna, Parabéns pelo passo-a-passo.

Esperamos que esta ferramenta nos ajude a encurtar distâncias geográficas e aumentar a interação do grupo.

Bjs

Juliana

Excerto 14

Acesso_reunião

por Bruna - quinta, 13 março 2008, 13:43

Olá, GETED. A sessão de hoje será no *wiziq*. Espero que todos tenham se cadastrado para utilizar essa nova ferramenta.

Endereço da sessão:

<http://www.authorlive.com/aliveext/LoginToSession.aspx?SessionCode=3KqA8%2bsGsOI%3d>

-

Aguardo vocês!

Bruna

Excerto 15

Avaliação do encontro_13_03

por Bruna - quinta, 13 março 2008, 20:10

Olá, Geted. Gostaria que vocês registrassem as suas considerações em relação ao nosso encontro do dia 13/03/2008. Pontos positivos, negativos e sugestões no sentido de enriquecer e aperfeiçoar o que buscamos no GETED.

Obrigada pela participação e contribuição de vocês.

Abraços,

Bruna.

Re: Avaliação do encontro_13_03
por Rodrigo - quinta, 20 março 2008, 16:32

Re: Avaliação do encontro_13_03
por Fabiana - quinta, 20 março 2008, 09:34

Oi Bruna, achei extremamente importante, percebi o seu esforço para o bom andamento dos trabalhos, algum incidente estava relacionado ao meio de comunicação, ao sistema, não pelo fato em si, que seria a aprendizagem e aproveitamento. Abraço. Fabiana

Re: Avaliação do encontro_13_03
por Marina - segunda, 17 março 2008, 18:51

Eu acho que a sessão decorreu muito bem. Você estava muito bem preparada! Na verdade, a plataforma *wiziq* dá a possibilidade de usar tantas ferramentas ao mesmo tempo que por vezes, quem não estiver habituado, pode se sentir um pouco perdido. Mas, para a primeira vez que o grupo usou a plataforma, eu acho que foi muito bom.

Há ainda algumas funcionalidades que terão de ser revistas.

Parabéns

Marina

Retorno_Maria Helena
por Bruna - sábado, 15 março 2008, 21:19

Olá, Maria Helena. Será um prazer compartilhar o que aprendi na ferramenta. No período da tarde ou após as 20:00, são horários bons para mim. Verifique o melhor dia e horário p/vc e agendamos uma sessão. Bruna@bol.com.br.

Abraços,

Bruna.

Re: Avaliação do encontro_13_03
por Prof(a).Carla - sexta, 14 março 2008, 18:42

Oi, Bruna e Geted. Gostei bastante da experiência realizada no *wiziq*. Em relação à preparação da reunião foi excelente, muito bem organizada, planejada, acompanhada por vc para que tudo desse certo. Infelizmente, nem todos estão acostumados a buscar a informação, ou seja, muitos estavam perdidos por não terem acessados todas as dicas elaboradas por vc e postadas no fórum, além de todos os testes que você disponibilizou. Também, é claro, não podemos esquecer daqueles que participaram, se envolveram, buscaram aprender e utilizar a nova

ferramenta. Há muito ainda que melhorar, pois as novas metodologias, ferramentas, comportamentos, relações aparecem cada vez mais, mas estamos caminhando para isto e estamos buscando a desconstrução e construção ao mesmo tempo, acredito. O mais importante é ver que há um grupo preocupado em aprender, coeso em alcançar o objetivo comum de pesquisar e estudar a educação nesta era tecnológica a qual estamos vivendo. Tenho muito a agradecer, pois sinto-me muito envolvida com este grupo e com seus participantes, além de uma satisfação enorme em ver como estamos "mudando" e "sendo" (Freire), e isto é que faz a grande diferença.

Carla

Re: Avaliação do encontro_13_03
por Maria Helena - sexta, 14 março 2008, 17:03

Oi Bruna, tudo bom?

Me cadastrei para participar da reunião, porém não deu certo de estar presente momento.

Gostaria de agendar um outro dia para aprender esta nova ferramenta.

grata

Maria Helena

Re: Avaliação do encontro_13_03
por Juliana - sexta, 14 março 2008, 07:43

Olá Bruna, gostei bastante da reunião. Parabéns pela organização, pelo tema e discussão teórica. Acredito que todos ficamos envolvidos pela temática da interação. Quanto à ferramenta utilizada, acho que ainda temos que melhorar. O uso dos equipamentos adequados poderia evitar ruídos e retornos. Percebemos que a tecnologia abre oportunidades mas também exclui. Nessa reunião alguns tiveram voz, outros não, devido aos pré-requisitos tecnológicos. Todas essas mudanças nos fazem refletir sobre como nossos alunos se sentem frente às tecnologias, principalmente aqueles que não tem uma câmera ou microfone. Como lidar com essas diferenças?

Bjs
Juliana

Excerto 16

Avaliação do encontro_13_03
por Bruna - quinta, 13 março 2008, 20:10

Olá, Geted. Gostaria que vocês registrassem as suas considerações em relação ao nosso encontro do dia 13/03/2008. Pontos positivos, negativos e sugestões no

sentido de enriquecer e aperfeiçoar o que buscamos no GETED.

Obrigada pela participação e contribuição de vocês.

Abraços,

Bruna.

Re: Avaliação do encontro_13_03
por Rodrigo - quinta, 20 março 2008, 16:32
Olá pessoal,

Creio que a reunião teve um balanço positivo. A Bruna se preocupou bastante em prepará-la e isso permitiu uma boa discussão do tema em pauta.

As dificuldades na comunicação são questões que rapidamente serão superadas. Até mesmo os meus alunos de Ciência da Computação ficam confusos ao utilizarem algum sistema pela primeira vez... Como a Carla disse, muitos problemas se deram porque não temos a cultura de "ler o manual", e este foi preparado e disponibilizado pela Bruna. Mas acho até divertido aprender no processo...

Abraços a todos

Excerto 17

Próximos encontros
por Prof(a).Carla - terça, 18 março 2008, 08:18

Olá, pessoal. Nossa próxima reunião acontecerá no dia 27 de março, quinta-feira às 14:00H. A Juliana será a responsável pela mesma e dará mais informações em breve. Além disso, no dia 28 de março, sexta-feira, teremos um colóquio aqui no mestrado bastante interessante ao nosso grupo. Aqueles que puderem participar, serão muito bem-vindos.

73º Colóquio em Educação - "A re-significação da escola como espaço formativo: trajetória de um grupo" com a Professora Dra. Mari Margarete dos Santos Forster - UNISINOS, sala de aula do mestrado em educação, às 14:30.

Espero vcs.

Abraços.

Carla

Re: Próximos encontros
por Prof(a).Carla - segunda, 24 março 2008, 20:59

Que bom ,Maria Helena. Tomara que possa participar.

Abraços.

Carla

Re: Próximos encontros

por Maria Helena - segunda, 24 março 2008, 08:36

Olá professora, bom dia. Tentarei estar presente no dia da reunião. Um grande abraço.

Maria Helena

Excerto 18

Aprendizagem Colaborativa com recurso a *Wikis*

por Marina - terça, 25 março 2008, 13:06

Olá Geted!

No próximo dia 27 de Março, às 14 horas, realizar-se-á uma reunião/sessão síncrona, sobre "Aprendizagem Colaborativa com recurso a *Wikis*". Gostaria que todos pudessem participar!

Podem acessar através do endereço

<http://www.wiziq.com/tutorsession/session.aspx?JuX%2bgH%2b2GbYeYRjDWQGYbpmgQMnVr1lcnTu0KaOH91SiEuC8ytkObQQxQDt82p571%2fzvfRtQ9bo%3d>

Vou manter-me on-line no *messenger* (silvMarina@hotmail.com), pelo que em caso de problemas de acesso, por favor, contactem-me.

Obrigada a todos!

Marina

Re: Aprendizagem Colaborativa com recurso a *Wikis*

por Prof(a).Carla - terça, 25 março 2008, 10:12

Oi, Marina. Pode contar com a minha presença.

Bjs.

Carla

Re: Aprendizagem Colaborativa com recurso a *Wikis*

por Juliana - terça, 25 março 2008, 09:24

Olá Marina.Vou participar.Existe algum texto para leitura prévia? Também estou curiosa sobre esse assunto.

Abraços,
Juliana

Re: Aprendizagem Colaborativa com recurso a *Wikis*
por Bruna - terça, 25 março 2008, 08:17

Olá, Marina. Que bom compartilhar os seus conhecimentos com o grupo, estou curiosa para saber os recursos que a *Wiki*, oferece.

Até quinta,

Bruna.

Excerto 19

Sessão do dia 27 de Março
por Marina - sexta, 28 março 2008, 10:57

Olá a Todos!

Para todos os interessados informo que poderão aceder às gravações da sessão através do seguinte link:

<http://node1.nirvanix.com/authorgenBackup/authorgen/recordings/119/13807/325200853057AM26/Recording/Index.html>

Gostaria também de recolher as vossas opiniões sobre a sessão, de modo a melhorar os aspectos que correram menos bem.

Obrigada

Marina

Re: Sessão do dia 27 de Março
por Juliana - quarta, 9 abril 2008, 20:25

Olá Carla, você expressou muito bem o que é GETED. Pra mim é o espaço onde aprendo a ser pesquisadora, onde vivencio a EAD em suas diferentes formas e ainda, onde recebo formação sobre os diferentes aspectos da EAD e Tecnologias Educacionais. É isso que me motiva a participar das reuniões, a entrar diariamente neste ambiente e esperar por novas contribuições, questionamentos, argumentos, desafios.

Re: Sessão do dia 27 de Março
por Prof(a).Carla - quarta, 9 abril 2008, 09:59

Bem, Juliana. Esta resposta eu tenho bem clara para mim, mas não sei se todos a enxergam da mesma maneira. Acredito que o objetivo maior do GETED o seu próprio nome já diz: pesquisa e estudo. Mas, pesquisar e estudar o que e para que?

Pesquisar e estudar as temáticas da EAD e da tecnologia educacional para que o grupo como um todo possa desenvolver-se individualmente e coletivamente em todos os âmbitos de suas vidas: educacional, profissional, social, etc. Vejo que queremos melhorar nossas ações, nossas inter-relações, nossas percepções, enfim, aperfeiçoarmos e acredito que esta proposta, que para mim é uma formação continuada, seja uma possibilidade de alcançarmos estas perspectivas. Não sei se vcs concordam comigo? Acrescentariam alguma coisa?

Até mais.

Bjs.

Carla

Re: Sessão do dia 27 de Março
por Juliana - segunda, 7 abril 2008, 13:49
Concordo com você Carla. Mas você não respondeu a pergunta.

Re: Sessão do dia 27 de Março
por Prof(a).Carla - segunda, 7 abril 2008, 10:59
Juliana, retorno a pergunta a vc. O que você acha que é o nosso objetivo como Geted? Acredito que todos nós podemos e devemos fazer esta pergunta e respondê-la também, não acha?

Carla

Re: Sessão do dia 27 de Março
por Juliana - sexta, 4 abril 2008, 14:50
Olá Marina,
foi uma pena não poder participar da reunião. Assisti a gravação. Achei ótima a discussão. O tema é bastante interessante e me motivou a procurar saber mais sobre o assunto.
Peço, se possível, você disponibilizar aqui seus slides.
Gostaria de destacar o que você pontuou sobre ter um objetivo para um trabalho colaborativo, seja ele numa *wiki*, num grupo ou em qualquer outra atividade.
Questiono novamente:
qual o nosso objetivo como GETED? Todos compartilhamos de um objetivo comum?

Abraços,

Julia

Re: Sessão do dia 27 de Março
por Bruna - sábado, 29 março 2008, 14:19
Olá, GETED.

Olá, Marina. Considero que a reunião foi produtiva. Posso dizer que a ferramenta

wiki foi mais um prazer da descoberta, da produção do conhecimento compartilhado, permitindo perceber que sempre inovações estão surgindo. Isso fortalece o grupo para estar permanentemente integrados ao processo de atualização por meio de recursos virtuais, participando de momentos de interação e aprendizagem com as experiências e práticas dos colegas, como ocorreu na sua reunião.

Parabéns pela organização da reunião e obrigada pelas contribuições.

Abraços,

Bruna.

Re: Sessão do dia 27 de Março
por Prof(a).Carla - sexta, 28 março 2008, 14:33

Olá, Marina e Geted. A reunião foi muito proveitosa, pois discutimos a ferramenta *wiki* e suas possibilidades de um trabalho colaborativo. A reunião foi participativa e houve interesse em explorarmos cada vez mais a temática proposta. Por outro lado, a ferramenta *wiziq* utilizada para o encontro beneficiou alguns (som, imagem, sentimento de presencialidade) e excluiu outros (com tecnologia não tão adequada para aquele uso, cortes na fala e problemas de conexão). De qualquer maneira, tudo é interessante no sentido de vivenciarmos tais experiências e nos posicionarmos como nossos alunos.

Obrigada.

Carla

Excerto 20

Reunião dia 10 de abril de 2008
por Prof(a).Carla - terça, 8 abril 2008, 08:22

Olá, GETED. A nossa próxima reunião acontecerá por vídeo conferência. Aqueles que estiverem em Campo Grande poderão se dirigir à Diretoria de EAD e participar da reunião presencialmente. Os outros deverão utilizar o ambiente moodle - GETED. O texto que discutiremos é: "O Currículo numa comunidade de prática". Ele está disponível no seguinte endereço: <http://sisifo.fpce.ul.pt/?r=11&p=87>

Por favor, leiam o texto e participem da reunião. Conto com vocês.

Abraços.

Carla

Re: Reunião dia 10 de abril de 2008

por Prof(a).Carla - sábado, 12 abril 2008, 18:56

lapresentacao_curriculo_comunidade_pratica.ppt

Olá, Geted. Aqui estão os slides apresentados na última reunião. Por favor, postem aqui os seus comentários.

Abraços.

Carla

Re: Reunião dia 10 de abril de 2008
por Marina - quinta, 10 abril 2008, 07:17
A que horas é a sessão?

Marina

Re: Reunião dia 10 de abril de 2008
por Prof(a).Carla - quarta, 9 abril 2008, 09:50
Sim, Fabiana. Até mais.

Bj.

Carla

Re: Reunião dia 10 de abril de 2008
por Fabiana - quarta, 9 abril 2008, 09:22
Oi Profª Carla, participarei com certeza, é preciso ir até a Diretoria de EAD?
Abraço. Gláucia.

Re: Reunião dia 10 de abril de 2008
por Maria Helena - terça, 8 abril 2008, 14:23
Olá Carla, também gostei muito da sua sugestão de texto. Não estarei presencialmente, mas acompanharei através da videoconferência.
Um grande abraço.

Maria Helena

Re: Reunião dia 10 de abril de 2008
por Bruna - terça, 8 abril 2008, 12:49
Olá, Carla. Legal a sugestão do texto. Estarei presente no espaço virtual.

Até,

Bruna.

Excerto 21

Novo *wiki*

por Prof(a). Catarina - terça, 22 abril 2008, 13:55

Senhoras e senhores, acabei de inserir o *Wiki* na nossa página. Podem olhar e analisar, testar entrando no menu da esquerda, no último link "novo *wiki*".

Beijos.

Re: Novo *wiki*

por Bruna - quarta, 23 abril 2008, 22:19

Olá, Catarina. Obrigada

Vou fazer o teste.

Bruna

Excerto 22

Reuniões, *Chats*, ...!!

por Priscila - quinta, 24 abril 2008, 07:09

Olá Pessoal... é a primeira vez que participo deste grupo e gostaria de estar mais vezes... Entretanto, não sei como é a realidade dos integrantes deste grupo de pesquisa, mas tenho afazeres nos três períodos. Desta forma, gostaria, caso seja possível, de solicitar que sejamos avisados, antecipadamente, com pelo menos um dia de antecedência, por e-mail, sobre *chats*, videoconferências... Abraços e obrigada pela atenção, Solange.

Re: Reuniões, *Chats*, ...!!

por Prof(a).Carla - sexta, 25 abril 2008, 10:12

Olá, Solange. Seja muito bem-vinda. Espero que possamos partilhar nossas experiências e discutirmos muito sobre as tecnologias educacionais e a EAD. Quanto às atividades, elas sempre estão agendadas no calendário. Você deve acessar o ambiente e verificar no calendário e quando há algo não programado com antecedência, também não deixamos de avisar o grupo por meio do fórum e e-mail. Sinta-se à vontade e não deixe de participar. Obrigada pela sua presença.

Carla

Excerto 23

Slides reunião

por Kátia - quinta, 24 abril 2008, 14:11

 Educacao-final.ppt

Estes são os slides da reunião

Re: Slides reunião

por Bruna - sábado, 3 maio 2008, 20:59

Olá, Kátia e Marcos. Infelizmente eu não consegui conexão no horário da apresentação. Verifiquei os slides, parabéns pela contribuição científica de vocês. Isso nos fortalece a pesquisar ainda mais essa modalidade de educação online e suas interfaces.

Abraços,

Bruna.

Re: Slides reunião

por Natália - sexta, 2 maio 2008, 09:25

 EX-ALUNOS_DE_EAD.pdf

Kátia:

Somente agora estou "atacando" pra valer o nosso grupo de estudo/pesquisa.

Vi os seus slides e presumi que se trata de uma pesquisa realizada com alunos de EAD sobre a sua validade. Gostei muito do trabalho e, enquanto o analisava lembrei-me de um estudo exploratório que li recentemente. Não sei se o grupo já o conhece, mas, por via das dúvidas, vou colocá-lo neste fórum.

Abrs.

Natália

Re: Slides reunião

por Marina - domingo, 27 abril 2008, 12:53

Oi Kátia!

Peço desculpa por não ter estado "presente" na sua apresentação, mas a tecnologia por vezes nos prega partidas, e nesse caso, o PC se recusou a arrancar... (o problema já foi entretanto resolvido 😊)

De qualquer modo estive vendo e lendo a sua apresentação e o seu estudo que me parece bem interessante... Parabéns!

Um abraço

Marina

Excerto 24

PROJETO DE PESQUISA SOBRE O GETED

por Natália - sexta, 2 maio 2008, 09:52

Cara Carla e demais participantes:

A Carla nos falou sobre um novo Projeto de Pesquisa que pretende desenvolver sobre o próprio GETED.

Sinto a necessidade de conhecer esse Projeto em detalhe (sou colaboradora dele), conhecer as minhas atribuições, sugerir (se possível) e inclusive possuir uma cópia completa do mesmo para cadastrar junto à minha Universidade, a UEMS.

Pergunto se seria possível fazermos essa discussão por aqui.

Abraços.

Natália

Re: PROJETO DE PESQUISA SOBRE O GETED

por Bruna - sábado, 3 maio 2008, 21:19

Olá, Natália. Acredito que a discussão iniciada em março e disponível no ambiente fórum (GETED) **Projeto 2008 e Interação entre os participantes** por Juliana - sexta, 7 março 2008, 12:05. Poderá contribuir com seus questionamentos. Para vc ter um melhor conhecimento de tudo que ocorre no GETED ao final da página principal do fórum, consta um acesso Discussões mais antigas ... basta ir em Discutir este tópico. Ali estão todos os comentários e discussões realizadas.

Abraços,

Bruna.

Excerto 25

Textos ENDIPE

por Bruna - sábado, 3 maio 2008, 22:09

 Vani_Moreira_Kenski.pdf

Olá, integrantes do GETED.

Durante o período de 27 a 30/04/2008 ocorreu o Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - **ENDIPE**. Juliana, Carla, Rodrigo e Bruna (eu), participamos apresentando painel e contribuindo com as discussões em torno da educação

online. Foi um momento privilegiado de socialização do conhecimento, de troca de saberes e de perspectivas e questionamentos para novas investigações. Compartilho alguns textos discutidos no evento.

Abraços,

Bruna.

Excerto 26

Textos

por Bruna - sábado, 3 maio 2008, 22:11

 Marilda_Aparecida_Behrens.pdf

Anexo.

Excerto 27

Texto

por Bruna - sábado, 3 maio 2008, 22:13

 Marie-Cristine_Josso.pdf

Anexo.

Excerto 28

Reunião dia 09 de maio de 2008.

por Juliana - sexta, 9 maio 2008, 18:56

 Trabalho_docente_na_EAD.ppt

Olá GETED, fica aqui um espaço onde poderemos continuar as discussões sobre o Trabalho Docente na EAD. Deixo algumas provocações:

- O que podemos dizer do GETED? Consigo me sentir parte deste grupo? Ele é somente mais uma tarefa a cumprir? De alguma maneira ele me ajuda ou acrescenta algo?
- Quais as implicações dos paradigmas inovadores no trabalho do professor?
- Por que os professores não aderem facilmente a esses paradigmas?
- Esses paradigmas aparecem nas propagandas da EAD, mas são claros em suas práticas? Eles são compatíveis com os interesses capitalistas?

Neste espaço também poderemos expressar nossas impressões quanto à reunião, à ferramenta utilizada, à participação do grupo e sobre a temática. Segue em anexo os slides que tratam da temática do Trabalho Docente na EAD. Att,

Juliana

Re: Reunião dia 09 de maio de 2008.
por Bruna - sexta, 16 maio 2008, 00:17
Olá, Juliana e Todos os integrantes do GETED.

No meu ver, o GETED é um grupo que ainda precisa melhorar, temos integrantes ricos de conhecimentos e experiências que possam contribuir com os demais. Então, acredito, que falta uma iniciativa de interação dos participantes. Postar, aparecer e se manifestar.

O professor precisa aderir a mudanças na ação educativa. Educação como processo permanente de transformação, atualização e pesquisa, são várias as realidades de nossos alunos, professores e Instituições. Reflito nas diferentes tecnologias e linguagens por nós utilizadas (*chat*, fórum, *wiki*) e nós professores, devemos estar atentos com os avanços com o intuito de inseri-los no nosso cotidiano mediante um relacionamento crítico com essas interfaces envolvendo novas formas de ensinar e de aprender condizentes com o paradigma da sociedade do conhecimento.

As tecnologias nem sempre contemplam a todos. Na sua reunião no GETED, fui persistente ao localizar um site, criar um novo e-mail e seguir a receita que foi elaborada por mim mesma para acessar o ambiente. São situações de desafios e naquele momento percebia que a pessoa prejudicada seria eu mesma se não tivesse paciência de recomeçar. Considero que os seus argumentos nos slides foram muito bem preparados e reflexivos para todos nós. Abraços, Bruna.

Re: Reunião dia 09 de maio de 2008.
por Juliana - terça, 13 maio 2008, 09:20
Realmente ficamos assim frente às tecnologias. Elas nos amedrontam, limitam... e talvez de um outro ângulo, elas sejam bem simples. Como aponta Mill (2002), são as tecnologias que têm ditado as regras. Elas exercem grande influência no trabalho pedagógico virtual e determinam o grau de parcelamento das atividades nesse contexto. E aí? O que fazer? Novas tecnologias (como o *wiziq*, por exemplo) ampliam as possibilidades de interação com imagem e som, mas sabemos lidar com elas? O professor é obrigado a saber tudo sobre essas tecnologias?

Quanto mais complexa a tecnologia mais técnicos têm que nos ajudar. Ficamos à mercê de suas decisões. De sua boa vontade. Como lidar com isso? Vamos voltar ao ensino por correspondência por ser a coisa mais fácil a fazer, pois talvez dominamos mais partes do processo? Também não tenho respostas Carla, mas podemos pensar mais sobre isso.

Re: Reunião dia 09 de maio de 2008.
por Prof(a).Carla - segunda, 12 maio 2008, 13:40
Juliana, fico pensando a necessidade de refletirmos alguns pontos elencados em sua apresentação. Até que medida sabemos equilibrar questões relativas às competências do professor, sua capacitação, seu envolvimento na preparação e na

execução das atividades na ead? E mais ainda, a questão do lucro e da qualidade. Não tenho respostas, mas sei que precisamos estar atentos a todos estes fatores para não acabarmos na proletarização de nosso trabalho.

Vejam este vídeo, pois para mim há uma relação muito grande com o que tem acontecido em nossas reuniões que utilizamos o *wiziq*. O que acham?

<http://br.youtube.com/watch?v=IJq-x2Vrv8c>

Re: Reunião dia 09 de maio de 2008.

por Fabiana - sexta, 9 maio 2008, 09:40

Olá Juliana, farei o possível para participar. Abraço. Fabiana

Re: Reunião dia 09 de maio de 2008.

por Prof(a).Carla - quarta, 7 maio 2008, 18:38

Oi, Juliana. Pode contar comigo também. Até.

Bjs

Carla

Re: Reunião dia 09 de maio de 2008.

por Bruna - terça, 6 maio 2008, 20:07

Olá, Juliana. Estarei presente.

Abraços,

Bruna.

Excerto 29

Anuário AbraEAD 2008

por Bruna - sexta, 16 maio 2008, 00:25

 anuario_abraead2008.zip

Olá, recebi o Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (AbraEAD) e compartilho com vcs.

Abraços, Bruna.

Re: Anuário AbraEAD 2008

por Fabiana - sábado, 24 maio 2008, 22:18

Ok! Bruna. Obrigado. Fabiana

Re: Anuário AbraEAD 2008
por Juliana - sexta, 16 maio 2008, 08:20
Olá Bruna, obrigada por compartilhar conosco o Anuário.

Essas informações podem ajudar bastante nossas pesquisas.

Juliana

Excerto 30

Reunião dia 29 de maio
por Prof(a).Carla - segunda, 26 maio 2008, 10:47
Olá, geted. Nossa próxima reunião será no dia 29 de maio, quinta-feira, às 14:00h.
A coordenadora será a Professora Gláucia e tratará da seguinte temática:

As funções e níveis de linguagem nas interações mediadas pelas ferramentas de comunicação virtuais.

Quem estiver em Campo Grande poderá participar da reunião presencialmente na sala de Vídeo-Conferência na Diretoria de EAD. Os outros poderão participar da reunião virtualmente pelo ambiente moodle.

Contamos com a presença e a participação efetiva de todos.

Até quinta.

Carla

Re: Reunião dia 29 de maio
por Rodrigo - quarta, 28 maio 2008, 16:27
Ok, participarei presencialmente.

Re: Reunião dia 29 de maio
por Prof(a). Gláucia - quarta, 28 maio 2008, 16:10
Olá colegas de pesquisa!!!

Em razão da nossa coordenadora ter uma reunião às 14 horas na UFMS , o nosso encontro passou para às 16 horas!!!!

um grande abraço Gláucia

Re: Reunião dia 29 de maio
por Juliana - terça, 27 maio 2008, 09:35
Vou participar pelo ambiente.

Excerto 31

Olá pessoal!!!

por Prof(a). Gláucia - quarta, 28 maio 2008, 16:56

Amanhã às 16 horas discutiremos o papel da linguagem e as suas funções no processo de interação comunicativa!!!!

Não percam!!!!!

abs Gláucia

Excerto 32

ATENÇÃO

por Prof(a).Carla - quarta, 28 maio 2008, 18:24

Pessoal, prestem atenção que o horário da reunião de amanhã, dia 29 de junho, foi alterado. Das 14:00h passou para 16:00h. Obrigada.

Carla

Excerto 33

Notícias

por Tereza Helena - quarta, 4 junho 2008, 23:37

Olá, família GETED!

Entrei no grupo por intermédio da profa. Gláucia, mas vocês ainda não me conhecem.

Fiquei quase seis meses sem poder digitar, devido a uma inflamação no braço direito e, por essa razão, não pude participar das reuniões e discussões; aos poucos, estou voltando às minhas atividades normais e espero dar algumas contribuições.

Um grande abraço,

Tereza Helena

(Doutoranda da Universidade de Salamanca - Procesos de Formación en Espacios Virtuales)

Excerto 34

Talvez seja útil
por Tereza Helena - quinta, 5 junho 2008, 00:38
educ_dialogica_teceduc.pdf
Anexo

Re: Talvez seja útil
por Prof(a).Carla - quinta, 5 junho 2008, 08:44
Muito pertinente a apresentação sobre interação dialógica.

Obrigada.

Carla

Excerto 35

O último de hoje
por Tereza Helena - quinta, 5 junho 2008, 00:53
tecnol_aliada_educ.pdf

Pessoal, espero ter contribuído com essa socialização de conhecimentos.

Abraços,

Tereza Helena

Re: O último de hoje
por Prof(a).Carla - quinta, 5 junho 2008, 08:49
A professora Léa é sempre fantástica, com simplicidade apresenta uma riqueza de novas possibilidades.

Carla

Excerto 36

Este é o penúltimo
por Tereza Helena - quinta, 5 junho 2008, 00:48
pluralidade_midias_teceduc.pdf
Anexo

Re: Este é o penúltimo
por Prof(a).Carla - quinta, 5 junho 2008, 08:52
Esses slides nos fazem pensar sobre a importância do fluxo comunicacional, não?

Carla

Excerto 37

Mais um
por Tereza Helena - quinta, 5 junho 2008, 00:46
 Nely_Robles_Reis_Bacellar_Redes_Inclusivas_x_Centros_Exclusivos_-_
_completa.pdf
Anexo

Re: Mais um
por Prof(a).Carla - quinta, 5 junho 2008, 08:57
Precisamos pensar a inclusão digital como social e promotora da cidadania também.

Carla

Excerto 38

Outro trabalho
por Tereza Helena - quinta, 5 junho 2008, 00:43
 minicurso_Carla.pdf
Anexo

Re: Outro trabalho
por Prof(a).Carla - quinta, 5 junho 2008, 09:00
Vejo a questão da qualidade como prioridade em qualquer proposta de ead.

Carla

Excerto 39

CHAT DIA 12 DE JUNHO DE 2008
por Prof(a).Carla - quarta, 11 junho 2008, 07:57
Olá, Geted. Teremos um *chat* no dia 12 (quinta-feira) às 15:00H no ambiente moodle. A temática será o *WIKI* e com a Coordenação da Natália da Ana Paula.

Até.

Carla

Excerto 40

Trabalhos enviados

por Tereza Helena - quinta, 5 junho 2008, 00:14

Pessoal, acabei de enviar alguns trabalhos apresentados em congressos, em 2007 - dos quais participei - pois, talvez, possam trazer alguma contribuição.

Alguém poderia me comunicar se, de fato, chegaram?

Um grande abraço,

Tereza Helena

Re: Trabalhos enviados

por Prof(a). Gláucia - quarta, 11 junho 2008, 08:44

Tereza Helena!1

Que alegria vê-la finalmente integrada ao nosso grupo.

um abraço da amiga de sempre

Gláucia

Re: Trabalhos enviados

por Tereza Helena - quinta, 5 junho 2008, 22:20

Oi, Bruna!

Agradeço muito a sua atenção. Espero, de fato, contribuir mais.

Um grande abraço,

Tereza Helena

Re: Trabalhos enviados

por Tereza Helena - quinta, 5 junho 2008, 22:19

Olá, Carla!

Sim, você pode me chamar assim.

Obrigada pela delicadeza de suas palavras.

Um grande abraço,

Tereza Helena

Re: Trabalhos enviados
por Bruna - quinta, 5 junho 2008, 10:07
Olá,Tereza Helena. Seja bem-vinda no GETED.

Obrigada pelas contribuições postadas.

Abraços,

Bruna.

Re: Trabalhos enviados
por Prof(a).Carla - quinta, 5 junho 2008, 09:05
Olá, Tereza Helena (posso lhe chamar assim?).

Obrigada pelas suas contribuições e seja bem-vinda ao grupo. Espero que possa participar de nossas discussões e colaborar nessa caminhada que estamos trilhando. Abraços.

Excerto 41

Mais um trabalho
por Tereza Helena - quinta, 5 junho 2008, 00:41
Metricas_desempenho_EAD.pdf
Anexo

Re: Mais um trabalho
por Prof(a). Gláucia - quarta, 11 junho 2008, 08:56
Tereza Helena

o TEXTO NOS TRAZ UMA VISÃO GLOBAL DO ENSINO A DISTÂNCIA. ELE É PRODUTO DE ALGUM SEMINÁRIO?

ABS GLÁUCIA

Re: Mais um trabalho
por Prof(a).Carla - quinta, 5 junho 2008, 09:03
Acredito que o uso de métricas para avaliar o desempenho depende de muitas variáveis que precisam ser consideradas para podermos compreender com profundidade o fenômeno em foco.

Carla

Excerto 42

ESTE É O TEXTO DA REUNIÃO!!!!

por Prof(a). Gláucia - quarta, 11 junho 2008, 08:53

 O_uso_das_funcoes_e_niveis_de_linguagem.ppt

O OUTRO QUE POSTEI É UMA CONTRIBUIÇÃO PARA APROFUNDAMENTO DO TEMA PROPOSTO

GLÁUCIA

Re: ESTE É O TEXTO DA REUNIÃO!!!!

por Prof(a).Carla - quinta, 12 junho 2008, 07:40

Obrigada, Gláucia. Estes slides podem colaborar muito com aqueles que estão investigando as questões linguísticas no contexto virtual.

Carla

Excerto 43

WIKI - TEMÁTICA PARA A PRÓXIMA REUNIÃO

por Natália - sexta, 30 maio 2008, 10:04

 A_TECNOLOGIA_WIKI.doc

Colegas:

Ficou combinado entre a Coordenadora Carla e nós (NATÁLIA e ANA PAULA) que a próxima reunião abordará a temática *WIKI*.

As estratégias serão as seguintes;

- Usaremos, primeiramente, este FÓRUM para ler sobre e debater a temática.
- Vou postar um texto elaborado por mim (um dos capítulos do livro que estou tentando publicar), o qual trata da TECNOLOGIA *WIKI*.
- Em seguida, vamos disponibilizar nossos experimentos no *WIKI*:

a) NATÁLIA: site www.natalia.wikidot.com

b) ANA PAULA: páginas criadas no *WIKISPACES*.

- Quanto ao www.natalia.wikidot.com, é necessário seguir os seguintes passos para acessá-lo:

1. Entrar no site.
2. Na topo da página inicial, clicar em CREATE ACCOUNT e se cadastrar.
3. Informar para mim o NOME DE USUÁRIO usado nesse cadastro (pode ser por email).
4. De posse desse nome de usuário, eu enviarei, por email, um CONVITE.
5. ACEITAR o convite, acessar novamente o site, logar e explorar o conteúdo.

A ANA PAULA dará "pessoalmente" as instruções para acessar o trabalho dela.

Vamos dar um tempo para vocês lerem, refletirem e trocarmos ideias neste Fórum.

AIÁ, A CARLA AGENDARÁ UM *CHAT* TIRA-DÚVIDAS.

Espero que funcione, pois estamos tendo dificuldades com o *WiZiQ* e não temos como nos deslocar para Campo Grande, dados os nossos afazeres.

ACEITAMOS SUGESTÕES DE COMO MELHORAR ESTA PROPOSTA.

Abraços.

Natália

Re: *WIKI* - TEMÁTICA PARA A PRÓXIMA REUNIÃO

por Natália - quinta, 12 junho 2008, 11:16

Carla, Juliana e Bruna:

Parabéns pelos questionamentos levantados, que são mesmo inquietantes! Aliás, essa é mesmo uma era inquietante, de rupturas bruscas, mudança de paradigma cultural e de desconstrução da era convencional da escrita impressa. Acredito até que estamos ver a nascer a geração cognitivamente "mutante", visto que a expansão das potencialidades humanas já estão incorporando (no sentido literal da palavras) as novas tecnologias. Eu nem estranharia se, qualquer dia desses, a implantação de *chips* no corpo humano se tornasse corriqueira.

Algumas mudanças já são bastante consensuais dentro do nosso próprio grupo: a interatividade da Internet e a ação cooperativa. Aliás, Pierre Lévy, já há tempos vem ressaltando a nova inteligência coletiva da espécie humana, para ele um "direito" moral do *netcitizen*, o cidadão da Net. Essa inteligência coletiva prevê a contribuição de todos para o acervo cultural humano. Penso que o *Wiki* é uma das

maneiras mais simples de operacionalizar essa contribuição.

Ward Cunningham, o criador do *Wiki* nos alerta de que o *Wiki* pode funcionar e pode não funcionar. Para mim, isso é uma característica de "todas as tecnologias" e de seu uso. Elas são apenas aparentemente neutras. Para o bem ou para o mal, elas aí estão.

A primeira vez que citei a "abertura total" da ferramenta *Wiki* numa palestra na UNICAMP em 2006, houve uma manifestação de "horror" por parte de alguns acadêmicos renomados. É que a questão da "autoridade" do impresso é ainda muito forte e presente em nossa concepção cultural! Se é impresso num livro ou numa revista "tem de ser necessariamente verdadeiro"! Mas sabemos que não é bem assim! Há verdades e inverdades nos documentos escritos. No *Wiki* também haverá, com certeza. O importante é que não existe mais uma casta de "doutos", os donos da verdade impressa. O *Wiki* "democratizou" a verdade (e a inverdade também).

Os programadores dos *WikiClones* "preocupam-se" muito com essa "autenticação". Assim, o que era para ser totalmente aberto, passou a incluir senhas, no sentido de "selecionar" a comunidade que teria acesso livre a alguns *Wikis*; uma espécie de condomínio tecnológico. Assim é que surgiram as *WikiFarms* (como o meu *WikiSite*), que necessitam de "licença" para entrar. Essa talvez tenha sido uma estratégia intermediária para tornar o *Wiki* mais palatável.

Essas questões fiolóficas sobre o bem e o mal do *Wiki* ainda vão (e precisam) render muito debate. Eis porque me propus a isso. Pessoalmente, a credito no benefício do *Wiki*, tanto que o tenho utilizado em várias ocasiões. Estou consciente dos seus perigos (que não se trata, Juliana, apenas o da cópia da *Wikipedia*, já que a maioria dos nossos alunos, em seus "estudos", usam a Internet para isso mesmo: CTRL-C e CTRL-V.

De uma coisa estou certa: o *Wiki* vai-se incorporando a todos os ambientes educacionais de nova geração, como o MOODLE, por exemplo. Na palestra comentada acima, houve um único depoimento de uso do *Wiki*: o de um participante que o utilizava na empresa onde trabalhava, em projetos corporativos.

Embora haja opinião de que o *Wiki* não se presta à arte literária (já que esta é, por essência, uma expressão individual), há campos que, a meu ver, se prestam maravilhosamente para a autoria coletiva: a História, por exemplo, que seria "contada" sob diversos pontos de vista. Quanto à ciência, a questão permanece polêmica. Entretanto, a tendência é não se fazer mais "ciência individual", mas projetos interpessoais, interdisciplinares e interinstitucionais.

A propósito, escrevi recentemente um ensaio questionando como fica o "sujeito" na Análise do Discurso, diante de um WikiDiscurso. Não podemos mais nos basearmos em Pêcheux, nem em Foucault e nem mesmo no sujeito polifônico de Bakhtin.

Por ora, paro aqui, para tomar fôlego e para "ouvir" vocês!

Abrs.

Natália

Algumas questões.

Re: *WIKI* - TEMÁTICA PARA A PRÓXIMA REUNIÃO

por Bruna - terça, 10 junho 2008, 13:33

Olá, Geted!

A “família” *Wiki* é realmente grande. No entanto percebo que há necessidade de se questionar os recursos tecnológicos, software com linguagens abertas, colaborativas, flexíveis num processo de decisões conscientes sobre os meios e sua função no processo educativo, destacando todas as pontuações da Carla e indagações da Juliana como pontos curiosos para a nossa discussão.

Abraços,

Bruna

Re: *WIKI* - TEMÁTICA PARA A PRÓXIMA REUNIÃO

por Juliana - terça, 10 junho 2008, 09:19

Olá Natália e Ana Paula,

Ao ler o texto, me indagava sobre as questões relativas ao controle no *wiki*, à segurança e veracidade das ideias.

Vocês pontuam que *wikis* públicos como o wikipédia dispensam maiores medidas de segurança, então, como garantir a veracidade das informações ali citadas? Como lidar com os trabalhos de pesquisas dos alunos que basicamente são cópia do wikipédia? Se o conhecimento coletivo produzido nesse *wiki* é um conhecimento positivo, por que não é válido cientificamente? Ou é válido?

A situação contrária também me inquieta: se é um instrumento para a construção de um conhecimento coletivo, qual a função do controle, nos *wikis* restritos? Não levam a uma pseudo-participação? A consciência desse controle não modifica as atitudes dos participantes passando a mensagem: Participe, Coloque suas ideias, mas “Sorria, você está sendo filmado”?

São alguns das situações que ainda não ficaram claras pra mim e que, talvez, pudéssemos discutir mais pela experiência que vocês têm com essa tecnologia.

Abraços,

Juliana

Re: *WIKI* - TEMÁTICA PARA A PRÓXIMA REUNIÃO

por Natália - segunda, 9 junho 2008, 10:52

Carla:

Pensei em iniciar a discussão a partir dos questionamentos que você faz, mas decidi-me a esperar um pouco mais, para dar oportunidade a todos de refletirem sobre o texto, sem a interferência do autor. Vou aguardar, portanto, outros "olhares" tão argutos quanto o seu, inclusive para a minha própria reflexão.

Abrs.

Natália

Re: *WIKI* - TEMÁTICA PARA A PRÓXIMA REUNIÃO

por Bruna - quinta, 5 junho 2008, 10:18

Olá, Ana Paula e Natália. Vou ler o texto para contribuir com a discussão.

Abraços,

Bruna.

Re: *WIKI* - TEMÁTICA PARA A PRÓXIMA REUNIÃO

por Prof(a).Carla - quinta, 5 junho 2008, 09:31

Olá, geted. Lendo o texto da Natália, surgiram alguns questionamentos que gostaria de compartilhar com vcs:

- no item 2.2.2 Controlando os usuários - o que significa "meter o bedelho", sem absolutamente qualquer restrição - quais são as implicações desse ato? como lidar com isso?

-em seguida : o controle sempre se faz necessário - que controle é esse? temos aí um continuum com duas extremidades bastante distantes. Como se equilibrar entre esses dois extremos?

- no item 3.1 - "[...] o *Wiki* constitui um *corpus* do qual uma determinada comunidade deseja usufruir, cabe a essa comunidade o direito e a obrigação de zelar pelo seu conteúdo". - Pergunto, o que é significativo para um pode não ser para outro, como lidamos com isso?

- em seguida: "consenso da comunidade" - como chegar a esse consenso?

-logo adiante - "onde somente os bons jogadores têm a motivação para continuar jogando" - Pergunto: mesmo? só os bons? quem são os bons? sob qual referência?

-item 5.1.4 - "padronização" - é possível em um "repertório livre da inteligência coletiva", diante de tanta diversidade e amplitude?

- não entendi no item 5.2 - "um provável leitor crítico fica impedido de repetir o experimento" - o que significa isso?

- no item 5.2 - "muito cientistas podem não se sentir atraídos pela ferramenta *wiki*"

(pelo fato de qualquer um poder adicionar algo?)" - não sei, tenho minhas dúvidas
- curiosidade - quem discute "polifonia colaborativa"?

Obrigada e espero ter levantado questões para pensarmos sobre.

Carla

Re: *WIKI* - TEMÁTICA PARA A PRÓXIMA REUNIÃO

por Prof(a).Carla - segunda, 2 junho 2008, 11:52

Olá, Natália, Ana Paula e GETED. Acredito que a proposta é interessante. Mesmo que cause um pouco de estranheza no início, a situação pode nos proporcionar novas experiências de aprendizagem e aumentar a nossa familiaridade a novos contextos. Vou ler o texto e logo participarei com alguns comentários. Sucesso!

Abraços.

Carla

Excerto 44

Link de página no *wiki*

por Ana Paula - quinta, 12 junho 2008, 08:46

Pessoal, o link abaixo é a página construída pelos alunos do curso de Letras para escrita das descobertas acerca de cada tópico estudado na disciplina Literatura Inglesa II, ministrada por mim.

<http://literaturainglesaii.wikispaces.com/>

Re: Link de página no *wiki*

por Bruna - terça, 17 junho 2008, 07:49

Olá, Ana Paula. Parabéns pela inovação em suas aulas. Acredito que o espaço *wiki* é muito rico na aprendizagem compartilhada.

Abraços,

Bruna

Re: Link de página no *wiki*

por Prof(a).Carla - domingo, 15 junho 2008, 19:23

Bem interessante, Ana Paula. Mesmo entendendo muito pouco sobre *wiki*, acredito que haja muitas possibilidades de um processo de aprendizagem colaborativo. Precisamos implementar o nosso *wiki*, quem sabe qdo iniciarmos a nossa pesquisa

efetivamente.

Abraço.

Carla

Excerto 45

IV Seminário Internacional Imagens da Cultura / Cultura das Imagens
por Marina - quinta, 12 junho 2008, 16:05

Aproveito o espaço para divulgar o IV Seminário Internacional Imagens da Cultura/Cultura das Imagens, a realizar no Porto (Portugal), nos dias 4 a 6 de Julho de 2008.

Quem estiver interessado pode aceder ao espaço através do seguinte endereço:

<http://imagensdacultura.wikispaces.com>

Marina

Re: IV Seminário Internacional Imagens da Cultura / Cultura das Imagens
por Bruna - terça, 17 junho 2008, 07:56

Olá, Marina. Muito rica a programação do evento. Desejo sucesso na sua abordagem de Comunidades de Prática e Aprendizagem Colaborativa.

Abraços,

Bruna

Re: IV Seminário Internacional Imagens da Cultura / Cultura das Imagens
por Prof(a).Carla - domingo, 15 junho 2008, 19:20

Parabéns pelo seminário e muito sucesso. Espero que o GETED possa contribuir de alguma forma, mesmo que virtualmente, não é pessoal?

Carla

Excerto 46

TEXTO DA NOSSA ÚLTIMA REUNIÃO
por Prof(a). Gláucia - quarta, 11 junho 2008, 08:52

 Fatores_Textuais.ppt

Olá turma!!!

Adorei a participação de vocês na nossa última reunião. Gostaria muito que a leitura do texto que apresentei provoque uma boa discussão entre nós. Trouxe para discussão outro texto bom sobre o assunto proposto.

Abs Gláucia

Re: TEXTO DA NOSSA ÚLTIMA REUNIÃO

por Bruna - terça, 17 junho 2008, 08:12

Olá, Gláucia. Gostei muito da sua abordagem "**O uso das funções e níveis de linguagem ...**" com certeza despertou novos olhares e mais curiosidades. Parabéns!!!

Obrigada por compartilhar os textos/slides.

Abraços,

Bruna.

Excerto 47

Próxima Reunião Dia 27 de junho

por Prof(a).Carla - segunda, 23 junho 2008, 12:02

Olá GETED. Nossa última reunião do semestre acontecerá no dia 27 de junho às 14:00h na sala de vídeo conferência da EAD. Aqueles que estiverem fora de Campo Grande poderão participar pelo ambiente moodle e se comunicar pelo *chat*. Iremos fazer uma avaliação do semestre e planejar o segundo semestre, inclusive discutir como iremos proceder com as pesquisas. Espero contar com a presença de todos. Até sexta.

Abraços.

Carla

Re: Próxima Reunião Dia 27 de junho

por Bruna - segunda, 23 junho 2008, 20:43

Olá, até sexta no *chat*.

Abraços,

Bruna

Excerto 48

CRONOGRAMA REUNIÕES SEGUNDO SEMESTRE

por Prof(a).Carla - sexta, 20 junho 2008, 16:44

ATENÇÃO: HOUVE MUDANÇA NAS DATAS DA PROPOSTA (as reuniões seriam na quarta que passam a ser na segunda à tarde - 13:30 às 17:30)

Olá, pessoal. Gostaria que opinassem sobre a proposta de calendário de reuniões GETED segundo semestre de 2008:

Agosto: 04; 18

Setembro: 08;29

Outubro: 06; 27

Novembro: 10; 24

Seriam sempre às SEGUNDAS (13:30/17:30)

Seria importante disponibilizarmos essas 4 horas para a reunião, pois precisamos estudar e colocar a mão na massa na pesquisa e teremos apenas 8 encontros. Por isso, a necessidade de agendarmos e não fazermos qualquer outro compromisso nesses dias marcados.

Aguardo o retorno de vocês. Abraços.

Carla

Re: CRONOGRAMA REUNIÕES SEGUNDO SEMESTRE

por Rodrigo - quinta, 26 junho 2008, 14:02

Olá a todos,

Para mim não há problemas com o calendário.

Abraços

Rodrigo

Re: CRONOGRAMA REUNIÕES SEGUNDO SEMESTRE

por Fabiana - sábado, 21 junho 2008, 20:10

Olá Carla, acredito que não terei problemas quanto ao horário de segunda feira no período da tarde. Tudo bem.

Abraço.

Gláucia

Re: CRONOGRAMA REUNIÕES SEGUNDO SEMESTRE

por Juliana - sexta, 20 junho 2008, 20:32

Olá GETED, estou de acordo com as reuniões na segunda a tarde.
Abraços,

Juliana

Re: CRONOGRAMA REUNIÕES SEGUNDO SEMESTRE

por Bruna - terça, 17 junho 2008, 07:43

Olá, Carla. Estou de acordo com as datas e com quaisquer dos períodos: de manhã ou à tarde acatando o que melhor for para os demais integrantes do GETED.

Abraços,

Bruna

Re: CRONOGRAMA REUNIÕES SEGUNDO SEMESTRE

por Natália - segunda, 16 junho 2008, 10:34

Oi, Carla: Sobre o cronograma para as reuniões do segundo semestre, estou de acordo com as datas e com quaisquer dos períodos: de manhã ou à tarde. Coloco apenas uma sugestão: que os coordenadores de cada reunião adiantem, em pelo menos uma semana, o material a ser tratado, para que possamos conhecê-lo de antemão e refletir sobre eles antes da reunião.

Abrs.

Natália

Excerto 49

Ficha de avaliação do semestre do GETED

por Prof(a).Carla - sexta, 27 junho 2008, 08:04

Ficha_Sugestao_Geted.doc

Olá, geted. Gostaria que todos os integrantes e participantes do GETED respondessem à ficha de avaliação do desenvolvimento do GETED durante o semestre de 2008 A. É muito importante que você preencha a ficha com bastante honestidade e clareza no sentido de otimizarmos nossa próxima caminhada durante o segundo semestre de 2008 B.

Carla

Excerto 50

Projeto 2008

por Juliana - sábado, 28 junho 2008, 23:56

 PROJETO_FINAL_FUNDECT_2008.doc

Olá GETED, gostaria de abrir este espaço para discussão do Projeto ao qual estamos inseridos neste ano e também para nos conhecermos. Cada um pode partilhar seu foco de pesquisa e assim poderemos encontrar os pares com o mesmo interesse.

Também fica um espaço para levantarmos novas temáticas para discussões em reuniões (chats).

Abs,

Juliana

(Editado por Bruna - sexta, 7 março 2008, 12:05)

Re: Projeto 2008

por Rodrigo - segunda, 7 julho 2008, 16:31

Olá,

Sou analista de sistemas, especialista em Engenharia de Websites e atuo como docente nos cursos da área de computação da UNIDERP e UNAES. Sou aluno do Mestrado em Educação da UCDB, onde investigo as concepções de avaliação da aprendizagem de docentes que atuam na EAD.

Tenho muitas expectativas como o nosso projeto, uma vez que este poderá projetar mais o nosso grupo, representando assim uma concretização do que idealizamos ao criar o grupo.

Re: Projeto 2008 e Interação entre os participantes

por Juliana - terça, 6 maio 2008, 16:40

Pessoal, esse fórum continua esperando a contribuição de cada um com suas experiências e expectativas para o Projeto 2008.

Juliana

Re: Projeto 2008 e Interação entre os participantes

por Prof(a).Carla - sábado, 8 março 2008, 11:16

Olá, pessoal. Sou Linguista Aplicada e professora pesquisadora no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, na linha que trata da formação de professores e suas práticas pedagógicas. Eu, especificamente, dentro da linha 2, investigo a EAD e as tecnologias educacionais. A proposta do projeto maior deste grupo GETED vem ao encontro da temática que investigo: questões das inter-relações professor, aluno, currículo, formação, práticas pedagógicas e tecnologias. Espero que todos participem efetivamente da pesquisa e que possamos crescer bastante neste processo colaborativo educacional.

Abraços,

Carla

Re: Projeto 2008 e Interação entre os participantes

por Bruna - sexta, 7 março 2008, 16:20
Olá, GETED. Sejam bem-vindos!

Sou Bruna, graduada em Graduação de Professores, especialista em Gestão Avançada de Recursos Humanos e mestranda em Educação, ambos pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB.

Estou desenvolvendo a dissertação do mestrado com o objetivo de analisar a aprendizagem colaborativa na Educação a Distância sob a perspectiva do aluno.

Contudo, além da viabilidade tecnológica, a sustentação do princípio de aprendizagem colaborativa, precisa se apoiar em conhecimento compartilhado, aprendizagem mediada, valorização de diversidades e das diferenças, construção de significações e re-significações no processo de aprendizagem. Sem este conjunto de fatores, a tecnologia, por si só, não basta. Percebo que a proposta de uma aprendizagem colaborativa permite que professores e alunos reavaliem continuamente seus papéis e suas práticas e vislumbrem novas possibilidades na produção do conhecimento. Se você tiver interesse nesta área, seja bem-vindo (a), temos muito que pesquisar, analisar, compartilhar. Na reunião do dia 13/03 às 14:00, vamos discutir essa temática.

Re: Projeto 2008 e Interação entre os participantes
por Juliana - sexta, 7 março 2008, 12:14

Vou começar.

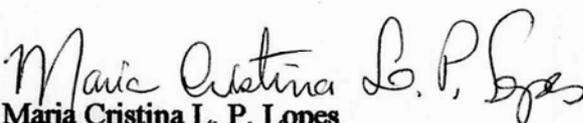
Sou Analista de Sistemas e estou atuando no Curso de Sistemas de Informação na UEMS em Dourados. Sou aluna do Mestrado em Educação da UCDB onde estou desenvolvendo minha dissertação sobre o Trabalho Docente na Educação a Distância. Essa temática envolve questões sobre a intensificação de atividades e burocratização que o trabalho do ensino vem sofrendo no contexto da EAD. Estaremos discutindo mais questões sobre essa temática na reunião do dia 27/03. Neste Projeto 2008 pretendo estar direcionando o olhar para as reflexões e críticas à cerca das concepções de EAD e suas consequências para o Trabalho Docente. Se mais alguém tiver interesse nesta área, seja bem vindo.
Abraços,
Juliana

ANEXO 11

AUTORIZAÇÃO

AUTORIZO a acadêmica Margareth Corniani Marques, do Programa de Pós-Graduação-Mestrado em Letras do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a pesquisar o Grupo de Pesquisas e estudos sobre tecnologia e educação a distância-GETED.

Campo Grande-MS, 2 de abril de 2009.


Profª. Dra. Maria Cristina L. P. Lopes
Coordenadora do Grupo